o mistério da compreensão

KRISHNAMURTI

CULTRIX

O MISTÉRIO DA COMPREENSÃO

KRISHNAMURTI

O presente volume reúne o texto completo de dez conferências pronunciadas por Krishnamurti em Saanen, na Suíça, relacionadas com o problema de uma nova compreensão do mundo e da vida. Entre outras, são aqui esclarecidas questões de grande importância, tais como: Como posso compreender o inconsciente? Qual a relação entre o cérebro que acumula os fatos diários e o "cérebro nôvo"? Qual a diferença entre o processo de pensar e o pensamento? Como posso ser inocente e "vulnerável" e viver neste mundo? [illegible]passar a dor física e a irritação que [illegible]ar partido?, etc.

[illegible]ÔRA CULTRIX

KRISHNAMURTI o mistério da compreensão

O MISTÉRIO DA COMPREENSÃO

Krishnamurti

Na série de obras de Krishnamurti que a Editôra Cultrix vem lançando, com grande repercussão, nos últimos anos, é agora apresentado ao leitor brasileiro êste volume que ostenta o sugestivo título de O MISTÉRIO DA COMPREENSÃO e no qual se reune um grupo de palestras realizadas pelo notável pensador indiano em Saanen, na Suíça, em 1966. No decurso das dez palestras dessa série, Krishnamurti, fiel ao método expositivo claro, direto e despojado que sempre lhe caracterizou as manifestações em público, teve ensejo de responder a um grande número de perguntas dos presentes, e através de suas respostas, bem como de considerações correlatas, esclarecer importantes aspectos do seu pensamento no tocante ao problema da compreensão da realidade e do mundo.

Para que se tenha idéia do conteúdo dêste livro, atente-se para êste trecho: "Só podeis escutar quando vossa mente está quieta, quando não reage imediatamente, quando há um intervalo entre a reação e o que se ouve dizer. Então, nesse intervalo, há quietude, silêncio. Só nesse silêncio há compreensão que não é compreensão intelectual. (. . .) Êsse intervalo é o *cérebro nôvo.* A reação imediata é o cérebro velho, e êsse cérebro velho funciona segundo sua própria tendência tradicional, sancionada, reacionária, "animalista". Quando há um retardamento, uma suspensão dessa reação, ou seja um intervalo, vereis então que o cérebro nôvo atua, e só êste é capaz de compreender, e não o cérebro velho."

São ensinamentos luminosos assim que os leitores — quer os que já estão familiarizados com o pensamento krishnamurtiano, quer os que desejam nêle se iniciar — encontrarão neste livro, corretamente traduzido por Hugo Veloso.

KRISHNAMURTI

Jiddu Krishnamurti nasceu na Índia do Sul, em 1897, e foi educado na Inglaterra. Embora não tenha ligações com nenhuma organização filosófico-religiosa nem se apresente com títulos universitários, vem fazendo conferências para grupos de líderes intelectuais, nas maiores cidades do mundo, há já várias dezenas de anos.

Além dos volumes editados pela Cultrix, grande número de publicações, de palestras e conferências suas foram lançadas em Português pela Instituição Cultural Krishnamurti, com êxito igual ao obtido quando lançadas em Espanhol, Francês, Alemão, Holandês, Finlandês, e em vários outros idiomas além do original inglês.

★

OBRAS DE KRISHNAMURTI PUBLICADAS PELA EDITÔRA CULTRIX

(em Traduções de Hugo Veloso)

A Educação e o Significado da Vida

A Primeira e Última Liberdade

Comentários Sôbre o Viver

Reflexões Sôbre a Vida

Diálogos Sôbre a Vida

A Cultura e o Problema Humano

Uma Nova Maneira de Agir

J. KRISHNAMURTI

O MISTÉRIO DA COMPREENSÃO

Tradução
de
HUGO VELOSO

EDITÔRA CULTRIX
SÃO PAULO

Título do original
em inglês
TALKS BY KRISHNAMURTI IN EUROPE
1966
(*Autentic Report*)
SAANEN — Suíça

MCMLXX

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

ÍNDICE

DAS PALESTRAS E RESUMO DAS PERGUNTAS

SAANEN — I

Como vamos realizar dez palestras, consideraremos vários assuntos com atenção e cuidado, de modo que todos compreendamos o que se vai dizer. Peço-vos paciência, pois não é possível, numa só palestra, abarcar o todo da vida. Se alguns, dentre vós, me estão ouvindo pela primeira vez e desejam tudo respondido na primeira palestra, sinto dizer que isso é completamente impossível. O que, juntos, podemos fazer é investigar se há alguma possibilidade — neste mundo, com seus complexos problemas, seus tormentos e aflições, com a confusão reinante tanto interior como exteriormente — se, para o ente humano que vive neste mundo e funciona "normalmente" (como se costuma dizer), há alguma possibilidade de libertar-se dos numerosos problemas existentes não só ao redor de sí, mas também em seu interior. Podemos investigar se nos é possível libertar-nos totalmente e, assim, ingressar numa dimensão da existência inteiramente diferente.

Considero muito importante e necessário examinar esta questão, que exige infinita paciência. Exige profundo exame e investigação, não do ponto de vista das idiossincrasias, tendências, nacionalidade e opiniões de cada um, porém, ao contrário, devemos investigar o problema humano em seu todo. Oxalá pudéssemos compreender o homem como um todo — o homem que vive na Índia, na Rússia, na China, ou aqui! Talvez, quando compreendermos o homem em seu todo, venhamos a compreender o homem em particular — vós e eu. Para se compreender êsse imenso problema — pois trata-se, com efeito, de um problema enorme e muito complexo — temos primeiramente de compreender o que é que deseja cada um de nós, como ente humano, o que está buscando, o

que está tentando fazer. Penso que, se pudéssemos perguntar a nós mesmos o que estamos buscando, o que desejamos "experimentar", com que empenho desejamos viver pacìficamente e quão profundamente, em nosso íntimo, desejamos ser livres, talvez então tivéssemos a possibilidade de investigar inteligentemente. A maioria de nós, com efeito, deseja experimentar alguma coisa. Nossas vidas são estreitas, bastante vulgares, limitadas, bastante "burguêsas", se posso empregar esta palavra sem lhe dar nenhum sentido pejorativo. Todos sabemos disso e desejamos passar além e experimentar alguma coisa que seja mais vital, altamente significativa e capaz de resolver todos os nossos problemas. Parece-me que é isso o que o homem anda buscando, pelo mundo inteiro. Dá-lhe êle diferentes nomes: experiência religiosa, sensibilidade exaltada, alta capacidade para compreender a existência total do homem, para livrar-se dêsse incessante conflito e descobrir alguma coisa que seja mais do que aquilo que o pensamento criou. Quase todos nós já estamos saturados de análises e exames, de investigar, sondar, indagar, contestar, duvidar. A maioria das pessoas inteligentes já passou por tudo isso. Leram muitos livros e, intelectualmente, conhecem as respostas a quase tôdas as perguntas. Mas, êsse saber não pode responder satisfatòriamente a tôdas as perguntas que a mente faz; as respostas que encontra não satisfazem inteiramente, não resolvem completamente o problema. A mente está sempre a buscar, a querer descobrir o que significa a morte, o que significa o amor, qual o correto estado de relação, como ficar livre do constante conflito interior e exterior, livre de guerras, como ter paz, o que significa a liberdade. Estamos sempre e sempre a indagar e, nesse indagar, nesse interrogar, desejamos que alguém nos dê a resposta — alguma autoridade, alguma pessoa que sabe, que tem profunda compreensão da vida. Contamos com a ajuda de outros e o resultado é que ficamos completamente enredados nas opiniões dos mais solertes, dos antigos instrutores ou dos mais modernos e doutos letrados.

Vivemos muito interessados em opiniões, e as opiniões não representam a verdade. Analisar opiniões é uma coisa muito pouco significativa. Só conduz a debates dialéticos, sutis, intelectuais. Para um indivíduo descobrir por sí próprio, como ente humano total, a resposta verdadeira, muito importa a maneira

como se faz a pergunta, o fim que se tem em vista, o *motivo* que a determina — porquanto, em geral, o motivo responde à pergunta. Se se tem um certo propósito ao fazer-se uma pergunta, êsse propósito dita a resposta. A pergunta já está respondida e, por conseguinte, não tem valor nenhum; porque a pessoa já tem um *motivo,* um propósito, uma intenção, uma direção que a levará aonde quer chegar, e só faz a pergunta para ver se a resposta que se lhe dá é "certa" ou "errada". O homem que faz uma pergunta com *motivo* é em verdade pessoa muito superficial, porque sua resposta já está ditada, condicionada pelo seu motivo, seu propósito e direção. Podeis perguntar sem ter um fim em vista, sem estar em busca de alguma coisa? Êste é o verdadeiro problema, e é muito interessante investigá-lo. Nossa vida é muito atribulada; estamos aflitos e confusos; vemo-nos a sofrer, as incessantes guerras a ameaçar-nos a segurança; há tantas ideologias, teorias, dogmas, crenças, temores e tudo mais que constitui a nossa herança humana. Queremos ver resolvidas tôdas estas questões. É normal e próprio de uma pessoa equilibrada perguntar a si mesma se tem possibilidade de libertar-se delas, mas, como acabamos de dizer, fazer uma pergunta com um *motivo* é de muito pouca significação.

Pode-se fazer uma pergunta e deixá-la operar, sem tentar achar-lhe a resposta, sem tentar achar uma solução para os nossos problemas? *Existe* uma solução, uma solução total, completa, para todos os nossos problemas, qualquer problema que seja — a morte, o amor, a cessação das guerras ou dos antagonismos e preconceitos de raça e de classe, enfim, todos os absurdos da mente? Essa solução *existe,* mas é muito importante fazer a pergunta correta, e isso nos parece dificílimo. Temos tanta ânsia de encontrar a resposta, a solução, porque o que nos interessa é o presente — o que acontecerá agora. A impaciência dita a resposta. A resposta é sempre confortadora, satisfatória, e daí pensarmos que encontramos a resposta.

Vêde, por favor, que deve ficar claramente entendido desde esta primeira palestra, que não estais aqui apenas para ouvir o orador. O orador não tem valor algum, nem aquilo que êle diz. O que tem valor é o compreenderdes a vós mesmos, escutando o que êle diz. Êle é como um espêlho em que

vos vêdes refletidos. Nesse espêlho se estão revelando vossa consciência, vossas atividades diárias, vossas exigências e temores inconscientes. Quando uma pessoa escuta dessa maneira, começa a descobrir, por si própria, não as idéias, conclusões e asserções do orador, porém o que é verdadeiro e o que é falso. No momento em que, como ente humano, uma pessoa compreende o que é verdadeiro, o seu problema se resolve completamente. Mas, se fica meramente a escutar o que diz o orador, no plano intelectual, a discutir mentalmente com êle, interessada apenas numa opinião, na própria opinião, nos próprios conhecimentos, ou nas conclusões adquiridas de outrem, ficará ela ùnicamente a comparar o que diz o orador com o que outrem diz. Ficará no mundo das palavras, no mundo das opiniões e das conclusões, coisas essas de insignificante valor. Espero que escuteis, mas não com a lembrança do que já sabeis. Isso é difícil em extremo. Quando escutais alguma coisa, vossa mente reage prontamente, com seus conhecimentos, suas conclusões, suas opiniões, suas velhas lembranças. Ela só escuta e investiga, para futura compreensão. Observai a vós mesmo, a maneira como estais escutando, e vereis que é isso que está sucedendo. Ou estais escutando com uma conclusão, com vosso saber, com certas lembranças, experiências, ou desejais, com impaciência, uma resposta. Desejais saber a significação das coisas, a significação da vida, conhecer a extraordinária complexidade da vida. Não estais escutando verdadeiramente. Só podeis escutar quando vossa mente está quieta, quando não "reage" imediatamente, quando há um intervalo entre a reação e o que se ouve dizer. Então, nesse intervalo, há quietude, silêncio. Só nesse silêncio há a compreensão que não é compreensão intelectual. Se houver êsse intervalo entre o que se diz e vossa própria reação ao que se diz, nesse intervalo, quer o prolongueis indefinidamente, por um longo período, quer por alguns segundos, nesse intervalo, como se pode observar, nasce a clareza. Êsse intervalo é o *cérebro nôvo*. A reação imediata é o cérebro velho, e êsse cérebro velho funciona segundo sua própria tendência tradicional, sancionada, reacionária, "animalista". Quando há um retardamento, uma suspensão dessa reação, ou seja um intervalo, vereis então que o cérebro nôvo atua, e só êste é capaz de compreender, e não o cérebro velho.

Considero muito importante compreender a maneira de operar, de funcionar, a atividade do cérebro velho. Quando opera o cérebro nôvo, o velho nenhuma possibilidade tem de compreendê-lo. Só quando o cérebro velho — e êste é o cérebro condicionado, nosso cérebro "animalista", o cérebro que foi cultivado durante séculos, que está perpètuamente em busca de sua própria segurança, de seu próprio confôrto — só quando êsse cérebro velho se quieta, é possível ver que existe um movimento de espécie completamente diferente, e êsse movimento é que trará a clareza. Êsse movimento é clareza. Para serdes capaz de compreender, deveis compreender o cérebro velho, prestar-lhe atenção, conhecer todos os seus movimentos, atividades, exigências, intuitos; por isso é tão importante a meditação. Não me refiro ao cultivo absurdo e sistemático de um certo hábito de pensamento, etc.; isso é completa falta de madureza, pura infantilidade. Por meditação, entendo compreender as operações do cérebro velho, observá-lo, saber como reage e quais são suas reações, suas tendências, suas exigências e agressivos intuitos — conhecê-lo todo inteiro, tanto a parte consciente como a inconsciente. Quando o conheceis, quando o vêdes claramente, sem procurar controlá-lo, dirigí-lo, e sem dizer: "Isto é bom; isto é mau; conservarei isto; não conservarei aquilo" — quando se percebe o movimento total da velha mente, quando o vêdes totalmente, ela se torna então quieta.

Em seguida, temos de investigar estas questões: o que é ver, o que é observação, o que é percepção. Eu gostaria de saber de que maneiras vêdes as coisas. Vêde-las com os olhos, com a mente? É óbvio que vêdes as coisas com os olhos, mas com a mente se vê com muito mais rapidez do que com o ôlho. Vê-se o mundo muito mais ràpidamente do que é capaz de percebê-lo o ôlho. Vós vêdes com a memória, e, assim, quando vêdes as coisas — quer dizer, com a mente — vêdes o que *existiu* e não o que realmente *existe*.

Por favor, como já disse, *fazei* isso que estais escutando, fazei-o realmente, enquanto escutais, isto é, vêde como nossa mente olha as coisas sempre com o conhecimento do passado, com tôdas as aflições e ansiedades, os sentimentos de "culpa", o desespêro, a esperança e tudo o mais que foi acumulado — tudo coisas passadas. É com tudo isso que olhamos, de modo

que, quando estamos olhando a velha mente, estamos a olhá-la com os conhecimentos da mente velha; por conseguinte, não a estamos olhando em absoluto. Para se olhar qualquer coisa, não importa qual seja — vossa própria mente em funcionamento, uma árvore, o movimento do rio, as nuvens que passam velozes por sôbre o vale — para se olhar qualquer coisa, o passado deve estar quieto. Para olhar, todo o conhecimento de vossas próprias intenções, vossas preocupações, vossos problemas pessoais, etc., deve ser pôsto à margem, e isso significa, com efeito, que se necessita de liberdade para olhar as coisas, liberdade para olhar êsse cérebro tão complexo e nutrido pelo tempo, êsse cérebro que representa o passado; liberdade para olhar tôdas as suas reações, expô-lo à luz. Pode-se, então, observar.

Não podemos observar, quando temos defesas, quando oferecemos resistência, e a maioria de nós sempre teve muito cuidado em cultivar êsses mecanismos de autodefesa, que impede o olharmos. Somos cristãos, hinduístas, ateístas, comunistas, ou sabe Deus o que mais; somos essas coisas tôdas e, através delas, através da atividade da velha mente, olhamos a vida, e nunca olhamos a velha mente com liberdade. Só quando há liberdade, a velha mente "responde", revela-se. Se estou a defender-me, preciso de liberdade para compreendê-la, pois só em liberdade *podemos* olhar e compreender. Só quando há liberdade, a velha mente "responde" de maneira natural, e podemos então compreendê-la. Mas, quer-me parecer que não queremos ser completamente livres, que nunca pedimos, nunca exigimos total liberdade. Queremos uma liberdade condicional, queremos ficar livres de alguma dor, ansiedade ou problema imediato, mas essa exigência de liberdade imediata não é liberdade. Ser livre implica liberdade total. Só nessa liberdade, temos possibilidade de descobrir. Assim fazem os grandes cientistas; só quando se acham inteiramente livres, em seus laboratórios ou onde quer que trabalhem, só então podem descobrir coisas inteiramente novas. Fora de seus laboratórios são exatamente como os demais entes humanos.

A exigência de liberdade e a insistência em obtê-la revelarão, natural e fàcilmente, os variados condicionamentos e defesas que o homem construiu através dos tempos. Nessa

revelação do passado começa o homem a ficar livre, realmente livre do passado, tanto consciente como inconsciente.

INTERROGANTE: Como explorar o inconsciente?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, que é o inconsciente? Muitos já escreveram a seu respeito, com diferentes preconceitos, tendências, conclusões; mas, se pomos tudo isso à margem, se rejeitamos tudo o que os outros disseram, podemos então começar a investigar, por nós mesmos, o que é o inconsciente — o que êle é realmente.

Então, já não dependemos do que outros disseram ou dizem. Que é o inconsciente? Estais esperando que eu vô-lo diga, ou vós também estais investigando? Como se investiga? Só se pode investigar quando há interêsse apaixonado. Se desejais saber, *realmente* e não superficialmente, intelectualmente, ou por curiosidade, se *realmente* desejais saber, por vós mesmo, se desejais, apaixonada e profundamente, saber o que é êsse inconsciente, que acontece então? Que acontece, quando, com o maior ardor, desejais investigá-lo, por vós mesmo, como ente humano total, rejeitando tudo o que outro qualquer disse a seu respeito? Vossa mente se aguça, torna-se extraordinàriamente ativa; ela está então a olhar, não está perguntando, porém observando. Há diferença entre perguntar e observar. Quando perguntais, desejais uma resposta, e esta resposta dependerá de vosso condicionamento, de vossas tendências, vossas esperanças, vossos temores. Mas, se estais *observando,* não há pedir, não há perguntar; estais observando. Espero estejais percebendo a diferença entre estas duas coisas — perguntar e observar. Agora estais observando, quer dizer, estais completamente vivo, ativo, sem esperar que alguém venha dizer-vos o que êle é e, por conseguinte, não tendes mêdo de descobrí-lo. Não estais a repetir o que outrem disse. Que é que descobris?

INTERROGANTE: Como posso compreender o inconsciente?

KRISHNAMURTI: Não estamos falando a respeito de duas coisas diferentes? Estais empregando a palavra "compreender" no sentido de observar, conhecer, familiarizar-se com o inconsciente, perceber todo o seu conteúdo, como êle opera,

como funciona, como está em efervescência — sua totalidade. Eu digo: Estais investigando por vós mesmo o que é o inconsciente, ou estais a olhá-lo com o conhecimento do que outros disseram a seu respeito? Ora, observai-o, olhai-o com tôda a atenção! Se o estais observando com o conhecimento do que outros disseram a seu respeito, êsse conhecimento já é uma parte do inconsciente, não?

INTERROGANTE: Como explicar às crianças o que acontece após a morte?

KRISHNAMURTI: Minha senhora, estamos tratando de assunto totalmente diferente, não? Examinaremos essa questão da morte, etc., noutra ocasião.

INTERROGANTE: Pensei que tivésseis terminado.

KRISHNAMURTI: Ah, não, ainda não! Como seria possível liqüidar esta questão em dois minutos? Compreendeis o que acabo de dizer? Se olho para o inconsciente com o conhecimento do que outros disseram a seu respeito, já estou funcionando no passado; não estou *olhando;* o que foi dito por outros passou a fazer parte do inconsciente. Descubro que meu inconsciente é constituído de tudo o que se tem dito a respeito da morte, de Deus, do comunismo, sôbre como devo comportar-me, a raça, a herança racial, o passado inteiro — isso é o inconsciente. Eu o *descobri!* Não o repito e, por conseguinte, a coisa que descobri tem vitalidade.

INTERROGANTE: Se somos inteiramente constituídos por êsse *fundo,* pelo passado, quem é o observador que está a observar o passado? Como separar o passado da entidade que diz: "Estou olhando o passado"?

KRISHNAMURTI: Quem é a entidade, o observador que está a olhar o passado? Quem é a entidade, o pensamento, o ente, ou não importa que nome tiver, que diz: "Estou a olhar para o inconsciente"?

Há separação entre o observador e a coisa observada. *Há, realmente?* O observador não é a coisa observada? Portanto, não há separação nenhuma. Examinai isso com vagar. Se pudésseis compreender esta única coisa, não poderia haver nada mais extraordinário! Compreendeis a questão? Há o inconsciente e também o consciente, e digo que devo conhecê-

-los perfeitamente: que devo conhecer o conteúdo da consciência, e também o estado da consciência, quando não há conteúdo. Êste é mais um passo à frente, que consideraremos, se houver tempo.

Estou olhando o inconsciente. Eu, o observador, digo que o inconsciente é o passado; o inconsciente é a raça a que pertenço, a tradição, não só a tradição da sociedade, mas também da família, o nome, o resíduo de tôda a cultura indiana, o resíduo da humanidade inteira, com seus problemas, ansiedades, sentimentos de culpa, etc. Eu sou tudo isso, e tudo isso constitui o inconsciente, que é o resultado do tempo, de milhares de dias passados, e eu estou a observá-lo. Mas, *quem é o observador?* Repito: Investigai-o por vós mesmo; tratai de descobrir quem é o observador! Não espereis que eu vô-lo diga!

INTERROGANTE: O observador é a entidade que olha.

KRISHNAMURTI: Mas, quem é que olha? O observador é o objeto observado. Não há diferença: o observador *é* a coisa observada. Que pode, então, o observador fazer em relação ao inconsciente?

INTERROGANTE: Nada!

KRISHNAMURTI: Não, senhora, esta é uma questão realmente importante. Não podeis simplesmente jogá-la fora, dizendo: "Nada". Se sou o resultado do passado — e eu *sou* o passado — *nada* posso fazer em relação ao inconsciente. Percebeis o que isso significa? Se nada posso fazer em relação a êle, estou então livre dêle! Oh, não, senhora; não concordeis tão prontamente; isso requer enorme atenção. Se nada posso fazer, absolutamente, em qualquer nível que seja, em relação ao sofrimento físico e também em relação ao sofrimento psicológico, se nada posso fazer, porque o observador é o objeto observado, então estou totalmente livre dêle. Só quando acho que posso fazer alguma coisa em relação a êle, só então é que não estou livre.

INTERROGANTE: Que acontece quando nada posso fazer em relação ao inconsciente? O passado não é o presente? A mente está aprisionada no inconsciente, e que pode fazer?

KRISHNAMURTI: O presente é o passado, modificado. Mas é ainda o passado, que vai criar o futuro, o amanhã. O

passado, através do presente, torna-se futuro. O futuro é o passado, modificado. Dividimos o passado em "presente" e "futuro" e, portanto, o passado é um movimento perpétuo, que se modifica; mas é sempre o passado que está a funcionar. Por conseguinte, não há presente! O passado está sempre a operar, ainda que o chamemos presente e procuremos viver no presente, afastando o passado e o futuro e dizendo: "O presente é a única existência que tem importância". Contudo êle é ainda o passado, que dividimos em presente e futuro. Ora, pergunta o interrogante, que acontece quando percebo que o passado sou eu, o observador que está examinando, quando percebo que o observador é o passado? Que acontece? Quem vô-lo pode dizer? Êste orador? Se eu vos dissesse o que acontece, isso seria apenas mais uma conclusão que iria tornar-se parte do inconsciente. Iríeis "funcionar" conforme o que se dissesse e nada descobriríeis por vós mesmo. Se ficais esperando que o orador vos diga alguma coisa, estais então meramente acumulando. Essa acumulação se modifica como "presente" e "futuro" e ficais vivendo perpètuamente na corrente do tempo. Mas, ao perceberdes que o observador, o pensador, é o passado e que, por conseguinte, não há separação entre o observador e o objeto observado, cessa então tôda e qualquer atividade por parte do observador, não é verdade? É isso que não percebemos.

INTERROGANTE: Mas o tempo é uma ilusão.

KRISHNAMURTI: Oh, não, não! O tempo não é uma ilusão. Como se pode dizer que o tempo é uma ilusão? Tendes de ir almoçar, de voltar à casa, de tomar um trem para fazer uma viagem que poderá durar cinco horas ou uma hora. Isso é o tempo. Não é nenhuma ilusão. Não podeis traduzir isso como "ilusão". O inconsciente é, *de fato,* o passado; e o observador diz: "Tenho de esvaziar o passado; tenho de fazer alguma coisa em relação a êle; tenho de resistir-lhe; tenho de limpá-lo; tenho de eliminar certas condições neuróticas; etc. etc. Assim, o observador, o agente olha o inconsciente como coisa diferente de si próprio; mas, se o observardes muito atentamente, vereis que o agente, o observador, *é* o inconsciente, o passado.

INTERROGANTE: Como esvaziar o passado?

KRISHNAMURTI: Não podeis fazê-lo. O passado se esvazia totalmente quando não há observador. É o observador que está a criar o passado; é o observador que diz: "Preciso fazer alguma coisa dentro do tempo". Isto é sumamente importante. É da máxima importância, ao olhardes uma árvore, compreender que a árvore lá está e que vós, o observador, estais a olhá-la. Estais a olhá-la com os conhecimentos que a respeito dela tendes. Conheceis sua espécie, sabeis de que côr, de que forma, de que qualidade ela é; se é uma árvore útil. Tendes conhecimentos a respeito dela; portanto estais a olhá-la como um observador que possui abundantes conhecimentos acêrca da árvore. Do mesmo modo olhais para vossa espôsa ou marido com os conhecimentos do passado, a lembrança de tôdas as ofensas e de todos os prazeres. Estais sempre a olhar com o observador e a coisa observada presentes: dois estados diferentes. Nunca olhais *a árvore*. Olhais sempre com o conhecimento que tendes da árvore. Isto é muito simples. O olhar para outra pessoa — espôsa, marido, amigo — requer que se olhe com uma mente nova; de contrário, não se pode *ver*. Se olhais com o passado, com prazer, com dor, com ansiedade, com o que êle ou ela disse, tudo isso permanece; e é com isso e através disso que olhais. *Isso* é o observador. Se puderdes olhar uma árvore, uma flor, ou outro ente humano, sem "observador", verificar-se-á uma ação totalmente diferente.

10 de julho de 1966.

SAANEN — II

PODEMOS CONTINUAR com o que estávamos dizendo ante-ontem? Falávamos, em palavras diferentes, sôbre a importância de operar-se uma revolução total na mente. Estamos acostumados com "reformas de remendos", mudanças fragmentárias, as quais se realizam ou sob compulsão, como meio de defesa, ou com uma finalidade, um propósito moral, ético. Todos reconhecemos a necessidade de uma revolução fundamental, radical, total, na mente. O homem vive há tanto tempo em conflito, dentro e fora de si mesmo, sempre aflito, sempre a funcionar entre os limites de seu egotismo, entre guerras, enganos, desonestidade, crueldade; tôdas estas coisas nos são bem familiares. Os que são verdadeiramente *sérios* percebem a importância da mudança, a necessidade de uma mente que seja capaz de atacar todos êstes problemas e ao mesmo tempo viver neste mundo, sem dêle se retirar para uma vida monástica; viver de uma maneira totalmente diferente.

Vê-se, também, que se operam mudanças fragmentárias pela ação da vontade. Eu quero mudar. Exerço fortemente a minha vontade, esforço-me, procuro, por meio da perseverança, da constância, de incansável atividade, promover uma modificação; contudo não há mudança total. Dentro em nós está sempre a travar-se esta tremenda batalha, a qual se manifesta em nossa conduta externa, em nossas relações exteriores. Se um indivíduo é verdadeiramente sério, como irá promover a completa transformação de sua mente? Não duvido de que já se tenha feito dúzias de vêzes esta pergunta: "Que se deve fazer?" — Um homem sabe que lhe falta sensibilidade, afeição, afeição genuína, intensa, profunda, não maculada por nenhuma espécie de egoismo ou autocompaixão. Sabe êste

homem que funciona entre os limites de seu EGO — e a perene atividade egocêntrica. Sabendo de tudo isso, que deve fazer? Como romper essas fronteiras de autodefesa, para ficar inteiramente livre de conflito, aflição, sofrimento, de tôdas as tribulações da existência humana?

É isso o que vamos considerar, isto é, se de algum modo é possível viver no instante presente, tão completamente que o tempo não exista; se é possível mudar sem ser lenta e gradualmente, ser livre não numa "vida futura" (se existe), sem pensar que "serei alguma coisa amanhã". Como se conseguirá isso?

Já se têm tentado diferentes maneiras, e muitos se têm forçado a não pensar, absolutamente, por reconhecerem que o pensamento é a origem de todos os males. Têm-se experimentado drogas de vários graus de eficácia, capazes de exaltar a sensibilidade, de dar uma diferente intensidade às ações do indivíduo. Experimentam-se drogas que expulsam por completo o mêdo, de modo que caem tôdas as defesas e o indivíduo fica completamente aberto e sem nenhuma idéia de seu EU. Muitas maneiras têm sido tentadas e os indivíduos se têm identificado com uma idéia a que chamam Deus, ou com o Estado, ou com uma existência futura. E vão assim suportando as constantes aflições, angústias e ansiedades desta vida. Todos sabemos disso; temos feito muitas tentativas dessa espécie. Podem elas produzir um certo efeito temporário, por um ou dois dias. Mas, êsse efeito passa ràpidamente e vemo-nos de volta, talvez um pouco mais requintados, à rotina diária, à existência monótona e insensível de cada dia, suportando nossas aflições, defendendo-nos, disputando, arrastando nossa existência até chegar a morte. Disso também sabemos. Perguntamos a nós mesmos se há alguma possibilidade de sacudirmos de nós, lançarmos fora, furtar-nos inteiramente a essa maneira de vida, de modo que tenhamos uma mente inteiramente nova, uma existência totalmente diferente; que não haja separação entre a natureza e nós, entre outrem e nós, e nossa vida adquira uma qualidade superior, profunda significação! Penso que é isso o que está buscando a maioria de nós. Podemos não saber exprimí-lo, pô-lo em palavras, mas, no íntimo, é isso, e não a felicidade pessoal, o que deseja a maioria de nós. Esta (a felicidade pessoal) tem muito pouca importância, mas o que tem verda-

deira importância é uma vida que em si mesma encerre um extraordinário significado, uma vida sem conflito de espécie alguma, da qual esteja totalmente ausente o tempo. É isto possível?

Pode-se fazer aquela pergunta intelectual, verbal, teòricamente, mas, nesse caso, é evidente, a pergunta conduz a uma resposta teórica, a uma possibilidade conjectural, conceptual, e não *real*. Mas, se uma pessoa faz a pergunta sèriamente, com intensidade e paixão, por perceber a futilidade da maneira como está vivendo, se faz realmente tal pergunta, qual é então a resposta? Que deve fazer ou não fazer? Acho importante cada um interrogar a si próprio e não através do orador, porque uma pergunta feita por outrem tem insignificante e superficial valor. Mas, se a pessoa faz a pergunta a si própria, com tôda a seriedade e, por conseguinte, com intensidade, acha-se então num estado de relação com o orador, e sua mente disposta a examinar, a penetrar fundo, sem *motivo* algum, sem propósito nem direção, porém com um ardor que exige a resposta, um ardor que dispensa completamente o tempo, o conhecimento, e penetra realmente, a fim de descobrir se há alguma possibilidade de transpormos as fronteiras da atividade egocêntrica.

A êste respeito estivemos falando ante-ontem, isto é, sôbre o observador e a coisa observada. Dissemos que o observador é a coisa observada, que a totalidade da consciência, ou seja a mente, o pensar, o sentir, o agir, a ideação — tôda a agitação, confusão e aflição em que estamos vivendo — dissemos que tudo isso está contido no observador e na coisa observada. Deixai-me sugerir-vos que não vos limiteis a escutar o orador, porém que "escuteis" o fato que se verifica em vossa mente, quando se ouve a declaração de que a consciência inteira está dividida entre o observador e a coisa observada. Lá está o "experimentador" a exigir experiências que proporcionem prazer ou afastem a dor, a exigir mais e cada vez mais, a acumular conhecimentos, dores, sofrimentos; e lá está também o pensador, o observador, o experimentador separado da coisa observada, da coisa experimentada.

Há a entidade que diz "Eu sinto cólera". Êsse EU é diferente da cólera. Existe a violência e a entidade que "experimenta" a violência. Quando uma pessoa diz "Sinto ciúme", o ciúme é uma coisa diferente da entidade que sente ciúme.

Quando uma pessoa olha para uma árvore, para sua mulher ou marido, para outra pessoa, está presente o observador que vê a coisa ou pessoa. A árvore é diferente do observador. A consciência inteira, a existência inteira está dividida entre o observador, o experimentador, o pensador, a um lado, e a outro lado o pensamento, a coisa experimentada, a coisa observada. Manifesta-se um forte sentimento sexual, ou de violência. Sou diferente dêsse sentimento; tenho de fazer alguma coisa em relação a êle; tenho de agir. Que devo fazer? Eu "devo" e "não devo". Que devo fazer, e que não devo fazer? Há essa divisão interminável, que, no seu todo, é nossa consciência. Qualquer mudança que se verifique nessa consciência, não é mudança nenhuma, porque o observador permanece sempre separado da coisa observada. Se se não compreende isso, não é possível ir-se mais longe.

Quando digo "sou agressivo e não devo ser agressivo", ou "continuarei a ser agressivo" — aí está presente o EU, *eu* que sou agressivo; a agressividade é uma coisa separada de mim. Tenho de preencher-me; o preenchimento é diferente da entidade que deseja preencher-se. Esta divisão existe sempre, e é dentro desta esfera que estamos tentando transformar-nos. Estamos a dizer que não devemos ser violentos; que devemos tornar-nos "não-violentos"; que não devemos ser agressivos; que devemos ser menos agressivos; que não devemos buscar preenchimento. Tudo isso se passa dentro daquela esfera, e nela nenhuma possibilidade existe de radical transformação.

Para que possa haver uma revolução total na mente, deve desaparecer totalmente o observador, porque o observador é a coisa observada. Quando sentis cólera, a cólera não é diferente do observador. O observador é a cólera. Quando dizeis que sois francês, alemão, indiano, comunista, o que quer que seja, a idéia é VÓS. O *vós* não é diferente da idéia. Para que haja uma revolução total — e ela é necessária — não podeis continuar como estais, numa batalha incessante, exterior e interior, em confusão, aflição, com sentimentos de culpa, sentimentos de fracasso, de solição. Não existe nenhuma essência de afeição ou amor. O amor e a afeição estão rodeados, cercados pelo ciúme, a ansiedade, o mêdo. Só há transformação total quando o observador é a coisa observada, pois o observador nada pode fazer em relação àquilo que observa.

Podemos debater isso agora, por enquanto? Depois prosseguirei.

INTERROGANTE: Senhor, eu sou a árvore?

KRISHNAMURTI: Decerto não sois a árvore. Sois uma entidade complexa, com vossa nacionalidade, vossas tendências, ambições, temores, frustrações, mas não sois a árvore. Mesmo que tenteis identificar-vos com a árvore, continuais a não ser a árvore. Nunca a sereis. Mas se vós, como observador, deixais de existir e simplesmente olhais a árvore, sem vosso condicionamento, estabelece-se uma relação inteiramente diferente entre vós e a árvore.

Vêde, senhor, em maioria somos violentos, agressivos. É um remanescente do animal. Como poderemos ficar livres da violência e da agressividade? É óbvio que não nos tornaremos livres pelo simples fato de dizermos que não devemos ser violentos. Isso não nos leva a parte alguma, porquanto foi apenas intelectualmente que o dissemos; ficamos num constante estado de conflito, lutando por não ser violentos. A própria luta para *não sermos* violentos, *é* violência. Não somos disciplinados; não temos ordem, profundamente implantada em nós; e ficamos a disciplinar-nos da manhã à noite. Pelo menos é isso o que fazem muitos dêsses homens "feios" chamados "santos". Todos os santos são "feios". Obrigaram-se à disciplina constante, a ajustar-se a um padrão, padrão por êles próprios estabelecidos ou por outrem, e procuram superar uns aos outros. Estão sempre a esforçar-se, a disciplinar-se, e êsse próprio ato de ajustamento, de disciplina, de forçar-se, é a própria violência de que estão fugindo. Não estão livres da violência.

Como posso eu, como ente humano que conserva remanescentes do animal, que sou violento, agressivo, brutal, antagônico, como posso tornar-me inteiramente livre de tôda violência. Se algum esfôrço faço para não ser violento, sou ainda violento. Se faço esfôrço para não ser violento, êsse próprio esfôrço faz parte da violência. Que devo fazer, então? Devo, primeiramente, perceber que a própria entidade que faz esfôrço para não ser violenta *é* violência. A entidade, por conseguinte, nada pode fazer. Isto é um tanto sutil e difícil de compreender. Talvez eu o compreenda verbalmente, intelectualmente, porém compreender realmente é coisa muito diferente.

Percebo que todo o meu ser é violência, não uma parte de mim, porém todo o conteúdo, porque fui educado para fazer esforços, para superar, para defender, para ser agressivo. Que posso fazer? Todo movimento visando à não-violência é ainda uma parte da violência, porquanto o observador é a coisa observada. Quando se percebe isso claramente, isto é, que o observador é a coisa observada, então tôda ação por parte do observador cessa, e quando cessa a atividade do observador, surge uma atividade inteiramente diferente.

INTERROGANTE: Não se pode deter a atividade?

KRISHNAMURTI: Senhor, tende a bondade de escutar. Vamos com calma! Vamos devagar; não sejais impaciente. Vós olhais uma árvore. Que sucede realmente? Certas vibrações produzem a percepção visual da árvore, quando os olhos nela se focam, e essa percepção desperta imediatamente o conhecimento que tendes da árvore. Dizeis, então: "É um pinheiro"; "Gosto daquela árvore" ou "Não gosto dela",; "Esta árvore me provoca alergia, tenho de me afastar dela". Olhais para a árvore com todo o vosso *fundo,* com vossos conhecimentos, vossos pensamentos. Não podeis impedir os pensamentos, os conhecimentos, tôdas as coisas que se manifestam, como reação, ao olhardes a árvore. Que é que estais olhando? Não estais olhando a árvore *porém* para aquêle *fundo* que está a observar a árvore. Agora, deixai de lado a árvore e observai o fundo. Como o observais? Condenando-o? Dizendo: "Êle não me deixa olhar a árvore e, por conseguinte, tenho de impedí-lo de funcionar; tenho de quebrá-lo"? — Como considerais aquêle fundo? Como se fôsseis uma entidade exterior a êle? Como observador separado da coisa observada? Ou o olhais sem "observador"? E quando não há observador, existe então o *fundo?*

A árvore não tem importância alguma. O que tem importância é vossa maneira de olhar, o fundo que tendes e a maneira como olhais êsse *fundo.* Por essa razão o autoconhecimento é de suma importância. Se não se conhecerem tôdas as reações, todo o *fundo,* a consciência, as exigências, os temores, tudo aquilo que constitui o *vós* — é de todo em todo inútil tentar olhar a árvore sem "observador". O que desejais com muito empenho é ver a árvore, identificar-vos com ela e ter

alguma sensação extraordinária. Se desejais alguma sensação extraordinária, tomai L.S.D. ou ácido lisérgico. Essas drogas proporcionam, temporàriamente, uma intensa sensibilidade, na qual não há separação entre vós e a árvore. Não ficais sendo a árvore, mas não há separação, não há tempo, não há intervalo; há uma extraordinária sensação de que todo o universo é "vós" e que não existis separado do universo. Mas, isso não significa que eu tenha tomado L.S.D.!

Deveis compreender a natureza de vosso ser, vossas tendências, vossas idiossincrasias, preconceitos, a estrutura de vossas relações com outrem, a anatomia do mêdo que vos domina, a ânsia de preenchimento, a ânsia de vos tornardes *alguém* e concomitantes frustrações, o desejo de prazer, sexualmente e a muitos outros respeitos. Se a mente não estiver bem cônscia de tudo isso, tanto do consciente como do inconsciente, então jamais será transposto o intervalo entre a natureza e vós.

Muito importa descobrirdes como olhais a vós mesmo e quem é a entidade que olha. O observador que olha a si próprio é diferente da coisa a que observa? Não é, evidentemente! O pensador que olha, ou o centro, o avaliador, o juiz que olha a si próprio é coisa fabricada, composta pelo pensamento e, por conseguinte, é resultado do pensamento. Não há diferença entre o pensador e o pensamento; ambos constituem um só todo. Ao compreender-se isso, totalmente, e não parcialmente, vem então à luz, muito fàcilmente, todo o conteúdo do inconsciente, porquanto não há defesa, não há condenação, nem julgamento. É um movimento em que todo o *fundo* se torna fluido, move-se, acaba-se. Quando uma coisa está em movimento constante, não há lugar de repouso e, por conseguinte, não fica resíduo nenhum.

Êste é que é o verdadeiro problema, para todo homem inteligente, *sério*. Considerando-se o mundo, a humanidade, o EU, e a necessidade de uma revolução total, radical, como se poderá promover essa revolução? Só poderá ser promovida quando o observador já não fizer esfôrço algum para mudar, uma vez que êle próprio faz parte da coisa que quer modificar. Por conseguinte, tôda ação por parte do observador cessa totalmente, e nessa inação total verifica-se uma ação inteiramente diferente. Nisso não há nada de misterioso ou místico.

É um fato muito simples. Não começo pela outra extremidade do problema, porém com coisas simples. Posso olhar a flor que encontro à beira do caminho ou que vejo em meu quarto, sem que sejam despertados todos os pensamentos a ela relativos, sem que o pensamento diga: "Alí está uma rosa; gosto de seu cheiro, de seu perfume", etc. etc.? Posso observar simplesmente, sem nenhum "observador"? Se nunca fizestes isso, experimentai-o, no nível mais baixo, mais simples. Mas não se trata realmente do nível "mais baixo"; se conseguirdes fazer *isso,* estará tudo feito. Podereis então olhar-vos sem "observador"; olhar sem "observador" para vossa espôsa, vosso marido, para tôdas as exigências da sociedade, vosso chefe, no escritório. Vereis que vossas relações passarão por total transformação, porque não haverá defesa, não haverá mêdo.

Não há nada mais fácil na vida do que escutar o que alguém vos diz, acumular conhecimentos, ler livros de psicologia ou sôbre as mais recentes descobertas científicas. Tudo isso se acumula, se armazena, e tratais de utilizá-lo em vossa vida diária, quer dizer, tratais de ajustar-vos, de imitar o que *foi,* o passado. Estais sempre a viver no passado. O passado é vossa existência. E vêm então os existencialistas e dizem-vos: "Deveis viver no presente!" — Que significa isso, o presente? Já tentastes alguma vez viver no presente, rejeitar o passado, rejeitar o futuro e viver completamente no presente? Como se pode rejeitar o passado? Não há possibilidade de eliminá-lo! O passado é coisa do tempo; vossas memórias, vossas experiências, vosso condicionamento, vossas tendências, vossos impulsos, vossos instintos animais, intuições, exigências, alvos — tudo isso constitui o passado. A totalidade da consciência é o passado, a consciência inteira. E dizer "Rejeitarei o passado para viver no presente" nada significa. Mas, se compreenderdes o processo do tempo, que é o passado, que constitui todo o condicionamento, todo o *fundo* que atravessa o presente e forma o futuro; se compreenderdes todo êsse movimento do tempo, só então — se não houver observador para dizer: "Devo ser" ou "Não devo ser" — só então será possível viver, não no passado, nem no futuro, nem no "agora": Viver numa dimensão totalmente diferente, que não se acha em nenhuma relação com o tempo.

Se escutardes da mesma maneira que muitos vêm escutando êste orador há quarenta anos, ou mais, continuareis presos na teia do tempo. Mas, se escutardes vossos próprios processos, vosso próprio pensar, vossas idéias, vossos motivos, vossos temores, e os compreenderdes totalmente, não fragmentàriamente, então, sim, podereis, junto com o orador, prosseguir a jornada num nível muito diferente dêste em que nos encontramos e que é tão banal e medíocre.

INTERROGANTE: Minha vida é tôda um processo mecânico. O percebimento dêste fato não é também uma parte da consciência?

KRISHNAMURTI: Claro que é — desde que não haja *observador.*

INTERROGANTE: Qual a relação entre o cérebro que acumula os fatos diários e o "cérebro nôvo"?

KRISHNAMURTI: Como posso descobrir isso? Eu necessito dos fatos diários; necessito de conhecimentos técnicos; necessito da memória, para achar o caminho de casa; necessito da memória, para reconhecer minha mulher, meu marido, minha casa, minhas ocupações. Que relação há entre tudo isso e uma coisa que não é mero conhecimento, mera acumulação feita no passado? Que relação tem aquilo que é feito de tempo, que é resultado do tempo, com uma coisa que não pertence ao tempo? Nenhuma! Como poderia tê-la? Como pode um processo rotineiro, mecânico, ter alguma relação com o que não é, de modo nenhum, mecânico ou rotineiro? Deve haver um funcionamento mecânico e ao mesmo tempo um funcionamento totalmente diferente, sem nenhuma relação com o tempo. Examinemos isso. Para tanto, é preciso compreender o tempo. O processo do tempo é mecânico — ontem, hoje, amanhã; o que fui, o que sou, o que serei. Acumulação, memória, identificação, discórdias, o desejo de preenchimento — tudo isso é um processo mecânico, um processo temporal. Êsse processo é necessário, para que eu possa viver neste mundo e funcionar normalmente. Só *êle* conheço; só nêle funciono; não conheço a outra coisa, que é uma dimensão em que não existe o tempo. Outras pessoas têm falado a respeito dela; dizem tê-la experimentado; descrevem-na; em relação a ela têm feito tudo o que se pode fazer e procurado trazê-la para

cá. [1] É necessária a compreensão do processo total do tempo — do tempo da psique, e do tempo do relógio. Preciso compreencher o tempo, tanto o psicológico como o cronológico.

Vou dizê-lo de maneira diferente. A realidade não pode ser alcançada com esfôrço. Não se pode dizer: "Farei isto" ou "Farei aquilo", ou "Tentarei observar o observador e, talvez, experimentar alguma coisa". Aquêle estado não pode ser conquistado, ganho com esfôrço, comprado. O que se tem de fazer é observar a própria atividade, dela tornar-se cônscio sem nenhuma escolha, vê-la tal como realmente é.

INTERROGANTE: É possível progredir para essa dimensão sem sofrer?

KRISHNAMURTI: Senhor, para êste alvo não há progredir. Não podemos progredir em direção a êle. Progresso significa um gradual desenvolvimento, dia por dia, a custa de muito sofrimento, para, no fim, alcançar-se uma coisa transcendente ao pensamento. Foi assim que nos educaram, e assim é que sempre funcionamos. Mas, para alcançar-se aquela coisa não há progresso. Ou ela *é,* ou *não é.*

Senhores, estais dispostos a considerar até à próxima reunião, um fato simples? Observai-vos sem criticar, sem condenar, sem defender. Observai simplesmente o que se passa. Escutai aquêle trem que está passando, sem irritação, sem sentir que vos está estorvando ou perturbando, sem considerá-lo uma coisa aborrecida, etc. Escutai, simplesmente! Observai tôdas as atividades de vossa vida, vossa maneira de falar, de comer, de andar. Não procureis corrigir o vosso andar; não procureis corrigir vossa maneira de comer. Observai, simplesmente, para, com êsse observar, vos tornardes altamente sensível. Isso exige uma grande sensibilidade e, portanto, uma grande inteligência, e não conclusões, nem experiência. Para ser inteligente, necessitais de extraordinária sensibilidade. Só pode haver sensibilidade quando o corpo é também sensível — a maneira de observar, de ver, de escutar. Como resultado dessa

---

(1) No original: *they have tried to bring that into this*: Têm procurado trazer aquela (dimensão) para *esta* — i.e, para a dimensão em que estamos vivendo. (N. do T.)

observação minuciosa, sem escolha alguma, sem avaliação, justificação, comparação, condenação, vereis como vosso corpo se tornará extraordinàriamente alerta, sensível. Vosso cérebro, vossa mente, vossa entidade tôda inteira, se tornará vazia. Podereis então começar a investigar, pois o investigar apenas teòricamente o que é ou o que não é, tem muito pouca importância.

12 de julho de 1966

SAANEN — III

Deve ficar claramente entendido que não nos reunimos aqui para um entretenimento intelectual. Estamos tratando de um assunto muito sério. Por "seriedade" entendo o propósito de ouvir atentamente, até ao fim, o que se está dizendo aqui. Em geral levamos uma vida superficial, vida de interêsses imediatos, prazeres imediatos, e proveitos imediatos. Preenchidos êstes, queremos ir mais longe, e começamos a investigar, a indagar, a buscar coisas mais satisfatórias. Não considero *séria* essa mente. À mente séria não interessam apenas as exigências imediatas da vida, mas também a solução de todos os problemas humanos, não numa data futura, porém imediatamente. Não deixa o tempo interferir. A mente que quer investigar e viver completa e totalmente não se deixa desviar por influência de espécie alguma. Quer-me parecer que muitos dentre nós, que a tantos incômodos se sujeitaram para vir assistir a estas reuniões, não são suficientemente sérios. Não somos sérios porque, em primeiro lugar não sabemos o que cumpre fazer, como aplicar-nos à solução das pressões, tensões, problemas e ansiedades da vida. Vemo-nos incertos. Também, não somos sérios, porque, íntima e profundamente, temos mêdo. Ninguém pode dar-nos certeza; ninguém pode dar-nos a garantia de uma direção certa, porque, infelizmente, não há nenhuma direção para seguir. A vida é como um rio que, em seu movimento constante, salta sôbre pedras, vence precipícios; ela está sempre em movimento. No mesmo instante em que desejamos garantias, certeza, êsse próprio desejo gera o mêdo.

Se já refletimos suficientemente a êsse respeito e sabemos de tudo isso, desejamos garantias; desejamos que uma autoridade que tenha investigado a matéria mais profundamente nos

diga o que devemos fazer, nos mostre, no mapa, as estradas, as pontes, as cataratas, os pontos perigosos. Pensamos que não possuímos a inteligência ou a capacidade necessárias para, por nós mesmos, descobrir, trazer à luz, não só os problemas conscientes, mas também os inconscientes, aquêles problemas profundamente ocultos, que nos atormentam a vida. Estamos sempre à procura de alguém, sempre em busca de mais perfeição, em busca do que é correto fazer. Êsse próprio desejo é o criador da autoridade. Vós e eu sabemos disso e, por conseguinte, estamos prontos a seguir qualquer um que "saiba", que possa dirigir-nos, guiar-nos. A autoridade, criada pela nossa incerteza, gera por sua vez mais mêdo. Neste círculo vicioso nos vemos presos. Não sabemos o que fazer; submetemo-nos a alguém, e essa própria submissão gera mêdo. Tal é a maneira como estamos vivendo. Um sacerdote, um dogma, ou uma crença oferece-nos uma certa garantia. Assim, submetemo-nos a certas autoridades; à autoridade de uma idéia, de uma pessoa, de um dogma, ou de uma organização. Nesse próprio processo gera-se mêdo. Temos alguma possibilidade de compreender o inteiro processo da existência, sem contarmos com ninguém mais, não importa *quem* seja, inclusive êste orador? Temos alguma possibilidade, como entes humanos — sem dependermos de ninguém, de nenhum livro, nenhuma filosofia, nenhum *guru,* nenhum instrutor — temos alguma possibilidade de *descobrir,* por nós mesmos, à medida que vamos vivendo? Eu digo que *temos,* e que essa é a única maneira de viver. De outra maneira seremos sempre seguidores, medrosos, neuróticos, estaremos sempre na incerteza e na escuridão.

Primeiramente, como poderá uma pessoa ter clareza? Como poderá *ver* e *agir,* de modo que nunca haja confusão e a ação nunca gere mais sofrimentos, mais conflitos e escuridão? É possível a cada um de nós olhar a si mesmo e a seus problemas com tanta clareza que sôbre cada problema não paire a mais leve sombra de dúvida, e o problema, por conseguinte, seja resolvido totalmente? Se alguém é capaz disso, está então apto a investigar a questão do mêdo; mas, primeiro, é necessário compreender essa nossa necessidade de certeza, de garantia, de estímulo, de alguém que nos diga: "Parabéns, você está indo muito bem! Êste é o caminho certo; continue por êle". Será possível isso? Só será possível se cada ente humano fôr inteira-

mente livre e não depender de ninguém, por perceber claramente o problema. Problemas haverá sempre, e cada problema significa "desafio e reação". A vida está sempre a lançar-nos desafios, e quando a reação ao desafio é inadequada, incompleta, dessa reação inadeqüada resultam os problemas. Um problema implica alguma coisa que nos é lançada, uma dificuldade que sùbitamente se nos depara. Se a pessoa não é capaz de reagir a êsse desafio totalmente, completamente, com todo o seu ser, seus nervos, seu cérebro, sua mente, seu coração, então dessa reação inadeqüada, insuficiente, resulta um problema. Durante tôda a vida somos exercitados e educados para não reagir totalmente. Só reagimos fragmentàriamente. Em certas ocasiões, quando não estamos pensando, reagimos com tanta facilidade e naturalidade que nenhum problema existe. Mas, com a maioria de nós acontece que os problemas estão constantemente a surgir. Pode-se perceber o que é o desafio e a êle reagir fàcilmente, sem nenhum esfôrço, de maneira total — quer se trate de assunto de saúde ou de relações, quer de problemas intelectuais, etc.?

Consideremos, primeiramente, se é possível a cada ente humano reagir tão livremente e sem nenhuma resistência, tão completamente e sem nenhum *motivo*, que nenhum problema lhe venha torturar a mente. Vamos investigar êste ponto, porque, se formos capazes de reagir daquela maneira, o céu se nos abrirá. Então — não, não há palavras para descrever o que acontece. Não mais seremos entes humanos torturados, deformados. Por que razão não reagimos completamente, totalmente? Perguntamos: Por quê? Estais em busca de uma explicação, em busca das causas, ou, sem perguntar porquê nem procurar explicações, estais completamente "com a pergunta" (*with the question*)? Eis uma pergunta: Por que razão eu, como ente humano, não reajo a cada desafio que se me apresenta na vida, de maneira tão completa que não haja conflito nenhum? Eu "estou com o desafio" a tôdas as horas; não há resistência, nem há fugir dêle. Por quê? Quando faço a mim mesmo esta pergunta, a reação instintiva é indagar da causa. Digo, entre mim: "Fui educado errôneamente; estou sujeito a um excesso de pressões e de responsabilidades; estou cheio de preocupações; estou fortemente condicionado; todo o meu *fundo* me impede de reagir completamente". Qualquer que seja

o desafio — desafio consciente ou desafio inconsciente, desafio de que não estou cônscio e desafio de que estou cônscio — tenho explicações; conheço as causas. Digo, então: "Como me livrarei destas causas, a fim de reagir totalmente?". Que fiz eu? No tentar compreender as causas que me impedem de reagir totalmente ao desafio, ao tentar libertar-me delas, já deixei de atuar completamente ante o desafio. Aí está o desafio — qualquer que seja êle. Sei que não posso reagir completamente e estou investigando a razão por que não posso. Essa falta de reação ao desafio cria imediatamente outro problema. Se há algum intervalo de tempo entre o desafio e a reação, êsse intervalo cria um problema. Quer eu esteja investigando a causa, quer tentando dissolver a causa, o intervalo já criou o problema.

INTERROGANTE: Se me liberto da causa, o problema desaparecerá?

KRISHNAMURTI: Se tratais apenas de libertar-vos de tôdas as causas que vos impedem de reagir ao desafio imediata e adequadamente, não estais reagindo completamente ao desafio. Concedestes a vós mesmo um intervalo de tempo para examinar a causa e dela procurar libertar-vos. E, assim, o desafio fica sem "reação" e apresenta-se nôvo desafio. Os desafios não podem esperar por vós, servir às vossas conveniências. Vosso exame ou análise da reação inadequada é desnecessário, sem importância nenhuma. O importante é que a reação, certa ou errada, seja imediata, pois essa reação imediata mostrará o êrro.

Temos de perceber que a vida é um movimento, um rio imenso, de fôrça tremenda, de tremenda energia e ímpeto, que se move e se move, sem parar. Eu, o ente humano, faço parte dêsse movimento. Como ente humano, fui condicionado para ser hinduísta, católico, comunista, etc. A cada movimento da vida eu reajo em conformidade com meu condicionamento. Meu condicionamento é pequeno, banal, superficial, estulto, e de acôrdo com êle eu "reajo". Minha reação será sempre inadeqüada; por conseguinte, terei sempre problemas. Percebendo-o, digo: "Meu Deus, preciso livrar-me de meu condicionamento; preciso livrar-me de tôdas as minhas inibições conscientes, das tradições, do pêso do passado". Enquanto estou a fazer isso — analisando, dissecando, examinando — os desafios continuam a assaltar-me. Estou criando problemas, porque não estou "reagindo". Enquanto estou procurando libertar-me do condi-

cionamento, estou criando problemas, porque os desafios estão sempre a surgir e a êles não estou reagindo. Estou vendo isso; compreendo perfeitamente a superfluidade, a futilidade dêsse inútil exame.

Já não estou desperdiçando minha energia, meus pensamentos, minhas emoções, com dizer: "como libertar-me? Como são estúpidos êsses condicionamentos, que devo fazer?" Todos os pensamentos que são aplicados a um tal exame constituem um total desperdício de energia. Percebo isso. Por conseguinte, tenho uma energia imensa; qualquer que seja o desafio, sou capaz de enfrentá-lo. Enfrentando os desafios, vou aprendendo, não do *fundo* de meu condicionamento; aprendo, à medida que vou vivendo. Que sucedeu? Já não me importo com meu condicionamento. Já não estou a desperdiçar minha energia dizendo: "Isto é certo; isto é errado; isto é bom; isto é mau; isto preciso conservar; isto preciso rejeitar". Como não estou a desperdiçar energia com essas coisas, disponho agora de minha energia total, para enfrentar o desafio. É desperdício de energia examinar o meu *fundo,* condená-lo ou alentá-lo. Disponho agora da energia que antes era desperdiçada em exames e análises. Tenho essa energia, e com ela enfrento o desafio. Essa energia revelará a profundidade do desafio, de cada desafio que surge. Essa energia é sempre nova. Ao enfrentar o desafio, não está criando nenhum *fundo* e, por conseguinte, não está criando nenhum problema nôvo. O desafio está sendo enfrentado com lucidez, porque tenho a energia necessária para enfrentá-lo, energia que já não receia ser incapaz de enfrentá-lo. Essa energia já não está sendo dissipada. Ela está libertando a mente de seu condicionamento — condicionamento nacionalista, comunista, ideológico, ou o condicionamento da família, do nome. Está ultrapassando todo e qualquer condicionamento. A mente capaz de enfrentar um desafio com sua energia total não está criando problemas. Só a mente que reage aos desafios com seu *fundo,* seu condicionamento, reação essa sempre inadeqüada, só essa mente cria problemas.

Se percebemos isso com tôda a clareza, não intelectual porém realmente, de maneira completa, com todo o nosso ser, com atenção total, poderemos então dar mais um passo à frente. Porque dependermos de desafios? Estamos, a maior parte de nós, a dormir. Encontramos abrigo e refúgio em nossas

ideologias. Temos defesas. Queremos estar protegidos, em segurança. Queremos a segurança de nossas religiões, nossas crenças, nossos dogmas, nossas relações, nossas atividades e isso, gradualmente, gera um condicionamento mecânico, sonolento. Vem um desafio e nos desperta. A importância do desafio é que êle nos desperta, mas, ao despertarmos, "reagimos" conforme um certo *fundo (background)*, e dessa maneira criamos mais problemas. Vendo-nos impossibilitados de resolver os problemas, tornamos a adormecer. De nôvo surge um problema, um desafio; despertamos momentâneamente, porém logo recaímos no sono. É dessa maneira que estamos vivendo. Se percebemos o "processo" de corresponder ao desafio de maneira completa, com plena atenção, apresenta-se a questão: Há necessidade de desafios? O homem que está totalmente desperto não necessita de desafios; êsse homem não tem problemas; vai ao encontro de cada desafio de maneira nova. A mente de todo desperta não tem problemas e, por conseguinte, não depende de nenhum desafio para manter-se desperta. Só se pode compreender isso quando o problema, o desafio foi atendido com nossa energia total, e não com o nosso *fundo*. A mente para a qual não há desafios é uma mente livre e, com essa liberdade, pode ir mais longe. Não aprofundaremos êste ponto agora, porquanto requer um estado mental completamente diferente.

Só a reação inadeqüada ao desafio gera mêdo. Existe o mêdo da morte; o mêdo de perder um emprêgo; o mêdo à solidão; o mêdo de vivermos como pessoas insignificantes; o mêdo e as frustrações que acompanham nossos esforços para sermos pessoas importantes, tornarmo-nos famosos e o mêdo de não podermos alcançar êsse alvo. Êsses temores geram neuroses, um estado mental neurótico. Quando há mêdo, não há afeição; não há amor; não há comunhão. Quando há mêdo, maior é a defesa. Quando há mêdo, a mente inventa deuses, cerimônias, rituais, a separação entre os povos: europeus, americanos, chineses, indianos. E, então, o mêdo começa a inventar uma certa espécie de paz, de união mundial. É o mêdo que está ditando. O mêdo nenhuma possibilidade tem de resolver os nossos problemas. É possível viver sem mêdo. Não estamos investigando ou falando sôbre o mêdo no nível intelectual. É inteiramente fútil considerá-lo como uma idéia. Não podemos viver de idéias. Não podemos viver na dependência de uma coisa frag-

mentária chamada "intelecto"; nem da emoção, que é também um fragmento; nem do sentimento. Não estamos investigando intelectualmente as características do mêdo. Estamos procurando *vê-lo* e pôr-lhe fim, radicalmente, não importa que espécie de mêdo — da morte, da infidelidade por parte de minha mulher, ou de meu marido, de qualquer coisa que seja.

Há possibilidade de livrar-nos do mêdo, não só conscientemente, mas também nas profundezas do inconsciente, nas profundezas de nosso coração, de modo que não haja mais sombra de mêdo, em tempo algum? Se estamos livres do mêdo, então os deuses que a mente inventou, as utopias, os sacerdotes, as doutrinas, teologias e crenças, todos êsses absurdos e infantilidades desaparecerão. É possível livrar-nos do mêdo, não numa data futura, não pelo cultivo da resistência ao mêdo (que é outra forma de mêdo), não pelo inventar uma certa teoria ou crença, a fim de ocultar o mêdo? O mêdo não pode ser desfeito por meio da análise. Esta constitui um desperdício de tempo, quando se trata do mêdo. Se, quando sinto mêdo, quando recebo o choque do mêdo, digo: "Descobrirei um meio de libertar-me dêle" — não resolvi o problema. Se procuro um analista e começo a examinar os meus sonhos ou a fazer qualquer daquelas coisas complicadíssimas que êle inventou, a fim de libertar-me do mêdo, dêle não fico livre. Estamos agora perguntando a nós mesmos se temos possibilidade de libertar-nos do mêdo, sem recorrermos a nenhuma dessas inutilidades.

Eis um desafio que se apresenta a cada um de nós. Muito importa descubrais por vós mesmo de que maneira estais reagindo a êsse desafio. Se dizeis que não podeis ou não sabeis libertar-vos do mêdo, já criastes um problema. Se dizeis: "Mostrai-nos como libertar-nos dêle", nesse caso estais dependendo dêste orador, de modo que o mêdo se torna mais forte ainda. Ou, se dizeis que conseguistes livrar-vos de um antigo temor, mas não sabeis como o conseguistes, estais então tentando, com a lembrança conservada em vossa mente, daquela libertação, resolver o problema de vosso mêdo atual. Como deveis enfrentar o desafio do mêdo, não depois de voltar à casa, nem amanhã, porém agora? Vós *tendes* mêdo; cada um de nós tem mêdo, consciente ou inconsciente. Se fôr um mêdo inconsciente, tratai de desenterrá-lo, trazê-lo para fora, expô-lo à luz. Uma vez revelado êsse mêdo, de que maneira o enfrentais? É, com

efeito, assaz difícil responder a esta pergunta, isto é, de que maneira enfrentais o mêdo que vos foi revelado — se de fato desejais revelá-lo a vós mesmo.

Em geral, não desejamos trazê-lo à luz, porque tal é o nosso mêdo, que não sabemos o que fazer com êle. Tão acostumados estamos a evitá-lo, por meio de palavras e de tantas outras vias de fuga, que, pelo geral, não somos capazes de revelar a nós mesmos, e não a outrem, os temores que temos. Uma vez revelado, o mêdo se torna uma coisa muito simples. Sabemos, pelo menos, que temos mêdo. Já não há saída alguma. Se tememos a morte e não procuramos fugir a êsse mêdo por meio de teorias, de crenças, da idéia da reencarnação, de esperança de espécie alguma, de nenhuma dentre as dúzias de maneiras pelas quais a mente procura fugir do fato real, sabemos então que estamos com mêdo. Não temos por onde fugir. O mêdo se torna então um simples fato. Só quando tentamos a fuga é que começa a complicação. Temo minha mulher ou meu marido; tenho defesas contra êsse temor; essas defesas são os prazeres, etc. — dos quais trataremos noutra ocasião. Estou evitando o fato. Nunca disse: "Tenho mêdo de meu marido, de minha mulher". Ao percebê-lo, ocorre então uma coisa extraordinária: o mêdo se torna um simples fato. Não sei o que fazer em relação a êle, porém êle está à minha frente.

Podeis expor a vosso próprio exame êstes temores — da velhice, da doença, enfim todos os temores que temos? Não podeis provàvelmente trazê-los todos à luz (na verdade, *podeis,* se tendes a firme intenção de fazê-lo), mas pelo menos podeis descerrar um dos vossos temores — o mais chegado e "mimado" — e dar-lhe atenção. Como proceder? Como entrar em contacto com êle? Em primeiro lugar, sois capaz de olhá-lo sem voltar-lhe as costas, sem tentar evitá-lo, superá-lo, condená-lo; olhá-lo, simplesmente? Sabeis o que significa evitar um fato. Sabeis quanto a mente é engenhosa quando está a evitar um fato. Ou trata de justificá-lo, dizendo: "Como se pode viver neste mundo sem mêdo?"; ou o condena; ou procura fugir dêle. A própria palavra "mêdo" cria o mêdo, aprofunda-o.

Os mais de vós sabeis o que significa solidão, o que significa ver-se uma pessoa sùbitamente segregada de tudo, de tôdas as relações e contactos — em total isolamento. Estou certo de que

todos vós já conhecestes essa solidão. Podeis achar-vos no seio da família, ou a viajar num ônibus ou no caminho de ferro subterrâneo, e sùbitamente vos verdes acometido dêsse sentimento de completa solidão. Êle é gerador de mêdo. Vou examiná-lo, primeiro intelectualmente e veremos depois o que acontece. Estou só; não gosto dêsse sentimento; é um sentimento terrível, porque não sei o que fazer em relação a êle. Acometeu-me sùbitamente, enredou-me, e dêle quero fugir; procuro conversar, ler o jornal; ligo o rádio, vou à igreja; trato de distrair-me de tôdas as maneiras possíveis. Essa fuga ao mêdo gera conflito. O fato é que estou a fugir, e essa fuga é que *é* o mêdo — a *fuga!* O mêdo não existe quando *o olho*. Só quando fujo — como costumo fazer — só então há mêdo.

Não sei o que significa *olhar* êsse vazio, essa solidão. Em tôda a minha vida, o que eu sempre soube fazer foi fugir de tudo aquilo de que não gosto — uma pessoa, uma idéia, uma intenção, um pensamento. Afasto-o de mim, fujo, construo defesas. É só o que sei fazer. Digo, agora, entre mim: "Não quero mais fazer isso, porque nada resolve; a coisa continua existente; a supurar, como uma ferida; não adianta tapá-la; preciso curá-la, compreendê-la, acabar com ela". Isso não é determinação de não fugir, porque, se digo que não quero fugir cria-se uma resistência contra a fuga, e essa resistência gera nôvo conflito. Se nada disso faço, posso então *olhar* o vazio, a solidão. Não a estou condenando, não a estou justificando; ela lá está, tão real como a chuva que está a cair sôbre êste pavilhão. Quer me agrade, quer não, a solidão está à minha frente. Posso olhá-la; o mais importante é a maneira de olhá-la, e não *como* fugir dela. Isto todos sabemos fazer e é uma coisa por demais infantil. É o que se vem fazendo há milhares e milhares de anos. Portanto, trato de pô-lo de lado, porque estou sèriamente interessado em examinar e compreender a solidão, para ultrapassá-la. Não sou uma pessoa trivial, frívola. Só os frívolos, os que não são *sérios*, só êsses fogem e, por conseqüência, vivem a criar problemas e mais problemas. O que agora importa é a maneira de olhá-la. Se sei olhá-la, ela se dissolve.

Como a olho? Em primeiro lugar, vejo-a como uma coisa exterior a mim. É o que todos fazemos; vemo-la como coisa separada do EU, como um objeto exterior ao Eu. O EU é diferente do objeto que lá está: a solidão, o isolamento. Quando

olho a solidão dessa maneira, o observador trata de fazer alguma coisa em relação a ela — condená-la, alterá-la, dominá-la, com ela identificar-se. Prestai-lhe atenção, por favor; ela se torna muito simples, quando a conhecemos. Sêde bem simples, porque a vida é um tremendo e complexo problema, tremendamente complexo, e só poderemos compreendê-la se formos muito e muito simples, porém sem sermos infantis. Se somos muito simples e acolhemos os fatos tais como são, podemos então "seguir com êles" e, por fim, ultrapassá-los, transcendê-los. Transcendendo-os, estamos livres dêles. O observador diz: "Tenho mêdo". Está separado do mêdo, como que "do lado de fora"; e, então, consciente ou inconscientemente, procura atuar sôbre êle. Mas, o observador difere da coisa observada? Se fôsse diferente, não poderia reconhecê-la. Preciso estar familiarizado com uma pessoa, para reconhecê-la. Posso então dizer: "Você é fulano de tal". Mas, se não a conheço, não há então contacto, não há relação com a pessoa; é um *desconhecido*.

O observador conhece, reconhece o sentimento de vazio, de solidão e, porque o reconhece, dêle faz parte. O observador que reconhece o mêdo, já sabe o que é o mêdo; do contrário, não poderia reconhecê-lo. Por conseguinte, o observador *é* aquêle vazio, aquela solidão. Que pode então fazer o observador, que observa, que é o vazio, que é a solidão? Por favor, não respondais intelectualmente. Até agora, o observador tratou de fazer alguma coisa em relação ao sentimento porém, sùbitamente, percebeu que essa solidão é êle próprio. Que pode fazer? Evidentemente, *nada* pode fazer. Há então inação total, porquanto o observador nada pode fazer; e, como resultado dessa total inação, a coisa que *era* (existia) já *não é*. Essa é a ação mais positiva. Antes, a ação positiva consistia em fugir ao que *é*. "O que é" é o observador, aquêle que vê. O observador nada pode fazer em relação a êle, porque "o que é" é êle próprio.

Não parecemos perceber essa beleza, a beleza da total inação, em relação ao que *é*, a beleza da ação total que se torna existente quando há total inação. Para a maioria de nós, a beleza é uma coisa externa. Um objeto é belo — a montanha, a árvore, a casa, o rosto, o céu durante a noite, a lua e as estrêlas. Essa apreciação do objeto como "beleza" ou não beleza é o que se chama ação positiva. Isso, para mim, não é a beleza, em absoluto, porém uma parte pequeníssima dela, de

sua periferia. Beleza é a inação total, pois dela nasce uma ação sumamente positiva — "positivo", não no sentido de "oposto a negativo". Não depende aquela beleza de nenhum objeto externo. Só a mente que conhece a inação total pode ver o que é a liberdade e, por conseguinte, ser livre.

INTERROGANTE: Desde criança, sempre existiu em mim um certo sentimento de mêdo, de enclausuramento, de sufocação, que me acompanha desde o comêço e do qual me vejo incapaz de libertar-me. Que posso fazer?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, senhor, não o analiseis. Isso já temos feito suficientemente, e é um desperdício de tempo. Sabeis porque tendes mêdo. Se não vos ocupardes em analisar, interrogar, inquirir, tereis energia, como agora mesmo estive explicando. Disporeis de abundante energia para enfrentar aquêle sentimento, sempre que surgir. Essa coisa que há tanto tempo existe, desde a infância, continuará existente e se manifestará ao sairdes deste pavilhão ou ao entrardes em vossa casa. Enfrentai-a! Enfrentai-a como se com ela vos estivésseis encontrado pela primeira vez. Não sereis capaz de encontrar-vos com ela como se fôsse a primeira vez, se estiverdes sempre a analisá-la, a perscrutá-la e a dizer: "Por que isto?" ou "Por que aquilo?". Só no estado de inocência podem resolver-se problemas, e inocente é a mente que com tôdas as coisas se encontra de maneira nova.

14 de julho de 1966

SAANEN — IV

Nas três últimas palestras estivemos considerando a importância e a urgência da revolução radical na mente. Essa revolução não pode ser o produto de uma intenção planejada, sistematizada, porque tôda revolução que segue um certo plano, uma certa filosofia, uma certa idéia ou ideologia, deixa de ser revolução; é mero ajustamento a um padrão, ainda que muito ideológico e muito nobre. Os entes humanos vivem, há mais de dois milhões de anos, num perene estado de guerra, dentro e fora de si mesmos, em perene conflito. A vida é um campo de batalha, tanto na vida prática como na intimidade da família. Uma sociedade recriada, renovada, deve decerto pôr têrmo a êsse conflito. De contrário, tanto a sociedade como o indivíduo, o ente humano, permanecerão fechados na prisão dos conflitos, aflições e da competição. Foi isso, com efeito, o que sempre sucedeu, na história da humanidade, e continua a suceder na atualidade. Parecemos incapazes de quebrar as paredes desta prisão, de libertar-nos. Talvez haja umas poucas exceções, porém essas exceções não entram em linha de conta. O que importa é que *nós,* como entes humanos, possamos operar uma mudança real, radical, dentro em nós mesmos, para nos tornarmos entes humanos diferentes e vivermos uma vida diferente, sem um só momento de conflito.

Em geral, quando sèriamente fazemos esta pergunta a nós mesmos, não sabemos como agir. A estrutura psicológica da sociedade é tão forte, e opressiva, e exigente, que, quando, como entes humanos, participantes dessa sociedade (pois o ente humano não é diferente da sociedade), quando perguntamos a nós mesmos se é possível aquela mudança radical, ou nos tornamos pessimistas, dizendo-a impossível; ou fugimos, por meio

da imaginação, para um certo mundo fantástico, irreal; ou, ainda, pensamos que, a pouco e pouco, gradual e lentamente, podemos transformar nosso coração e nossa mente, mediante esfôrço constante, pelo embrutecer da mente e do coração. É isso o que se verifica em todo o mundo, tanto no Oriente como no Ocidente. Se nada disso fazemos, então, endeusamos o Estado ou ficamos vivendo, simplesmente, como melhor podemos, num mundo absurdo, completamente caótico, sem nada de significativo. É isso o que está fazendo a maioria de nós, ainda que nos mostremos muito sérios. Nosso principal objetivo é encontrar, no meio de tanta aflição, tanto caos e confusão, uma certa espécie de prazer que seja realmente satisfatória.

Não parecemos aprender, absolutamente. A palavra "aprender" tem alta significação. Há duas espécies de *aprender*. Para a maioria de nós, "aprender" significa acumular conhecimentos, experiências, tecnologia, adquirir uma certa capacidade, uma nova língua. Há também o aprender no plano psicológico, aprender da experiência (constituída tanto das experiências diretas da vida, que deixam um certo resíduo, um depósito de conhecimentos) ou do resíduo psicológico da tradição, da raça, da sociedade. Há duas maneiras de aprender a enfrentar a vida, uma psicológica e a outra fisiológica; capacidade exterior e capacidade interior. Não existe, com efeito, uma linha divisória entre ambas; elas se misturam. Não estamos por ora considerando a capacidade que se adquire pela prática, o conhecimento técnico que se adquire pelo estudo. O que aqui nos interessa é o conhecimento psicológico adquirido através de séculos, ou herdado como tradição, saber, experiência. Chamamos a isso "aprender", mas duvido de que seja *aprender*. Não me refiro ao aprender de uma capacidade, uma língua, uma técnica, porém, sim, estou indagando se a mente tem alguma possibilidade de aprender psicològicamente. Ela aprendeu e com o que aprendeu está enfrentando os desafios da vida. Está sempre a traduzir a vida, ou o desafio nôvo, em conformidade com o que aprendeu. É o que fazemos. Mas, isso é *aprender?* Aprender não sugere *coisa nova,* coisa que não conheço e estou aprendendo? Se estou apenas aumentando o que já sei, isso já não é aprender. É um processo adicional, com o qual estou enfrentando a vida. Isso temos de compreender claramente, porque, de contrário, o que mais adiante

vamos considerar poderá tornar-se um tanto confuso. O aprender, por certo, exige uma mente nova, uma mente que está a *aprender* (e não, que *aprendeu* e funciona e atua em conformidade com o aprendido). A mente que está a aprender está sempre a atuar, não em conformidade com o que já adquiriu, porém, no seu próprio atuar está a aprender.

Como outro dia dissemos, a vida é um movimento, um rio imenso, de grande profundidade e beleza, de extraordinária rapidez. Enquanto, como ente humano, estou a mover-me, acompanhando o seu movimento, estou aprendendo. E já não estou aprendendo quando estou meramente a funcionar com o que já sei. Neste último caso, nunca enfrento a vida de maneira nova; estou a enfrentá-la com o que já sei. Tenho de aprender uma diferente maneira de viver, em que não haja conflito, nem batalhas, nem guerras, interior ou exteriormente. Tem havido guerras sucessivas, guerras brutais e sem significação alguma. Nenhuma guerra tem significação: não há guerra justa, ou guerra injusta. Tôdas as guerras são injustas. Temos de aprender e, aparentemente, somos incapazes de aprender. A atual geração mais velha, embora tenha assistido a duas guerras catastróficas, não parece aprender. Continuamos a viver, psicològicamente, numa sociedade em que há competição, avidez, inveja, a adoração do êxito. Tudo isso denota conflito, batalha. Se, como ente humano, sou verdadeiramente *sério,* tenho de aprender uma maneira de vida totalmente pacífica, tenho de aprendê-la como se, antes, eu nunca tivesse vivido. Só quando a mente está em paz, temos a possibilidade de aprender, de ver, de descobrir. A mente que está em conflito nenhuma possibilidade tem de ver com muita clareza, porque tudo o que vê se deforma, se corrompe. A paz é uma necessidade absoluta, tanto interior como exteriormente. Mas nós, em primeiro lugar, não queremos paz; não exigimos a paz. Se o fizéssemos, não teríamos nacionalidades, nem governos soberanos, nem exércitos; mas, como entes humanos, temos "direitos adquiridos" e, assim, não desejamos a paz, em absoluto. O que desejamos é só algum confôrto e satisfação em meio a tôda esta agonia. Queremos talhar, dentro de nossa mente e coração, um cantinho sossegado, para lá ficarmos vivendo, fechados em nosso pequenino e degradado EGO.

Se desejamos realmente a paz, interior e exteriormente, não só necessitamos de uma radical revolução psicológica, mas também temos de reaprender a viver. Isso ninguém poderá ensinar-nos — nenhum filósofo, nenhum instrutor, nenhum *guru,* nenhum psicólogo e muito menos os chefes miltares ou políticos. Temos de reaprender tudo; aprender a viver sem conflito. Para compreendermos o conflito e compreendermos a paz, temos de investigar a questão do prazer, porque, se não compreendemos o prazer e seu oposto, a dor, não teremos paz e não poderemos viver livres de conflitos. Não estamos dizendo que devamos privar-nos do prazer ou levar vida de puritano. Isso o homem já experimentou, disciplinando-se, matando todos os seus desejos e prazeres, torturando-se, negando a si próprio todo e qualquer deleite dos sentidos, e, todavia, êle não dissolveu o seu conflito, a sua tortura psicológica. Se de fato desejamos compreender, sèriamente, a natureza do conflito, e sua terminação, isto é, a paz, temos de investigar, não só intelectualmente, porém real e verdadeiramente a questão do prazer, que é desejo. Não poderemos viver em paz uns com os outros ou com nós mesmos, se não houver amor, se não houver afeição. O desejo não é amor; o desejo leva ao prazer; o desejo *é* prazer. Não estamos condenando o desejo. Seria rematada estupidez dizer que devemos viver sem desejo, visto que isso é impossível. O homem já o tentou. Muitos têm negado a si próprios tôda espécie de prazer, têm-se disciplinado, torturado e, contudo, o desejo persiste, criando conflitos, com todos os seus efeitos embrutecedores. Não estamos advogando um estado de "não-desejo"; mas, devemos compreender o fenômeno do desejo, do prazer e da dor e, se pudermos transcendê-lo, encontraremos um estado de bem-aventurança e de êxtase, que é amor. Vamos falar sôbre isso nesta manhã, mas não intelectualmente, pois isso é fútil. É fútil especular a respeito do desejo; especular a respeito do amor; permanecer no nível verbal, intelectual, a "moer" palavras, interminàvelmente, sôbre se é possível viver-se neste mundo sem conflito.

Um homem, um ente humano, não tem nacionalidade, nem religião. Um ente humano é um ser que se vê cercado de conflitos, aflição, mêdo, ansiedade, agoniado por uma existência de solidão e de tédio. Para investigar o prazer, necessitamos primeiramente de clareza. Não podemos ter essa

clareza, se condenamos o prazer, ou se dizemos "Preciso dêle" — quer se trate de prazer sensual, quer do prazer derivado de nossas diferentes reações psicológicas. Quando condenamos ou desejamos o prazer, não podemos compreendê-lo. Não entendo pela palavra "compreender" uma compreensão intelectual, conceptual, compreensão criada por uma palavra ou idéia — pois idéia é palavra ou pensamento organizado. Se, em relação ao prazer e à dor, pensamos na base de uma fórmula ou conceito, não os compreenderemos. Temos de olhar, de penetrar o prazer. Mas não podemos compreendê-lo ou penetrá-lo se admitimos ou sustentamos que precisamos do prazer, porque todos os nossos valôres sociais, morais, religiosos e éticos estão baseados no prazer.

Seria estupidez negar que nossa moral está baseada no prazer. Nossa atitude perante a vida está baseada nos deleites dos sentidos ou nos deleites interiores, psicológicos. Todo o nosso buscar, e tatear, e desejar, e exigir, *se baseia* no prazer. Nossos deuses estão baseados no deleite de buscar um mundo diferente, distante desta tortura, dêste mêdo. A coisa que estamos a buscar se baseia nessa exigência de um certo prazer profundo, permanente.

Para o examinarmos, objetiva, equilibrada, claramente, não deve haver nem condenação nem exigência do prazer. Se isto está bem claro entre o orador e vós, ouvintes (sinto que sejais obrigado a ouví-lo, e não sei porque o fazeis), então é bem óbvio que precisamos estar bem certos de que desejamos verdadeiramente compreendê-lo (o prazer), pois, de contrário, não pode haver nenhuma revolução. Continuaremos no mesmo campo, embora num canto diferente; não haverá revolução radical na psique, na própria mente. Nossas células cerebrais e a inteira estrutura da psique, de nossa existência diária, estão baseadas no prazer — o prazer do preenchimento, do sucesso, da ambição, da competição, de dúzias de coisas diferentes. A menos que haja, aí, uma revolução radical, podemos ficar falando interminàvelmente a respeito de mudança, da necessidade de uma nova espécie de sociedade, etc. etc., e tudo serão palavras ôcas. Nós vamos aprender, e isso significa que não ides ser ensinados por êste orador, para, depois de ensinados, dizerdes: "Aprendi" — e, nessa base, tratardes de viver de maneira diferente. Nós vamos *aprender*. O que nos interessa

é o presente ativo: *aprender,* e não "ter aprendido" ou "aprenderei".

Não há então acumulação do "aprendido", como idéia ou conclusão, na base da qual ficaremos a funcionar ou atuar. *Atuamos* enquanto *aprendemos.* Aí está tôda a diferença. Por conseguinte, não é na base de uma idéia, ou símbolo, ou conceito, que estamos atuando. Se conseguirdes compreender isso, total e completamente, vossa ação terá um significado inteiramente diferente. Não estareis então atuando com base numa idéia, num conceito, porém estareis *atuando* — e "atuando" não tem futuro.

Não sei se percebeis a beleza disso, pois todos nós estamos acostumados a atuar com base no passado. Temos idéias sôbre o que deve ser "ação": boa ação, má ação, ação justa, ação baseada em certos princípios, certas fórmulas, conceitos, idéias. Estabelecemos essas idéias filosóficas, ou sejam idéias derivadas da experiência, quer dizer, conceitos. De acôrdo com elas atuamos, e a ação visa sempre a ajustar-se à idéia. Há sempre conflito entre a idéia e a ação e andamos sempre a tentar uni-las, integrá-las — uma impossibilidade. Não estamos aqui aprendendo nenhuma idéia, nenhum conceito nôvo. Estamos, sim, "aprendendo" — sempre no presente ativo. Se percebemos isso, não intelectual, nem sentimental ou "sensacionalmente", porém com o máximo de clareza, terá então a ação uma extraordinária beleza e trará, em si mesma, a liberdade.

Estamos aprendendo, ou vamos aprender (com o sentido do presente), no presente ativo, o que é o prazer e por que razão êle se tornou tão desmedidamente importante. Não o estamos rejeitando, não nos estamos fazendo de puritanos. Que é o prazer? Há uma infinidade de variações do prazer sensual ou psicológico. Êsses dois estão relacionados entre si. Não se pode dizer que *isto* é prazer sensual e *isto* prazer psicológico e, portanto, não os estamos separando. Estamos considerando, em seu todo, o processo do prazer, quer sensual, quer psicológico.

Que é o prazer e porque tem êle papel tão importante em nossa vida? Só pensamos no que proporcionará prazer. Temos a imagem, sexual ou de outra natureza, e o pensamento intervem e gera prazer. Cumpre-nos descobrir o que é o prazer, e aprender que o prazer é, em si, disciplina. A raiz da palavra "disciplina" significa "aprender", e não, ajustar-se a um padrão,

a um sistema, fazer tudo aquilo a que comumente se dá o nome de "disciplina". O próprio ato de aprender é disciplina, e a palavra "disciplina" significa "aprender", e não, "ter aprendido", "reprimir", "praticar certas coisas ou ajustar-se a um padrão". O ato de aprender é a via da disciplina e, portanto, não há dizer "devo" ou "não devo" ter prazer. Que *é* o prazer? Por favor, não espereis por minha resposta. Nós estamos aprendendo. Eu posso articular uma resposta, expor verbalmente o que é o prazer, descrevê-lo, examiná-lo minuciosamente, mas *vós* tendes de aprender. É o que estamos fazendo, juntos. Por conseguinte, estais escutando não só ao orador, mas também escutando em vosso interior, observando a pergunta que se vos faz.

O prazer está relacionado com o desejo. Saboreei uma certa iguaria e desejo prová-la mais uma vez; isso dá-me deleite. Há o sexo, o prazer do pôr do sol, numa bela tarde; a luz refletida nas águas do rio; a beleza de um pássaro a voar; a beleza de um rosto; a frase que nos inspira profunda alegria; um sorriso. Vem então o desejo, a exigir repetição. E há o desejo sexual, o desejo psicológio ou outro, que provou um certo prazer e quer de nôvo prová-lo. O desejo de repetição se apresenta no mesmo momento em que nasce o pensamento. Consideremos isso com muita simplicidade, por ser uma questão muito complexa. Ontem de tarde, em meio às nuvens e ao vento, o sol iluminou sùbitamente uma pequena porção de um campo. Uma luz de extraordinária plenitude em que o verde do campo adquiriu maravilhosa viveza. Os olhos viram, a mente registrou, e experimentou enorme deleite, ante aquela beleza, aquela luz, aquêle verde incomparável. Quero a repetição daquela delícia e, assim, vou procurar aquela mesma luz, aquela mesma beleza, aquêle mesmo sentimento — e isso já é pensamento. O ato de ver foi uma coisa e, depois, veio o pensamento: "Desejo repetir aquilo; tenho de repeti-lo amanhã". Essa repetição é o comêço do prazer. Quando vi a luz a brilhar naquele campo, não existia desejo nem prazer, porém só um estado de intensa observação e deleite. Mas, o pensamento interferiu: "Oh, que bom seria se eu pudesse repetir isso amanhã!"

É sempre isso o que fazemos, seja em relação ao sexo, seja quando alguém nos lisonjeia e se diz nosso amigo. O pensa-

mento se ingere e deseja repetição. O comêço do prazer é o comêço do pensamento, com seu conflito. O pensamento tem necessidade de conflito, e cria o conflito. Meu problema não é o deleite que experimento ao ver uma coisa bela, porém, começa a existir logo que o pensamento exige repetição. O deleite se torna então prazer e sinto necessidade de sua repetição. A idéia de repetição, de "mais uma vez" é criada pelo pensamento. Vejo um rosto agradável, um belo semblante iluminado por um sorriso, e nêle fico pensando. Primeiro vejo-o, depois penso nêle. Êsse pensar é o comêço da tortura, da dor, do prazer — como possuir, conservar, dominar o que vejo. Uma vez dominado, está destruído, e vou procurar outra coisa, etc. etc. Posso contemplar aquêle campo verde, ver aquela luz maravilhosa, extasiar-me com aquela extraordinária beleza, sem deixar o pensamento interferir? *Êste* é que é o problema. No momento em que o pensamento intervem, começa a tortura, a dor, o conflito, com todos os seus resultados e efeitos indiretos. O pensamento destrói o que antes era belo. Meu problema não é de evitar ou de aceitar o prazer, porém, sim, de compreender em seu todo o processo do pensamento. Vejo um belo e possante carro. O pensar nêle intensifica o desejo, torna-o mais forte. O desejo se torna prazer, a imaginação entra a funcionar, etc. etc. Tenho de investigar agora o pensamento, o pensar, e não se tenho possibilidade de detê-lo, pois não a tenho; tenho de investigar se tenho possibilidade de compreender o mecanismo do pensamento.

Êste é um assunto verdadeiramente sério. Tendes de dispensar-lhe muita atenção, e vos cansais muito depressa. Não podeis prestar atenção durante uma hora inteira, com plena energia. Se até agora estivestes a examinar-vos com tôda a vossa energia, atenção e capacidade, com intensidade, então o vosso corpo, a vossa mente, todo o vosso ser está esgotado. Se dizeis: "Tende a bondade de prosseguir, e entenderei o que quereis dizer" — isso significa que desejais continuar a ouvir e que eu continue a explicar; já não estais aplicado à coisa com tôda a vossa vitalidade. Voltaremos a considerar êste assunto — o mecanismo do pensamento — na próxima ocasião. Para compreendê-lo, deveis investigar a questão do tempo — do tempo como memória, do tempo como passado. Êste é um problema muito complexo, a que deveis aplicar-vos

com a mente fresca, e não com uma mente já cansada, enfastiada da vida. Para examinardes o mecanismo do pensamento, que é memória, tendes de penetrar fundo no consciente e no inconsciente; tendes de compreender o tempo cronológico e o tempo psicológico e de considerar se o tempo pode terminar. Tudo isso está incluído na investigação do pensar. Esta investigação exige uma mente muito penetrante, e não uma mente embotada, cansada, que apenas sente curiosidade, pois se acha esgotada, após quarenta anos de labor num escritório. Exige uma mente clara, aguçada, capaz de pensar lúcida e resolutamente, sem hesitar entre uma coisa e outra. Uma mente dotada da energia necessária para prosseguir, sem desfalecimentos, até o fim.

Quando assim tiverdes feito, sabereis por vós mesmos o que é o prazer, e a dor que sempre o acompanha; e sabereis se é possível viver neste mundo com infinito deleitamento, bem-aventurada e extàticamente, inteiramente livre do prazer e da dor. Para atingir-se êsse ponto, necessita-se de uma mente muito ardorosa, muito séria, e não de uma mente presumida, uma mente cheia de vaidade, que diz: "Eu sei". A compreensão do que estamos explicando requer muita humildade, e humildade significa aprender. Não podeis aprender, se não sois simples.

INTERROGANTE: Eu desejo o prazer, em diferentes formas. Resisto ao prazer, porque sei que me trará dor, e temo a dor. Todavia minha mente deseja o prazer constante. Como posso livrar-me dessa resistência ao prazer e dêsse mêdo à dor, e entretanto continuar a desejar o prazer?

KRISHNAMURTI: Êsse é um caso semelhante ao do homem que deseja preencher-se por meio dos livros, da literatura, da pintura, da música. Êle deseja tornar-se *alguém,* porém sabe que naquele próprio desejo de preenchimento estão emboscados a dor, a agonia, a aflição e o mêdo. Todavia, êle deseja preencher-se.

Que devo fazer? Cabe-me investigar, não como livrar-me do mêdo à dor, porém se existe preenchimento, se pode haver prazer constante. O problema não é de livrar-nos da dor, da exigência de prazer, porém, sim, de descobrir se no próprio prazer não está contida a dor. Desejo preencher-me porque

dá imenso prazer. Desejo tornar-me conhecido, famoso, como músico, como escritor, etc., porque há nesse preenchimento um prazer enorme, terei popularidade, meu nome aparecerá nos jornais, e tôdas as outras banalidades dêsse gênero. Isso me proporciona infinito prazer, e não o chamo "banalidade". Procuro preencher-me, porque há sempre alguém que é melhor do que eu, uma pessoa mais conhecida, um escritor melhor, um músico melhor. Aí, há competição; há dor; tenho de representar um certo papel, ser hipócrita, fazer coisas desprezíveis. Tudo isso traz dor. Desejo preencher-me, porque no preenchimento há prazer. Ao mesmo tempo desejo evitar a dor. O que preciso investigar é *o que* quero preencher, o que estou fazendo.

O mundo inteiro adora o sucesso. Se tenho dinheiro, posição, prestígio, fama, se sou pessoa conhecida dos milhões de leitores dos jornais, isso é verdadeiramente deleitável, proporciona-me uma grata sensação. Mas, que significado tem? Existe preenchimento, e *o que* desejo preencher? Quero preencher-me, tornar-me famoso, porque interiormente sou *nada;* estou vazio, só, um ente digno de lástima, e trato de enfeitar-me com a plumagem da fama, porque domino uma certa técnica, do violino, do piano, ou da pena. Com preencher-me estou tentando fugir àquele vazio, àquela solidão, àquele egocentrismo e àquele tédio, graças a êsse pouquinho de técnica. Êsse preenchimento é uma fuga ao fato — ao que sou. Posso dissolver o que sou, aquela fealdade, aquêle vazio, aquela atividade egocêntrica, com suas neuroses e exigências?

Se eu fôr capaz de dissolvê-lo, e não mais me preocupar sôbre se sou famoso ou se não sou, se me preencho ou não me preencho — terei ultrapassado tôdas essas trivialidades. Então o prazer, o pensamento e a dor têm um significado totalmente diferente; estou além de suas fronteiras, fora de sua esfera.

INTERROGANTE: Tereis a bondade de explicar o que significa aprender enquanto atuamos?

KRISHNAMURTI: Verificou-se, em certas fábricas, que um homem quando tem de fazer sempre o mesmo trabalho, produz menos porque se enfada de estar executando repetidamente os mesmos atos; mas, se se lhe permite aprender enquanto

trabalha, produz mais. Assim, dá-se ao operário a possibilidade de aprender enquanto trabalha.

Consideremos a coisa por outro lado. A maioria de nós tem idéias. Para nós, as idéias, as fórmulas, os conceitos são de enorme importância. A nacionalidade é uma idéia. O negro, o hindu, o branco, são idéias. Embora essas idéias tenham produzido terríveis efeitos, elas, as idéias, as ideologias e fórmulas têm para nós imensa importância, e *a ação* nenhuma importância. Atuamos em conformidade com êsses conceitos e idéias; procuramos ajustar a ação à idéia. Há sempre separação entre a idéia e o ato, e, por conseguinte, há sempre conflito. O homem que deseje compreender e finalizar o conflito deve descobrir se pode atuar sem idéia; deve aprender ao mesmo tempo em que está atuando.

Consideremos o amor. Êle não é uma coisa simples, porém assaz complexa. Não sabemos o que significa o amor. Temos idéias a seu respeito: que para amar temos de ser ciumentos, que o amor se divide em divino e humano — inumeráveis idéias. Se desejo descobrir seu significado, sua profundidade, sua beleza, descobrir se o amor existe — e êle nada tem que ver com "boas obras", comiseração, tolerância, brandura, embora tudo isso nele possa incluir-se — se desejo realmente compreendê-lo, tenho de repudiar tôdas as minhas idéias a respeito, pois, nesse ato de lançar fora todos os meus conceitos relativos ao amor, estou aprendendo o que é o amor. Só isso, e nada mais.

17 de julho de 1966

SAANEN — V

Muitas vêzes me tenho interrogado por que razão vós escutais minhas palestras, e por que razão eu falo. Estamos permutando idéias, conceitos, ou estamos viajando juntos, explorando, examinando o que vamos descobrindo e, portanto, nossa relação não é a de orador e ouvinte? Desejais ser ensinados sôbre o que pensar ou como pensar, ou desejais adquirir conhecimentos e dados, para serem acrescentados aos que já acumulastes durante a vida? Se cada um de nós pudesse descobrir porque quer ouvir êste orador, o que estamos a procurar às apalpadelas, o que estamos buscando e por que razão buscamos, talvez se nos tornasse mais fácil resolvermos os nossos numerosos problemas. Se cada um pudesse descobrir, por si próprio, na intimidade de sua mente e coração, o que deseja alcançar, então, talvez, a viagem que estamos fazendo juntos tivesse alguma significação. Há necessidade de operar-se em nós mesmos e, portanto, na sociedade, uma mutação radical, uma revolução total na nossa maneira de pensar, de viver, de atuar. Se não percebemos claramente essa necessidade, então, esta nossa viagem será inteiramente vã.

Estamos vendo quanto é imatura a atividade política, religiosa e econômica, de que nos vemos cercados. Só há um problema político: a unidade humana — mas ninguém parece preocupar-se com êle. Muito se discursa a respeito, mas, para realizá-la, não só se torna necessária uma mudança econômica, uma mutação psicológica da estrutura social, mas também a transformação de tôda a estrutura da psique, da mente. É sôbre isso que vamos falar nesta manhã. Vamos investigar o que é pensar, o que é a mente, o que é a consciência, em seu todo. Fique entendido, em primeiro lugar, que não estamos

dividindo a consciência em diferentes seções, fragmentos, em consciente e inconsciente, com as respectivas interpretações. Há só um estado: o que somos, a totalidade de nós mesmos, que tão pouco conhecemos, que tão pouco temos penetrado; a totalidade de nossa estrutura psicológica, de nossas reações, limitações, condicionamentos, anseios, nossas brutalidades, nossa violência, nosso pretenso amor. A menos que se opere uma fundamental revolução na estrutura total de nosso ser, nossa vida será sempre deficiente; haverá sempre sofrimento, desta ou daquela natureza; haverá sempre conflito, aflição, confusão. Se nos limitamos a ouvir uma dada descrição ou explicação, uma certa teoria, isso de modo nenhum alterará o fato — o que somos.

Como será possível operar uma mutação naquilo que somos? É só isso o que nos interessa. Eu sou igual a vós, igual a qualquer outro, neste mundo. Somos, todos, produtos do ambiente, da sociedade em que nascemos, das religiões que, com sua propaganda, nos educaram para crer e não crer. De tudo isso somos o resultado, e qualquer mudança operada dentro dêsses limites não é, de modo nenhum, uma verdadeira mudança. Mudança é, decerto, transcender, ultrapassar êsses limites. Como será possível isso? Que nos cabe fazer? Aprender não é sofrer, nem é prazer. Quando estamos aprendendo, não há separar as coisas — as de que gostamos ou de que não gostamos, aquelas a que resistimos ou a que nos apegamos. Há, só, aprender e uma das nossas dificuldades parece-me ser o não percebermos a importância do aprender, do descobrir, do investigar, por nós mesmos. Não há possibilidade de aprender, se estamos pensando em prazer, dor, resistência ou repressão. O aprender só é possível quando somos capazes de olhar-nos tais como somos, não de acôrdo com uma certa filosofia ou um certo conceito especulativo, teológico: capazes de ver a realidade. Se pudermos deixar de lado tais coisas (filosofias, conceitos), estaremos aptos a examinar o que realmente somos; e, nesse exame, estaremos aprendendo. Não há *aprender*, se estamos meramente a acumular. Se estamos aprendendo uma língua estrangeira, a acumulação é naturalmente necessária, como conhecimento, capacidade. Mas, quando estamos aprendendo a respeito de nós mesmos, de nosso ser total, de nossas reações, da maneira como pensamos e porque de tal maneira

pensamos, de nossos *motivos,* das várias influências a que estamos sujeitos, dos temores, ansiedades, remorsos, do sentimento de opressão — se não pudermos olhar-nos claramente, não teremos possibilidade de efetuar uma mudança radical, fundamental, em nosso ser. Como dissemos, na última reunião, é muito importante a maneira como olhamos a nós mesmos.

Já alguma vez tentastes olhar a "vós mesmo"? Êsse "vós mesmo" nunca é constante; está sempre num estado de fluidez, de movimento. Se o olhais com um conceito, com uma idéia fixa, nesse caso estais meramente a interpretá-lo pelo padrão do prazer e da dor. Mas, se puderdes esquecer, lançar fora, largar definitivamente êsse conceito relativo ao que deveríeis ser ou deveríeis ter sido e não fôstes, então, visto que já não existirá censor, podereis olhar-vos. Seguireis então o movimento de cada pensamento, de cada sentimento. Nesta manhã, vamos considerar a natureza do pensar. Estamos acostumados a servir-nos do pensamento como o meio de efetuar mudanças em nós mesmos — pensamento, como desejo, como vontade, pensamento todo devotado a uma idéia, à qual temos de ajustar-nos, pensamento como tempo. O pensamento "diz": "Sou *isto,* ou fui *isto,* e serei *aquilo*". O pensamento se tornou o instrumento que espera promover uma revolução interior — êsse mesmo pensamento, que é reação da memória, acumulação de séculos de experiência de tôda a humanidade e do indivíduo em particular.

Nós somos êsse *fundo (background),* e a todo desafio, a tôda questão, a tudo o que é nôvo, sempre reagimos em conformidade com êle, com nosso condicionamento. Pode o pensamento, como vontade, como desejo, como ganho, como perda, operar alguma revolução em nós? Se não pode, *o que* poderá? Sabemos o que significa a revolução ou mudança que se opera por meio do pensamento. Digo, entre mim: "Eu sou *isto* — qualquer coisa: medroso, invejoso, ávido, todo interessado em minha satisfação pessoal, empenhado numa atividade egocêntrica. Percebo isso, e digo a mim mesmo: "Preciso mudar, porque isto é muito doloroso; muito estúpido; muito infantil; causa sofrimento". Exerço a vontade, a repressão, o contrôle, a disciplina, isto é, ponho a funcionar o pensamento e vejo que não mudo em nada absolutamente. Mudo-me apenas para outra parte do mesmo campo. Tornei-me talvez menos irritável,

um pouco mais *isto*, um pouco menos *aquilo*, mas o pensamento não revolucionou a minha psique, o meu ser total. O pensamento só gera mais conflito, mais dor, mais prazer, mais luta. Que é então que pode promover uma mudança, uma revolução, dentro dêsse campo?

Quando vos fazeis esta pergunta, qual é a resposta? Como respondeis? Já lutastes muito, na vida. Se tendes dinheiro, ides consultar um psicanalista. Se não o tendes, procurais um sacerdote. Ou, se não fazeis nem uma nem outra coisa, começais a observar-vos, a controlar-vos, a disciplinar-vos, a fazer *isto*, a fazer *aquilo* — uma infinidade de coisas. Dessa luta, entretanto, não vem florescimento, não vem beleza, nem felicidade, nem paz. Vede-vos, no fim de tudo, num beco sem saída. Todos vós, se já vos fizestes tal pergunta, deveis saber isto. Que será então que fará a mudança? Como responder a esta pergunta? Seria verdadeiramente desejável que cada um de vós pudesse, por si mesmo, achar a resposta, sem esperar que outrem lha mostrasse. Se estais esperando que outrem responda por vós, não estais aprendendo. Como disse, estamos viajando juntos. Não há aqui nem instrutor, nem discípulo, não há autoridade nenhuma, porém tão-só o recolhimento, a solidão de vossa investigação e descobrimento. Se, por vós mesmo, descobrirdes a resposta, dêsse descobrimento nascerá, então, uma energia nova — a ressurreição para uma nova vida. Mas, se estais, meramente, a esperar que alguém venha ensinar-vos, ver-vos-eis de nôvo na mesma fútil rotina de antes.

Como responder àquela pergunta? Tomais por um dado caminho para irdes a um certo lugar, voltardes para casa. Pedis informações a um passante, e êste vos diz que estais seguindo o caminho errado. Após uma longa e fatigante caminhada, descobris que aquêle caminho ou vereda não leva aonde desejais ir. Indagais aqui e ali e, afinal, por vós mesmo, descobris que aquela via não leva a parte alguma. Que fazeis, então? Parais, voltais e seguis o outro caminho; mas, primeiro, parais. Deveis primeiro, esvaziar a mente ou, antes, a própria mente deve esvaziar-se de todos os padrões e de tôdas as fórmulas, abandonar tôdas as fortificações da memória. Êsse mesmo esvaziar de todo o nosso ser é o "processo" da revolução. Mas, não é possível esvaziar uma mente "comprometida", uma mente sempre ocupada, e nunca vazia. A mente só se torna vazia

depois de escutar, de olhar, de observar todos os seus movimentos — seu movimento total — e isso se pode fazer num instante. Após terdes observado tudo isso e percebido a inutilidade do pensamento (dêsse pensamento que está sempre e sempre a funcionar) como o instrumento que efetuará a revolução, então, naturalmente, voltais as costas ao caminho que até agora vínheis trilhando. Isso só pode verificar-se quando a mente, quando a psique inteira está totalmente vazia. Êsse vazio é madureza, a qual dá uma dimensão inteiramente diferente a nossas atividades e a nosso viver.

Estais escutando há cêrca de meia hora o que estamos dizendo, e aonde chegastes? A alguma idéia (e idéia é pensamento racionalizado)? A alguma conclusão, com a qual estais procurando concordar ou dela discordar, ou que desejais desenvolver? Se é isso o que estais fazendo, vos encontrais ainda na esfera da atividade egocêntrica do pensamento; mas, se estais verdadeiramente aprendendo, se estamos aprendendo juntos — sem acumularmos, para depois atuarmos de acôrdo com o que foi acumulado; se estamos aprendendo à medida que vamos caminhando, vereis, por vós mesmo, em plena ação, a madureza — a qual nada tem que ver com a idade física da pessoa. Essa madureza é a ação da mente que está inteiramente desocupada e nela, por conseguinte, não existe problema algum.

Nossa mente é o solo de que um problema necessita. Nela, o problema cria raízes, e, depois de enraizar-se, ficamos a perguntar como resolvê-lo. Se fazemos frente ao problema e instantâneamente o resolvemos — não um problema mecânico, um problema técnico que exige especiais aptidões, porém o problema humano, o problema de nossas ansiedades, nosso desespêro, todos os problemas que temos — se enfrentamos imediatamente o problema e não permitimos nenhum intervalo entre o fato e o que a seu respeito devemos fazer, não há então solo para problema nenhum. Nossa mente, nosso coração, nosso ser todo inteiro, estão repletos de problemas não resolvidos, porque jamais entramos em contacto direto com nenhum dêles. Temos mêdo de fazê-lo. Para podermos pôr-nos em contacto com qualquer coisa, com a natureza, com a extraordinária beleza da montanha, temos de chegar-nos para bem perto dela. Se nos achamos a uma grande distância ou a uma grande altitude, tôdas as montanhas parecem iguais, achatadas, à

exceção de um ou outro pico sobranceiro aos demais; mas, se nos aproximamos bem, começamos a distinguir os vales, as cataratas, a forma do penedo, a beleza de um contôrno. Bem perto das coisas, estamos em íntimo contacto com elas. Infelizmente, nunca nos permitimos entrar em íntimo contato com alguma coisa, porque estamos sempre a isolar-nos, a recalcar-nos, e existem, assim, dezenas de barreiras por nós mesmos construídas.

Tôdas essas barreiras, e recalcamentos, e temores, se desfazem instantâneamente, imediatamente, quando nos pomos diretamente em contacto com êles. E êsse contacto direto só é possível quando o pensamento foi compreendido, compreendida a sua relativa importância em certos setores, e quando há aquêle vazio imprescindível à observação. Pois, só podemos olhar uma coisa, quando estamos vazios, quando não estamos ocupados, quando não estamos ligados a nada. Não podeis observar a natureza, a árvore, a flor, a montanha, o rio, o céu, quanto vossa mente está atulhada de pensamentos, preocupada, agitada; quando se vê torturada por sua própria pequenez, sua própria inquietação e ansiedade.

Que se pode fazer, realmente, em relação à atividade egocêntrica? Uma das coisas mais difíceis de perceber é que nada se pode fazer no sentido de operar uma mudança. Quando, em presença de um problema, o olhais inteiramente em silêncio, sem estardes vinculado a nada, entrais então imediatamente em contacto com êle, não como "observador" em contacto com a "coisa observada", porém em contacto com o fato — *o que é*. Vereis, então, operar-se uma mudança, não produzida pelo pensamento, pelo desejo de prazer ou a fuga à dor.

INTERROGANTE: O pensamento está sempre em movimento, a tôdas as horas, infindàvelmente. Como é possível detê-lo?

KRISHNAMURTI: Se eu responder "Não sei", que fareis? De fato, eu não o sei. Senhor, escutai atentamente o que se está dizendo. De muitos modos já se tem tentado pôr fim ao pensamento: recolher-se a um mosteiro, identificar-se com uma certa imagem, teoria ou conceito; disciplina, meditação, coerção, repressão — tudo se tem tentado, para deter o pensamento. O homem já o tem tentado por todos os meios possíveis, torturando-se de diferentes maneiras, porquanto

percebe claramente que pensar é encher-se de aflição. Como deter o pensamento? Isso envolve muitas coisas. No mesmo instante em que fazeis algum esfôrço para detê-lo, êle se torna um problema. Aparece uma contradição. Desejais deter o pensamento, porém êle prossegue, sem parar. Essa mesma contradição gera conflito; tôdas as contradições produzem conflito. Assim, que fizestes? Não pusestes fim ao pensamento e criastes um nôvo problema, vale dizer, conflito. Todo esfôrço para deter o pensamento só serve para alimentá-lo, dar-lhe mais energia. Sabeis muito bem que tendes de pensar. Tendes de exercer tôda a energia a vosso dispor, para pensardes com clareza e precisão, pensar sã, racional e lògicamente. Todavia, bem sabeis que êsse pensar são, racional, lógico, não detém o pensamento. Êste prossegue, indefinidamente.

Que fazer? Sabeis que qualquer espécie de repressão, de disciplina, recalcamento, resistência ou ajustamento à idéia de que tendes de pôr fim ao pensamento, é puro esbanjamento de energia e tem de ser abandonado. Vós o abandonastes? Se o fizestes, que deveis fazer agora? Absolutamente nada! Primeiramente, *pensais* que deveis pôr fim ao pensamento. Isso é uma idéia, e atrás dela existe um *motivo*. Desejais deter o pensamento, porque êle não resolveu o problema. Pode, pois, a mente — não uma mera parte dela, um certo fragmento, porém a sua totalidade, que compreende os nervos, o cérebro, a sensibilidade, tudo — pode a mente perceber que nada pode fazer a êsse respeito? E, percebido isso, o pensamento continuará? Vereis que não continuará.

INTERROGANTE: Parece que olhei o problema errôneamente.

KRISHNAMURTI: Senhor, tendes um problema, um problema matemático, um problema pessoal; já o examinastes bem, investigastes, devassastes, e não encontrastes a solução. Que sucede então? Vós o largais, não? Mas é muito importante perceber como o largais. Se o fazeis por desespêro, por mêdo, por um certo motivo, vossa mente continuará ainda ocupada com o problema. Mas, se o largais após o terdes considerado sob todos os seus aspectos, nesse caso o deixais *completamente* entregue a si mesmo, isto é, vossa mente já não se preocupa com êle, já não o teme, já não busca nenhuma solução, nenhum meio de fuga. Se deixais o problema "sòzinho", então, como

que do nada, surge a solução. Já não notastes como isso acontece, em relação a coisas triviais? Se tendes um problema matemático, ou um problema humano, com o qual estivestes a pelejar, sem encontrar solução, e dizeis: "Nada mais posso fazer" — vereis que, sùbitamente, o pensamento cessa.

Apresenta-se, aqui, outra questão inteiramente diferente. O pensamento deve ser utilizado. A êsse respeito todos estamos de acôrdo. O pensamento tem seu valor, sua importância, seu lugar próprio. Pode um ente humano viver num estado mental tão ativo que seja vazio? Um tambor perfeitamente ajustado está sempre vazio e, quando o percutimos, dá o som adequado. Pode a mente ficar, qual o tambor, totalmente vazia? Espero estejais compreendendo a respeito de que estou falando. Não se trata de nada de vago, visionário, místico. É só "de dentro do vazio" que se pode ver a beleza da vida, a beleza de uma árvore. Não a vereis, se não estiverdes vazio — livre de padrões, sempre a aprender e nunca acumulando, sempre a observar, desperto, cônscio sem escolha e, portanto, dando ao que vêdes extraordinária atenção. Já notastes que, quando estais completamente atento, com vossos nervos, vossa mente, vosso coração, vossos ouvidos, que então compreendeis? Naquela atenção intensa não há pensar. É só quando estais desatento que começa o jôgo do pensamento.

INTERROGANTE: Qual a diferença entre o processo do pensar e o pensamento?

KRISHNAMURTI: Decerto não há muita diferença. Não deveis fazer dessas divisões. O processo do pensar é êste: Se vos faço uma pergunta com a qual estais bem familiarizado, e também com a resposta, respondeis imediatamente; se a pergunta não vos é familiar, há um intervalo de tempo, uma demora, entre a pergunta e a resposta; a memória está em função; estais indagando, procurando, esperando. Êsse processo, em seu todo, produz um pensamento, uma resposta. Quando chegais ao ponto em que dizeis que realmente não sabeis como deter o pensar, já não ficais esperando que alguém vos mostre como fazê-lo. Não o sabeis, realmente; por conseguinte, detivestes o pensamento, não? Quando dizeis "Desconheço realmente a resposta a esta pergunta; estou-a ouvindo pela primeira vez" — então, em virtude dessa

inocência, dêsse "não saber", o pensamento, que não é inocente, cessa.

INTERROGANTE: Quando falais, pensais?

KRISHNAMURTI: Não muito, creio. Naturalmente, falando-se inglês, é indispensável a memória para se poder fazer uso dessa língua e expressar o mais claramente possível o que se deseja comunicar. Êsse pensamento de fato funciona, mas o interrogante deseja saber se, quando falo, estou a pensar de maneira diferente daquela; se estou *pensando.* Se estamos pensando, quando falamos, tornamo-nos meros repetentes. Mas, se não estamos pensando, porém falando "de dentro" do vazio, as palavras poderão ser repetições, porém o conjunto, o que se está dizendo será coisa fresca, nova, dotada de uma vitalidade totalmente diferente.

INTERROGANTE: Há guerras. Há ódio. Os jornais estão cheios de horrores — brutalidades, manobras políticas, etc. etc. Devemos ficar de espírito aberto e vazio, e tudo observar sem julgamento?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, é possível isso? Está-se travando uma guerra no Vietnã. De ambos os lados, há feridos e mortos. Sois, digamos, americano ou vietnamita. Tendes vossas peculiares reações. Sois pacifista, e não quereis *matar;* ou sois comunista, e desejais que o vosso partido vença. Estamos sempre a tomar partidos, não é verdade?

INTERROGANTE: Devemos cortar esta tendência de tomar partidos.

KRISHNAMURTI: Não, não senhor! Não deveis "cortar" *nada!* Não digais: "Preciso abster-me de tomar partidos; preciso ser *isto* e não ser *aquilo*". Deveis ver o que realmente *sois.* Uma pessoa é nacionalista, está ligada a um certo padrão de vida — americano, indiano, e sabe Deus o que mais. Está comprometida como comunista, socialista, trabalhista e, infalìvelmente reage com êsse fundo, com êsse condicionamento. Que fazer, então? Se a reação é demasiado forte, a pessoa começa a odiar os vietnamitas ou os americanos, ou se torna pacifista militante, isto ou aquilo. Nada disso fará cessarem as guerras. Advogar o americanismo ou o tibetanismo não porá têrmo às guerras. Que é que acabará com elas? Esta é a questão fundamental.

Que é que poderá eliminar o ódio, a violência que impera na América, entre o negro e o branco, e em muitos outros lugares, entre o comunista e o burguês? Que acabará com isso? A História registra que o homem travou quinze mil guerras nos últimos cinco mil e quinhentos anos — quase três guerras por ano! Entes humanos estão sendo obrigados a viver uma vida de violência, ambição, avidez, competição, desejo de fama, prestígio para a nação. Tudo isso é violência. Como poderemos, como entes humanos — não como americanos, vietnamitas, comunistas, como portadores de um rótulo qualquer — como poderá cada um de nós, como ente humano e onde quer que viva, pôr fim à violência?

Esta é que é a questão: como terminar a violência? — e não, tomar partidos, fazer isto ou aquilo. Não se pode acabar com a violência por meio de uma idéia de não-violência. Esta questão é um tanto difícil. Examinêmo-la. Eu sou violento, como ente humano. Sou ambicioso, ávido, invejoso, competidor, egocêntrico, por natureza. Minhas próprias células cerebrais são o resultado de séculos de "animalismo" [1], e sou violento. Tendo lido a história, tendo sofrido, digo: "Não devo ser violento; a violência não conduz a parte alguma". Quero livrar-me da violência e penso que, se tenho um ideal de não-violência, posso usá-lo como uma alavanca para libertar-me da violência. O que nos libertará não será o ideal da não-violência, porém o fato, a própria violência, *o que é,* e não uma idéia sôbre o que ela *deveria ser,* idéia já tantas vêzes posta à prova. Tem-se pregado interminàvelmente a não-violência, na Índia e em tôda a parte. Tôdas as religiões a pregam: "Sêde bondosos, sêde afáveis, não magoeis ninguém, amai-vos uns aos outros". As religiões não promoveram a paz; muito ao contrário, já houve guerras religiosas. A única maneira de pôr fim à violência é *olhá-la,* enfrentar *o que é,* e isso significa que não deve haver nacionalidades.

INTERROGANTE: A guerra é a marcha da História.

KRISHNAMURTI: Sim, minha senhora. Eu sei de tudo isso. A Índia foi invadida pelos chineses e, quando na Índia,

---

(1) *Animalismo:* Atividades próprias da natureza animal. (Cf. Dicionário Webster: *animalism*).

falamos sôbre êste assunto, disseram-nos: "Que estais dizendo? Estamos sendo atacados, portanto temos de defender-nos. Um exército é necessário". O movimento do ódio, da guerra, prosseguirá sempre, se não percebermos, todos nós, que o ódio de modo nenhum pode ser eliminado pelo ódio, pela represália. Se fôssemos dizer aos vietnamitas que não devem odiar, êles nos jogariam no rio ou nos fuzilariam, porque nos considerariam pacifistas. É por isso que dizemos que há necessidade de uma revolução total na mente, para que não sejamos mais cristãos, budistas, católicos, comunistas, americanos, hindus, alemães e italianos: para que sejamos entes humanos! A unidade humana é o que realmente importa, e não o antagonismo entre as nações.

19 de julho de 1966

SAANEN — VI

Nesta manhã poderíamos considerar a questão da ação. Convém examiná-la com certa profundeza, para vermos se podemos descobrir e aprender uma ação não contraditória, uma vida livre do conflito dos opostos, livre de contradições. Em geral, vivemos uma vida particular e uma vida pública. Nossa vida pública é fragmentária; vivemos, em público, com diferentes máscaras, diferentes atitudes e afetações. Tantas máscaras temos! Com elas nos cobrimos muito fàcilmente, e só as retiramos na intimidade de nossa mente e de nosso coração. Na vida particular, como podemos ver, se somos sérios ou se estamos atentos, usamos também várias máscaras. Entre amigos temos uma máscara, na intimidade da família, outra, e, a sós — se alguma vez estamos sós — temos outra máscara totalmente diferente. Cada uma dessas máscaras está em contradição com as demais, tanto as públicas como as particulares. A maioria de nós não nota sequer a existência de tais máscaras. Deixamo-nos simplesmente levar pela corrente, ajustando-nos às várias influências e pressões, agindo e reagindo em conformidade com o que nos ditam as máscaras. Vivemos uma vida de contradição e conflito, até morrer. Nenhum dêsses estados parece ser permanente; cada um tem sua vida própria, sua atividade própria; e dêles só nos tornamos cônscios, quando surge um grande conflito, uma crise. Queremos então descobrir o que devemos fazer, e, coisa estranha, cada fase, cada máscara dita sua própria disciplina, sua própria atividade, sua própria maneira de vida.

Se somos sérios, por pouco que seja, percebemos êsse fato e procuramos integrar essas contradições. Quanto mais tentamos juntá-las numa espécie de unidade, tanto maior se torna o

conflito, tanto maior a contradição. Acho que a maioria de nós sabe disso; quase todos conhecemos nossas diferentes simulações, vaidades, presunções, tanto públicas como particulares. Se retiramos essas máscaras, que resta? Se a questão nos interessa sèriamente, devemos não só descobrir o que são essas simulações, com suas vaidades, sua hipocrisia, suas contradições e atividades, cada uma delas oposta às demais, mas também descobrir, por nós mesmos, se temos possibilidade de despojar-nos de tôdas e de ver *o que é.*

Quando não há simulação, quando não há máscaras, nem pressuposto algum quanto ao que *deveria ser* e *não deveria ser,* quando já rejeitamos tôdas as influências sociais, políticas, econômicas, climáticas, alimentares, etc., devemos não só descobrir o que resta, mas também ver se podemos viver com o que resta. Se levamos uma vida não contraditória, uma vida livre de esfôrço e, portanto, livre de contradição, em qualquer nível que seja, só então há liberdade. Só nessa liberdade se encontra a paz e só nela pode florescer uma coisa totalmente nova, uma nova alegria, um êxtase, uma felicidade não decorrente de desejo e prazer.

Só retiramos as nossas máscaras quando inteiramente a sós, na intimidade de nossa mente e coração, mas, se pudéssemos, nesta manhã, descobrir para nós mesmos as simulações, as máscaras com que nos cobrimos quando encontramos estranhos e quando encontramos amigos íntimos, talvez, então, por nós mesmos, viéssemos a descobrir o que é a ação real. Talvez descobríssemos, também, se é possível uma pessoa viver neste mundo, exercer sua profissão, manter um lar, estar em relação com a espôsa ou o marido, prosseguir em suas atividades sociais e, ao mesmo tempo, viver uma vida integral, total, uma vida tão completa que nela não haja o mais leve sôpro de contradição ou de conflito. Nesse descobrir há uma extraordinária beleza. Nessa beleza há alegria, mas, para a compreendermos, não só temos de examinar a questão do desejo, que é prazer, mas também devemos esquecer totalmente êsse encarecimento do inconsciente, tão trivial e tão em voga atualmente.

Tornou-se moda tagarelar a respeito do insconsciente, analisá-lo, interpretar-lhe os diferentes *motivos,* pressões, ocultas exigências e sugestões. Deixando de lado êsse chamado "inconsciente", devemos também ficar totalmente livres dos sonhos,

excetuados os sonhos físicos, que se manifestam quando comemos em excesso ou por outra causa orgânica. Nesta manhã teremos muito que fazer, se desejamos considerar a fundo a questão relativa a uma vida e uma ação inteiramente livres de contradição. Se pudermos compreendê-la, essa questão, se pudermos *aprender* a seu respeito, transporemos então as fronteiras do prazer, do desejo, e encontraremos uma certa coisa que será uma fonte de júbilo e de bem-aventurança. Mas, não a encontraremos, se não compreendermos êsses estados contraditórios de nossa existência, com tôdas as suas sutilezas, disfarces, simulações. Nesta manhã, se possível, iremos viajar juntos, explorar e aprender. Ninguém irá dizer-nos o que devemos e o que não devemos descobrir, quais as nossas máscaras e simulações; iremos percebê-las por nós mesmos. Se isso acontecer, êsse mesmo descobrimento libertará enorme energia para novos descobrimentos.

Comecemos. Primeiramente, iremos aprender juntos. Êsse aprender consistirá em abrir-nos a nós mesmos, pois não estamos aqui numa grande reunião ou congresso, em que uma só pessoa terá de analisar tôdas as questões, enquanto os demais só terão de ouví-la. Isso eu não desejo, pois é muito desinteressante e estúpido. Se fôssemos indivíduos neuróticos (e talvez a maioria de nós seja um pouco desequilibrada) um pouquinho de análise poderia ser de alguma utilidade, mas o descobrimento da causa, a análise de um fato não nos liberta dêle. No descobrir o fato e dar-lhe tôda a atenção, não há análise, nem há intervalo de tempo para examinar, investigar a sua causa. Quando aplicamos nossa atenção, total e completamente, e, por nós mesmos, aprendemos ou descobrimos *o que é,* ocorre em nós uma extraordinária revolução. É isso o que vamos fazer, juntos, nesta manhã. Na atenção, não há pensamento; não há tempo; não há observador e objeto observado. Se aplicamos inteira atenção a uma certa coisa, qualquer que seja ela ou em qualquer lugar que estejamos — trabalhando na cozinha, ou ouvindo um discurso, ou lendo, ou contemplando o céu na hora do crepúsculo — se prestamos inteira atenção, com nosso coração, nossa mente, nossos nervos, nossos ouvidos, com *tudo* o que temos, veremos que não há então nenhum observador, não há coisa observada, e não há intervalo de tempo para exame. Naquela atenção nada existe; o próprio fato desaparece.

É isso que vamos aprender; não só iremos descobrir as máscaras, as simulações, as defesas que com tanto cuidado e sutileza temos criado, mas também ver e aprender se há alguma possibilidade de vivermos neste mundo — mundo tão horrível e confuso, mundo de tortura e destruição — sem nenhum disfarce, nenhuma resistência e, por conseguinte, de atuarmos *totalmente,* sem contradição alguma. Espero esteja bem claro que o inconsciente é inteiramente sem importância. Há só percebimento. Ao entrardes neste pavilhão, percebeis as côres, os rostos, as pessoas; êsse é um percebimento sem escolha. Se simplesmente *percebemos,* assim como percebemos uma flor ou ouvimos o barulho daquele avião lá no alto, se escutamos *totalmente* êsse barulho, sem resistir, sem irritar-nos, não existe inconsciente. Êste se torna então uma coisa muito banal.

Está agora preparado o terreno para o exame da máscara, da simulação. Podemos, vós e eu, estar cônscios, sem condenar, julgar, justificar; estar simplesmente cônscios de nossas máscaras, de nossas simulações? Se delas não estamos cônscios, torna-se completamente impossível examiná-las profundamente. Quando estamos descobrindo essas máscaras e disfarces, alcançamos um ponto em que nos vemos reduzidos a *nada.* Isso é assustador, porque quase ninguém sabe o que significa. Só o conhecemos verbalmente. Temo-lo olhado, de longe, com uma certa apreensão, ou vemo-nos tão entediados da vida, de nossas relações, que desejamos isolar-nos, afastar tudo e ficar sós — sendo isso apenas uma reação. Se realmente, se, de fato, tomamos conhecimento de cada máscara ou percebemos, num relance, tôda essa fabricação de máscaras, delas ficaremos livres instantâneamente. Duas coisas podem-se fazer: ou tiramos cada máscara, cada simulação, pouco a pouco, dia após dia, ou desvendamos todo o processo respectivo *instantâneamente.* Se as descobrimos pouco a pouco, gradualmente, isso naturalmente exige tempo. Todo processo gradual requer tempo e, no intervalo entre o pouco que hoje se descobre e o que amanhã será descoberto, tornar-se-á existente uma nova máscara.

À maioria de nós custa perceber que não há compreensão gradual, percebimento gradual, que nada pode assumir gradualmente um significado profundo. Quase todos somos nacionalistas, inglêses, alemães, franceses, italianos, indianos, chineses e dizemos que gradualmente nos tornaremos internacionalistas, europeus

ou americanos. Depois de "internacionalizar-nos", iremos "supernacionalizar-nos" e, no final de tudo, haverá a unidade humana — quando todos estivermos mortos, nos tivermos assassinado uns aos outros, e cada nação, com seus políticos, tiver reduzido a escombros o mundo. Dizemos que, um dia, haverá uma certa unidade, mas êsse dia nunca chega.

Se perceberdes a natureza do nacionalismo, seu verdadeiro sentido — não só sua significação verbal, as manifestações patrióticas ou pacifistas — se o compreenderdes totalmente, êle estará acabado. Já não pertencereis a nenhum país, nenhum grupo, nenhuma raça. Mas, isso requer muita atenção, quer dizer, deveis deixar de ser preguiçoso, indolente, ficar livre dessa "história" de gradualidade. Ou vêdes *imediatamente*, em seu todo, essa enganadora manufaturação de máscaras, de disfarces, ou não a vêdes absolutamente. Não digais: "Eu a compreenderei gradualmente; assim como se tiram as cascas de uma cebola, tirarei gradualmente as camadas, as cascas, uma a uma". Não digais que fareis isso gradualmente. Ou vêdes tudo instantâneamente, ou não o vêdes. Se não o vêdes, deixai-o de lado. Não digais "Tenho de vê-lo; tenho de obrigar-me a vê-lo; quero viver uma vida diferente". Não o conseguireis. Não é assim que isso se consegue. Isso é o mesmo que um rico fingir-se de pobre; é uma máscara que lhe proporciona confôrto. Se sois rico, não o dissimuleis. Só isso. O importante é não ter conflito.

Tendes de descobrir ou de perceber por vós mesmo se vêdes a inteira estrutura, o mecanismo da simulação, se o vêdes total e imediatamente, ou se não o vêdes. Se não o vêdes, averiguai por que não. Talvez sintais mêdo. Talvez digais: "Não sei aonde isso me levará. Já levantei muitas defesas e barreiras, atrás das quais me abriguei, e estais a pedir-me que rompa tôdas elas. Aonde me levará isso? Dai-me a garantia de que irei encontrar uma coisa muito superior a tudo isso". — Então, sim, estareis disposto a romper aquêles muros, se ainda tendes fé em alguma coisa (pois, felizmente, a maioria de nós já não tem fé em nada).

Tratai de compreender por vós mesmo porque viveis atrás de máscaras, de disfarces. Não é muito difícil descobrí-lo. É porque desejais que de vós pensem tantas coisas que não sois. Desejais que pensem que sois um grande homem, um grande

escritor, um grande qualquer coisa; não desejais que descubram o que sois. Temeis perder alguma coisa que já tendes na mão, no coração. Por favor, não fiqueis apenas a ouvir superficialmente o que se está dizendo, porque isso nenhum valor tem. Podeis vir assistir a estas reuniões, ano após ano, e, incidentalmente, numa hora de folga, vos sentirdes disposto a refletir sôbre o que aqui se diz. Mas, ao voltardes a vossas casas recomeçareis a mesma vida de confusão, aflição e conflito. Se, entretanto, escutais — e escutar significa *aprender* — estais então a navegar num rio de insondável profundidade, de tremendo caudal, que está a correr e a levar-vos. Se escutardes dessa maneira, averiguai então porque usais êsses disfarces, mas não gasteis um segundo sequer examinando-lhes a causa, analisando-os, dissecando-os, lutando contra êles, adiando-os. Quando os analisais, em busca da causa, estais meramente a evitá-los. Sabeis muito bem porque tendes essas máscaras, essas simulações, essas defesas. Ninguém vô-lo precisa dizer. Sabeis porque as tendes. O importante é perceber com clareza essa resistência, essas defesas, essas simulações.

Quando as perceberdes, quebrai-as. Se não quereis quebrá-las, deixai-vos ficar atrás delas; permanecei como sois. Não crieis mais um problema, pois já temos problemas de sobra criados por essas máscaras, por essas defesas. Se dizeis que tudo isso é inevitável, natural, irremediável, que a vida é assim, ficai então como estais. Não crieis mais um problema — que tendes de destruir as máscaras, demolir vossas defesas. Não façais disso um problema. Se não fizerdes disso um problema, podereis então prestar-lhe atenção com calma, e amigàvelmente. É só quando tendes interêsse em compreender a coisa, que ela começa a desfazer-se. Se dizeis "Tenho de compreendê-la; tenho de libertar-me" — jamais o conseguireis. Após terdes deitado abaixo as máscaras, as simulações, as defesas, jamais perguntareis: "Que vem agora?". O que vem é uma ação que nunca é contraditória, uma ação sempre vigorosa e sempre nova.

O que conhecemos como ação é repetição. É a ação do homem que freqüenta um escritório durante quarenta anos seguidos, até aposentar-se e morrer, e a viúva ficar com o dinheiro que êle ganhou. Sua atividade é repetição, é fazer a mesma coisa vêzes sôbre vêzes, talvez um pouco mais hàbilmente que seu colega e, por conseguinte, ganhando um pouco

mais de dinheiro, mas é sempre o mesmo padrão, a repetir-se dia após dia. Essa repetição da atividade dá-nos grande confôrto. Nela nos sentimos em segurança. Nunca temos dúvidas a respeito; nunca a questionamos. É como ser-se levado pela onda de uma dada coisa sancionada pela sociedade, uma guerra, por exemplo. Numa guerra, todos ficamos terrìvelmente unidos; não temos responsabilidades; tudo nos é ditado, vamos simplesmente fazendo o que se nos manda. Ação, para nós, em geral, significa repetição e, por conseguinte, não há nada nôvo; nada de vigoroso; nada que possa dar-nos uma nova energia. Mas quando não há defesas, nem simulações, nem máscaras, há então uma ação de qualidade totalmente diferente, ação não baseada em experiência e conhecimentos prèviamente acumulados, que só são necessários num certo nível. Há então uma mente sempre nova, juvenil, inocente. A inocência não tem máscara, não tem defesa nenhuma. Ela é totalmente vulnerável e, dessa inocência, dessa vulnerabilidade, deflui uma ação verdadeiramente extraordinária, na qual não há sofrimento, nem dor, nem prazer, porém um estado de extraordinário júbilo.

Antes de começardes a fazer perguntas, antes de começarmos a entrar em detalhes, vivei, por alguns minutos, alguns segundos, o que se esteve dizendo. Não vos levanteis, de um salto, dizendo: "Desejo fazer uma pergunta". O que estivemos considerando é um assunto muito sério, que requer intensa investigação, consideração. É a verdadeira meditação, e não aquela frivolidade *chamada* meditação. Deixai-me portanto sugerir-vos, mui respeitosamente, que não digais imediatamente: "Quero perguntar-vos uma coisa". *Vivei-a.* Deixai-a palpitar, agitar-se dentro de vós. Também, ao sairdes dêste pavilhão, não recomeceis imediatamente as vossas costumadas tagarelices.

Isso é como plantar uma semente na terra. Plantamo-la com todo o cuidado. Fazemos uma cova, adubamos o solo, e plantamo-la. Temos de regá-la, dar-lhe chuva e sol, mas se ficarmos a tôda hora a tirá-la da terra para vermos se está germinando, matá-la-emos. É isso o que estamos sempre fazendo. Ouvimos uma coisa — que pode ser verdadeira ou falsa, mas não é êsse o ponto que interessa — ouvimos uma coisa e imediatamente reagimos, rejeitando-a ou aceitando-a, negando-a ou fazendo *algo* em relação a ela. Não temos o cuidado de proporcionar à coisa uma oportunidade de medrar.

Isso não significa que eu queira impedir-vos de fazer perguntas. É muito importante fazer uma pergunta, mas mais importante ainda é fazer a pergunta correta, e para fazer-se a pergunta correta, requer-se profunda penetração da questão. *Devemos* fazer perguntas a respeito de *tudo*: nacionalidades, reis, rainhas, governos, religiões, tudo quanto interessa à humanidade. Necessita-se de muito ceticismo. Nunca se diga "Sim", porém, sempre, "Não", e investigue-se. Em geral, só sabemos dizer "Sim", porque é só isso o que se nos ensina desde a infância. O pai, a mãe, o sacerdote, o govêrno, tudo o que nos cerca está de tal modo condicionado, e de tal maneira nos influencia, que tudo aceitamos sem discutir. Por essa razão, raramente fazemos perguntas e, quando as fazemos, são as mais fúteis possíveis.

É muito importante fazer uma pergunta *séria,* uma pergunta correta, porque, quando se faz a pergunta correta, obtem-se a resposta correta.

INTERROGANTE: Como posso ser inocente e "vulnerável", e viver neste mundo?

KRISHNAMURTI: Esta pergunta me parece mal formulada, se me permitis dizê-lo. Como viver neste mundo e, ao mesmo tempo, ser inocente? Primeiro, *sêde inocente,* e então sabereis viver neste mundo; não se deve começar pelo lado oposto. *Sêde vulnerável,* no mais alto grau. Não sabeis, sequer, o que significa ser inocente! Se sois inocente, sabereis viver neste mundo, noutro mundo, em qualquer mundo. Mas, se não sois inocente, procurais ajustar-vos a êste mundo e vos vêdes, então, no meio do inferno. Mas, *aprendei* a respeito da inocência. Não tenteis conquistá-la. Ela não é uma palavra; é aquêle estado em que não há dissimulações, nem máscara, nem conflitos. Ponde-vos nesse estado e sabereis viver neste mundo. Podereis exercer um emprêgo, fazer o que desejardes. Se souberdes o que é o amor, podeis fazer o que quiserdes. Não haverá conflitos, nem remorsos, nem dor. Se se diz: "Como encontrar êsse estado de inocência, de vulnerabilidade, de ausência de defesas, de dissimulações, de máscaras?" — esta é a pergunta correta, e não "como viver nesse estado?". Vivereis, então, neste mundo, de maneira totalmente diferente.

INTERROGANTE: Como posso, eu, que me vejo torturado, meu cérebro, minha mente constrangida, martelada [1], condicionada, quase quebrada — como posso aprender, alcançar aquêle estado em que não existem defesas?

KRISHNAMURTI: Já o expliquei, mas uma explicação não representa a realidade. Podeis ouvir dúzias de explicações, mas a realidade não é a palavra. A palavra nunca é a coisa; o símbolo nunca é a realidade. Diz o interrogante: "Eu, que vivo neste mundo, tenho de ganhar dinheiro, ter vida doméstica, com tôdas as suas complicações. Como poderei acabar com tôdas as dissimulações?". — Não podeis. Não podeis fazer nada. Se alguma coisa fizerdes, isso será ainda uma atividade egocêntrica. Se dizeis: "Tenho de conseguir isso; tenho de libertar-me" — aí está ainda o EU, que primeiro construiu suas defesas e agora procura defesas de outra natureza. Mas, quando se percebe o fato, a situação real, ou seja que viveis uma vida de dissimulação — e dizendo "dissimulação", estou-me referindo à vida particular e à vida pública: àquela vida secreta, muito profunda, que temos tanto cuidado em ocultar — ao perceberdes que nada tendes de fazer, então essa própria percepção atuará. Fazei-o, senhor, e vereis o que sucederá.

INTERROGANTE: Perceber é sofrer?

KRISHNAMURTI: Percebo êste microfone; e percebo as pessoas aqui presentes, com seus trajos de diferentes côres; percebo as árvores, as montanhas, o rio. Percebo também minha própria pessoa. É só quando começo a condenar-me, a dizer: "Isto é bom" e "Isto é mau" — é só quando *penso* que percebo — pois isso não é *perceber* — é só então que começo a sofrer. Sofro, porque não gosto de ver o que sou. Quero libertar-me disso, alterá-lo. Há então conflito, há dor. Mas, se perceberdes da mesma maneira como estou percebendo êste microfone, sem nenhuma escolha, ficareis simplesmente a observar, a olhar, e, nisso, não há sofrimento. É só quando "gostais" ou "não gostais", que criais o problema do conflito.

INTERROGANTE: Dissestes uma coisa que não compreendo.

---

(1) Isto é, como que moldada a golpes de martelo ou de malho (qual o ferro). (N. do T.)

KRISHNAMURTI: Folgo muito!

INTERROGANTE: Dissestes: "Se não podeis ver instanteaneamente a atividade de dissimulação e dela vos libertar imediatamente, averiguai porque não o podeis". Dissestes, também, que o desejo de descobrir é uma atividade egocêntrica e, por conseguinte, nunca poderemos libertar-nos da atividade de dissimulação. Estou confuso a respeito dêste ponto.

KRISHNAMURTI: Por que fazemos máscaras? Sabemos porquê: para defender-nos, por mêdo, incerteza, por não sabermos o que irá suceder, por querermos estar apegados ao conhecido e temermos o desconhecido. O desejo de segurança é que nos leva a fabricar máscaras — pública e particularmente. Quando dizeis: "Preciso libertar-me dêle" — essa é uma atividade egocêntrica, que só irá criar outra máscara. Percebo que tôda atividade procedente de um centro, tôda atividade que tem *motivo,* é atividade egocêntrica e, por conseguinte, o desejo de libertar-se da máscara significa apenas criar outra máscara. Vejo isso muito claramente. Que faço então? Digo: "Nada posso fazer a êsse respeito, porque tudo o que faço só serve para criar outra forma de dissimulação, outra máscara, outra defesa". Êsse mesmo percebimento faz cessarem tôdas as atividades ditadas pelo *centro.* Tôdas elas terminam. Há uma negação completa de tôda e qualquer atividade. Compreendo imediatamente. Não preciso de tempo para compreender. Compreendí instantâneamente que tôda ação de minha parte é geradora de mais aflição. Por conseguinte, não há ação nenhuma; há negação completa; não há defesas. É a ação positiva do movimento egocêntrico que cria as defesas, que cria as máscaras. Quando a mente compreendeu êsse processo e êle foi imediatamente detido, cessa então, totalmente, a atividade egocêntrica. Há então um estado de completa negação. Essa negação se torna "o positivo", ou seja o estado de inocência, de vulnerabilidade. *Não fiz* coisa alguma! Isso não significa que *eu* me tornei inocente — o que é absurdo.

INTERROGANTE: Por que preocupar-nos em saber qual é a pergunta correta? A pergunta correta não é, em si, a resposta correta?

KRISHNAMURTI: Eu apenas classifiquei as perguntas em "frívolas" ou "errôneas" — pois são dessas perguntas que fazemos constantemente. Dizemos: "Como podemos deter as

guerras?". No meu sentir, esta é uma pergunta errônea. Enquanto os entes humanos permanecerem tais como são, haverá *sempre* guerras. A pergunta correta é: "Como pode o ente humano mudar inteiramente, e imediatamente?". Esta me parece ser a pergunta correta, e nela própria está contida a resposta. Se a fazemos com tôda a paixão e intensidade que uma tal pergunta requer, ela própria traz a resposta.

INTERROGANTE: O homem nôvo de que falais não poderia permanecer um homem nôvo, como líder político e dirigente dos negócios humanos, no pé em que estão. Êsse homem exerceria tão poderosa influência que subverteria totalmente a organização política.

KRISHNAMURTI: O único problema político é, como disse há dias, a unidade humana. Esta não interessa a nenhum político da atualidade. Não podemos confiar na política para promover a união da humanidade, e tampouco podemos confiar nos indivíduos religiosos; êles não têm nenhum interêsse nisso. Se vós e eu, como entes humanos, não levarmos em linha de conta o nacionalismo, as religiões separadas, etc. etc., então, talvez vós e eu possamos colaborar para a criação de uma mentalidade totalmente diferente.

21 de julho de 1966

SAANEN — VII

Em tôdas estas palestras temos dito que a natureza humana — isso que atualmente somos — mudou muito pouco, em todos êstes séculos. Há muito do animal em nós — agressividade, ganância, desejo de poder, de posição e prestígio. Em verdade, mudamos muito pouco. Conquanto tecnològicamente, mèdicamente, cientìficamente, se tenham verificado enormes mudanças, prodigioso progresso (como se costuma chamar), os entes humanos, no mundo inteiro, continuam mais ou menos o que eram há cinco ou sete mil anos atrás. Continuamos em conflito em nosso interior; continuamos a guerrear-nos; separamo-nos em religiões com diferentes dogmas, em nacionalidades, em esferas econômicas, porém, bàsicamente, continuamos quase o que éramos nos albores da história.

Considerando-se tôda a aflição humana, tanto física como psicológica, tanto interior como exterior, torna-se absolutamente necessária uma radical mudança, uma revolução total na mente. Vivemos, os mais de nós, uma vida muito superficial. Tecnològicamente, adquirimos enorme capacidade. Dispomos de um imenso cabedal de conhecimentos, acumulado através dos séculos, em todos os sentidos, e quase já fizemos a conquista da natureza, porém, interiormente, somos muito superficiais. Se somos verdadeiramente *sérios* — pois só os sérios têm vida, vivem — perguntamos a nós mesmos se é possível ultrapassar essa superficialidade. Temos tentado ultrapassar a mera superfície da existência por meio de religiões, de diferentes rituais, por meio de crenças, do uso de drogas — o mais moderno estimulante. Tôdas essas coisas produzem uma série de experiências, mas os entes humanos continuam nas mesmas condições,

com sua agonia, com todos os seus conflitos e suas vidas extremamente superficiais.

Quanto mais intelectuais somos, tantos mais livros lemos, e adquirimos conhecimentos e nos tornamos altamente perspicazes, dialéticos. Erguemos uma muralha, atrás da qual nos abrigamos. Somos emotivos, tornamo-nos muito sentimentais, queremos prestar serviços, entregar-nos de corpo e alma à reforma social, influir em outros, tentar guiar, ajudar e transformar a sociedade. Tudo isso é superficial em extremo. Como se explica que os entes humanos, após tantas experiências de guerras e constantes batalhas, tanto no interior como no exterior, com tôdas as aflições e sofrimentos que acarretam, física e psicològicamente, como se explica que os entes humanos continuem a viver superficialmente?

Quanto mais superficialmente vivemos, tanto mais nos deixamos envolver nas rêdes das novas teorias, das novas teologias, das novas filosofias, trocando de religiões, trocando de grupos. Estamos bem familiarizados com isso. Como poderemos quebrar a crosta da superficialidade? Quando perguntamos "como?", invariàvelmente procuramos um sistema, um método, uma fórmula, uma idéia de que possamos servir-nos a fim de penetrar e ultrapassar essa superficial existência exterior. Considero essa própria palavra "como" prejudicial, porque nos faz cair na armadilha de perguntá-lo a outrem, a um instrutor, um professor, alguém que saiba muito mais do que nós (pelo menos pensamos que sabe). Sempre que perguntamos "Como?" estamos em busca de um padrão, de um sistema, para imitarmos, seguirmos, praticarmos. Não percebemos que o próprio praticar, o próprio imitar e seguir — não importa a quem, inclusive êste orador — nos torna superficiais. No momento em que praticamos, imitamos, aderimos a uma autoridade.

Uma das maldições da humanidade é esta que, psicològicamente falando, estabelecemos o padrão de seguir, de aceitar a autoridade, para guiar-nos interiormente, ajudar-nos a ultrapassar nossa superficialidade. Espero que os ouvintes aqui presentes, aquêles que são verdadeiramente sérios, que aqui não estão pela primeira vez, por curiosidade, aquêles que sentem um sério e verdadeiro interêsse nestes assuntos, estejam a escutar-me a fim de averiguar se êles próprios não estarão a seguir alguma idéia, um padrão, uma fórmula, e, se estão, a

fim de ver que o próprio aceitar, admitir, seguir, torna a mente superficial, inferior e estreita. Tal é o caso dos indivíduos que são grandes nacionalistas; são êles o veneno do mundo, pois impedem a união da humanidade, fomentando guerras e dividindo os entes humanos em "tais" e "tais". Do mesmo modo, quando estamos imitando, seguindo, já fixamos um limite aos nossos pensamentos e sentimentos. Essa própria limitação torna a vida muito superficial. Pensamos que, com os conhecimentos adquiridos de livros e de outras pessoas, com a experiência e as tradições que temos, já transpusemos a fronteira, já nos achamos num plano mais profundo do que o da vida ordinária, superficial. O conhecimento psicológico — não o conhecimento de técnicas, de ciências, de matemática, de medicina, porém o conhecimento que acumulamos a respeito da psique sôbre nós mesmos, — pode êsse conhecimento contribuir para dar-nos uma vida que não seja meramente superficial? Duvido que êsse conhecimento possa dar profundidade a nossas vidas.

As diferentes religiões tornam profunda a vida? Mais uma vez, e òbviamente, não. Podeis retirar-vos para um mosteiro, tornar-vos eremita, isolar-vos, fechar-vos num dogma, numa crença, numa idéia. Isso, decerto, não leva a uma vida interior profunda, e tampouco a ciência o faz. As religiões, os dogmas, o saber, o imitar e seguir, o estabelecer, psicològicamente, qualquer espécie de autoridade, não nos proporcionam uma vida de riqueza e plenitude, uma vida superior àquela existência transitória e superficial em que há batalha constante, constante competição, o constante tormento da ansiedade humana. Que é que traz essa vida? Que é que faz de um indivíduo um ente humano? Devemos ser capazes de distinguir entre o indivíduo e o ente humano. O indivíduo é a "entidade localizada", o inglês, o francês, o nacionalista, que tem a limitação de uma certa cultura (civilização) ou tradição, mas o ente humano faz parte do mundo. Há problemas mundiais, problemas relativos à guerra, ao ódio, ao conflito, à competição, à ambição, à avidez, à inveja, à ansiedade, à "culpa" — todos êsses são problemas humanos, problemas *nossos*. O mundo se está tornando cada vez mais superficial, embora haja cada vez mais confôrto, mais segurança social, sem guerras sucessivas, embora haja mais entretenimentos — que tanto podem consistir em ir à igreja ou em ir assistir a um jôgo de futebol, *cricket* ou *tennis*.

Tudo isso nos está contentando, exteriormente, superficialmente, ao passo que, interiormente, no íntimo de nossos corações, nos secretos recônditos de nossa mente, se encontra tanta insuficiência, tamanho vazio.

Como transcender tudo isso? Já não podemos seguir alguém. Os instrutores, os sacerdotes, os conceitos, os teólogos, tudo se tornou absurdo, sem madureza; de tudo isso já nos descartamos há muito tempo, se estamos bem cônscios de todos êsses problemas. Já não estamos ligados a nenhuma idéia, já não somos comunistas, nem socialistas, porque o problema político é a unidade humana, mas não estabelecida em conformidade com o padrão comunista, trabalhista, desta ou daquela idéia. No momento em que dividimos o mundo em padrões, está de nôvo implantada a desunião.

Tudo isso deve ser pôsto à margem, realmente, e não teórica ou problemàticamente. Já não temos fé nas religiões, nos sacerdotes, no comunismo, no socialismo. Nada disso resolverá os nossos problemas. Fizemos aquela pergunta, porque sabemos que somos superficiais, que, exteriormente, vivemos uma vida muito pouco significativa, e porque há sempre a morte; há sempre conflito; há sempre uma certa coisa misteriosa, a cujo respeito nada sabemos. Estamos sempre a buscar, a buscar e, por conseguinte, levando uma vida cada vez mais superficial, porque o homem que busca poderá considerar-se muito sério, mas não é. Que busca êle? Está a buscar, em última análise, uma certa satisfação, uma certa espécie de prazer permanente. Poderá dar-lhe diferentes nomes, atribuir-lhe um significado divino, mas o que êle realmente quer é a continuação de seu próprio prazer, uma projeção daquilo que deseja. O homem que é sério tem de rejeitar tudo isso, no plano psicológico: tem de rejeitá-lo, se é um ente inteligente, cético, revolucionário, não obediente a autoridade alguma. No campo da tecnologia é indispensável a autoridade; necessitamos de quem nos ensine, pois há conhecimentos que são necessários. Mas, psicològicamente, depois de varrer tôdas essas coisas, a pessoa já não é nacionalista, já não está ligada a nenhum país, a nenhuma religião, a nenhum grupo, a nenhuma forma de ideologia, e passa a se perguntar se é possível transcender essa existência tão vazia, tão cheia de solidão.

Creio que a maioria de nós faz tal pergunta. Podemos fazê-la muito sèriamente ou por mera curiosidade. Se a fazemos sèriamente, e não por curiosidade, quem é que esperamos responderá à pergunta? Se esperamos que alguém nos dê a resposta, já nos achamos no terreno da superficialidade. Estamos então dependendo de alguém; êsse alguém se torna autoridade, e estamos prontos a seguir essa autoridade, porque desejamos ultrapassar esta nossa vida tão sem significação, tão estúpida e sem valor. Quando fazemos aquela pergunta, como iremos achar a resposta, sabendo que ninguém no-la dará? Não desejamos que ninguém nos diga nada. Se alguém o faz, só pode fazê-lo em têrmos positivos: Fazei *isto;* observai *aquilo;* não façais *aquilo;* não façais *isto*. Essa pessoa se torna então nossa autoridade e nos perdemos completamente no caminho.

O tempo resolverá a questão — o tempo, que pode ser amanhã ou daqui a dez anos? Ou acreditamos numa vida futura, na ressurreição? O tempo resolverá a questão? Não nos referimos ao tempo medido pelo relógio, ao tempo cronológico, porém ao tempo como processo gradual — mudança ou transformação gradual, revolução gradual. A revolução jamais é gradual e jamais obedece a um padrão. No momento em que obedece a um padrão ou idéia, já não é revolução. Só uma mente *séria* pode responder àquela pergunta, e nós temos de ser sérios, porque a vida o exige; o mundo o exige; todos os incidentes e crises de cada momento de nossa vida exigem que sejamos *sérios* — não em relação a alguma crença, ao seguir alguma coisa — pois isso é infantil; porém que tenhamos o "espírito de seriedade", uma mente que diga: "Tenho realmente de descobrir a resposta"; pois, para descobrí-la, temos de investigar a questão até ao fim, fazer tudo o que ela exige.

A mente séria, não é aquela que segue uma certa direção, pratica uma certa crença, um certo dogma. O homem violento que pratica a não-violência poderá considerar-se extraordinàriamente sério, mas, na realidade, o que êle faz é evitar a violência, fugir ao fato — a violência. Êsse homem de modo nenhum é um homem sério. Têm-se tentado várias maneiras de ultrapassar esta vida vulgar, monótona, rotineira, tomando-se L.S.D. ou outras drogas — oh, uma infinidade de maneiras! No final de tudo, o homem continua superficial, vazio, limitado por suas próprias visões, pensamentos e atividades egocêntricas.

O tempo psicológico, o processo gradual, pode resolver êste problema? Claro que não. Se me dizeis que "um dia", numa vida futura ou daqui a cinco anos, serei feliz, terei o que comer quando sentir fome, isso tem muito pouco valor para mim. A promessa de uma futura refeição não me mata a fome. Preciso comer agora. Uma de nossas lamentáveis ilusões é a de que podemos servir-nos do tempo como meio de alcançar alguma coisa, como meio de mudança, revolução, mutação. Impossível. Nem o tempo, por mais abundante, nem autoridade alguma, nem o seguir ou pedir a alguém que nos mostre o que devemos fazer, nenhuma religião, nenhum papa poderá promover uma revolução completa em nossa mente. Tudo isso eu rejeito totalmente, por saber que são coisas inteiramente vazias, meros entretenimentos. Que sucedeu, pois, na mente *séria,* que rejeitou o tempo como meio de promover a mutação interior — tempo que é hoje ou amanhã, o prolongamento de hoje?

Tudo isso rejeito. Rejeito a autoridade, portanto não há mais seguir nem contar com outrem, não há mais depender de ninguém, de nenhum *guru,* nenhum instrutor; tudo isso rejeito inteligentemente, não como reação ou revolta, porém porque vejo o que essa rejeição tem de verdadeiro, de inteligente. Depois de rejeitar tudo isso, que sucedeu à mente? No passado, eu cria; tinha fé em que alguém me pudesse dizer o que devia fazer; segui as Escrituras, segui Marx ou Engels ou o teólogo mais em moda; ou, talvez, eu não creio em mais nada, e me tornei pessimista, perdi tôdas as esperanças — e isso constitui apenas uma outra espécie de reação e, por conseguinte, não possuo em absoluto uma mente séria. Se, vendo e compreendendo tudo isso, sem revolta, percebendo sua futilidade, o rejeitei completamente, que sucedeu em minha mente? Pela negação do que foi aceito como a norma, o padrão, o meio de alcançar alguma coisa, pela rejeição disso, a mente se tornou sumamente sensível e por conseguinte sobremodo viva e inteligente e, através do chamado "positivo" se tornou negativa. Só depois de a mente ter rejeitado tudo o que se chamava o "caminho positivo da existência", há um estado de negação. Êsse mesmo estado de negação é a profundeza da vida, porque só na negação total existe alguma coisa nova, alguma coisa não resultante de buscar, desejar, tatear. Essa negação nenhuma relação tem, em absoluto, com qualquer sistema ou filosofia.

Então, a mente, libertada de todos os condicionamentos, de tôdas as influências, de todos os resíduos dos séculos (vendo o seu inteiro significado, não em reação, porém percebendo o que tudo isso vale e rejeitando-o inteiramente) então, a mente se torna viva, sensível e inteligente, no mais alto grau. Só quando a mente ficou completamente vazia do "velho", pode surgir o nôvo. Não há então mais nenhuma questão sôbre se estamos vivendo uma vida superficial, porque *estamos vivendo,* e êsse mesmo viver é um movimento muito diferente do movimento do velho padrão, da vida de antes. É uma maneira de viver completamente diferente, completamente libertada do animal. Essa é que é a real revolução, porque da mesma natureza que o amor. O amor tem de ser sempre nôvo; o amor não é memória; o amor não é desejo. No momento em que nele se insinua o desejo e, conseqüentemente, o prazer e a lembrança e continuação dêsse prazer, êle deixa de ser amor. A mente que tudo isso compreendeu, que compreendeu o tempo e a autoridade, é uma mente livre. Só a mente totalmente livre conhece a beleza da vida. Essa mente não está circunscrita por limites de espécie alguma, e a vida é então tôda de inefável paz e beleza.

Conversemos, agora, sôbre o que estivemos dizendo. Pode-se fazer perguntas, debater, entrar em mais detalhes. Mas, como há dias dissemos, a pergunta correta trará a resposta correta; a pergunta errônea nenhuma significação terá. Se se fizer a pergunta correta, a resposta correta *nela mesma* estará contida. Isso não significa que estejamos tentando abafar vossas perguntas. Devemos fazer tôdas as perguntas necessárias, duvidar, ter enorme paixão. Para compreender, *temos* de fazer perguntas, e, fazendo-as, verificaremos, por nós mesmos, se são corretas ou errôneas. No perguntar, estamo-nos revelando a nós mesmos, e não ao público. Que importa o que outro pensa?

INTERROGANTE: Como é possível ultrapassar a dor física e a irritação que causa?

KRISHNAMURTI: Uma pessoa pode desejar investigar profundamente, e achar-se sèriamente interessada em fazê-lo, mas se se vê torturada pela dor física e a irritação, o desconfôrto, a agonia que ela causa, como poderá ultrapassá-la? Acho que é muito difícil. Em se tratando de uma dor constante, deve-se procurar um bom médico, um clínico competente e

não um mero vendedor de remédios; talvez êle possa debelá-la. Mas, mesmo que a dor persista, uma pessoa pode aprender a dissociar-se dela. A vida é sempre resistência, defesa; vivemos a lutar contra tudo, a erguer muralhas em tôrno de nós; mas, se aceitarmos a dor, teremos possibilidade de tolerá-la. Todos estão sujeitos à dor física — dor intensa, prolongada ou de curta duração. É um fato lamentável da vida humana, mas podemos aprender a dissociar-nos dêle, a *olhá-lo,* sem resistência. Para servir-nos de uma analogia, suponhamos, por exemplo, que somos despertados no meio da noite por um cão a latir, ou uma máquina a fazer incessante barulho, ou um rádio a estrondear um absurdo qualquer, no andar de cima. A reação instintiva é resistir a êsse barulho, irritar-nos com êle, mas, se ficarmos a escutá-lo sem resistência, simplesmente a escutar, a "acompanhá-lo", ver-se-á que o barulho deixará de molestar-nos. Da mesma maneira pode-se observar a dor — por exemplo, uma dor de dentes insistente, constante; observá-la objetivamente, e, então, será possível pôr-nos fora de seu alcance.

INTERROGANTE: Quando estou a ouvir-vos, de certo modo compreendo-vos perfeitamente, mas "a outra coisa", embora eu a veja claramente, não se *realiza.*

KRISHNAMURTI: A questão é se eu a vi *realmente,* ou apenas *penso* tê-la visto — e isso é muito diferente. Vi-a apenas intelectual, verbal, teòricamente? Se a vejo intelectual, verbal ou teòricamente, então, naturalmente, ela não tem valor nenhum; mas, se a vejo não teòricamente, não verbalmente, não intelectualmente, então, com tôda a certeza, ela *se realiza.* Por conseguinte, tenho de examinar o que entendo por *ver.* Vejo verbalmente ou não-verbalmente; intelectual ou não--intelectualmente?

Eu não posso responder em vosso lugar. Não posso dizer-vos como olhais, mas podeis, por vós mesmo, descobrir como olhais, como escutais, como vêdes, como observais, como compreendeis, e descobrir se "a coisa" tem alguma *significação* para vós. Como olhais, como escutais, como observais, como compreendeis? O que vêdes tem alguma *significação* para vós? Estamos dando à palavra "ver" êsse amplo sentido. Que entendeis, quando dizeis "vejo"? Quereis dizer que ouvis a palavra e, porque ela tem significação, a compreendeis; ou ouvis a palavra e a traduzis de acôrdo com vossa memória?

Prestai tôda a atenção a isto, por favor. Quando dizeis "vejo", o que em geral quereis dizer é que estais ouvindo a palavra. Porque estou falando inglês e a palavra tem para vós uma certa significação, a compreendeis. É através dela que estais olhando "a coisa", e por conseguinte *não a estais olhando*: a palavra está a interferir. A palavra, o símbolo, a idéia, a memória — tudo isso está a interferir no ato de observar, de ver. Podeis olhar, escutar, sem interpretação, sem a memória? Alí passa um rio. Podeis ouvir o barulho da correnteza, *escutá-lo* sem reagir? Está passando um trem. Escutai-o! Estais escutando sem a palavra, o pensamento, a memória, o reconhecimento, ou estais a dizer: "É um trem, e estou irritado porque desejo escutar (o orador)"? Quando escutais daquela outra maneira, êsse é um estado de afeição, de ternura, de amor, mas se dizeis: "Que trem aborrecido e irritante, que não me deixa escutar!" — não vos achais no estado de escuta, de observação. O observar, o escutar, exige muita afeição e zêlo; mas, não temos zêlo nem afeição. Só conhecemos a irritação, a resistência, a repressão, ou o reconhecimento. Tudo isso destrói o zêlo, a afeição, o escutar.

INTERROGANTE: Somos um bando de macacos a subir e a descer por uma corrente — a fazer uma tremenda algazarra. Nunca estamos em silêncio um minuto sequer e, por essa razão, nunca escutamos. Êsse barulho é a parte intelectual — o incessante pensar e afligir-se, o contínuo repetir. A outra parte é a intuitiva.

KRISHNAMURTI: A palavra "intuição", tal como a palavra "nacionalismo", é perigosa em extremo. Posso ter uma intuição, porque é o que desejo. Desejo uma certa coisa muito profundamente; *sinto* que é um desejo justo, e chamo-o "intuição". Devemos desconfiar de tôdas as palavras, porque tôda palavra, infelizmente, está "carregada". Só de uma coisa sabemos: que nossa mente, tal como os macacos, está sempre inquieta, a fazer algazarra, a saltar de um lado para outro, a mexer-se incessantemente, a pensar, a afligir-se. Como pode essa mente *olhar?* Não pode, decerto. Dizemos então: "Como exercitá-la para quietar-se?". Passamos anos e anos a exercitá-la para quietar-se e, ao cabo dêsse tempo, ela se torna um macaco de outra espécie. (risos).

Não riais, pois não estou pilheriando. Muita gente tem passado a vida a mudar-se de um mundo de macacos para outro mundo de macacos. Para perceber o que é o silêncio necessita-se de muita investigação. Isso não é questão de um instante. Só a mente que está completamente em silêncio pode observar, pode escutar, pode aprender — aprender no sentido a que nos temos referido, e não, acumular conhecimentos e tomar notas. O aprender nada tem em comum com a aquisição, porque o aprender é um movimento, movimento que só pode verificar-se quando há silêncio. Infelizmente não é possível considerarmos agora esta questão do silêncio. Talvez o façamos na próxima ocasião, pois temos de examiná-la muito profundamente. A mente que está em silêncio é uma mente extraordinária, uma mente livre. Não podemos silenciar a mente pela fôrça, pela disciplina, pelo contrôle, porque isso é torná-la estéril, morta. Para compreendermos o que significa o silêncio, temos de *ver*, temos de *olhar:* olhar uma flor completamente, sem a interferência de memórias e pensamentos de tôda espécie: olhar simplesmente. Quando amamos alguém com todo o nosso ser e não apenas com a memória, o desejo, o sexo, etc., amamos "de dentro" dêsse silêncio extraordinário. Temos então a comunicação sem palavras, sem idéias, sem reconhecimento.

24 de julho de 1966

SAANEN — VIII

Nesta manhã pretendo examinar um assunto um tanto complicado. Poderá parecer difícil, porém é bastante simples. O importante não é fazermos alguma coisa, não é perguntar-nos o que se pode fazer em relação a uma certa coisa, porém o importante é o ato de escutar. Tôda comunicação, mesmo no nível verbal, está no simples *escutar,* e não em tentarmos descobrir o que o orador está dizendo, em fazermos um enorme esfôrço para compreender o problema de que se está tratando. Escutar é uma arte, e se se puder escutar com atenção isenta de esfôrço, sem a determinação de escutar, sem a atenção que visa a um fim, porém assim como se escuta o rio a correr, então o próprio ato de escutar é, em si, uma ação total. Nossa mente é tão complexa, tão contraditórios e ocultos são nossos motivos e intenções, que perdemos tôda a simplicidade. O escutar requer uma mente muito simples — não uma mente desequilibrada, porém uma mente muito clara, como um lago de águas tão límpidas e tranqüilas que se possa ver o seu fundo, com todos os seixos e os peixes e as ervas e tudo o que vive sob a água.

Se uma pessoa é capaz de observar e de escutar, não precisa de fazer mais nada. Não terá de exercer o raciocínio, não necessitará de nenhuma convicção ou fé, nem de fazer esforços para ser *séria:* só terá de ver a existência como um todo, ver o céu todo inteiro e não através de uma janela, através de uma mente especializada que olha para o céu com seus conhecimentos científicos. A mente especializada não pode ver a totalidade, não pode perceber o todo da vida — amor, morte, ódios, guerras, impulso aquisitivo, batalha constante, interior e exterior, ambição, poder — como um vazio total, um movi-

mento total. Se se pudesse ver dessa maneira, *escutar* o movimento da vida, tôdas as relações teriam uma significação inteiramente diferente, e a existência uma diferente profundeza.

Por que razão olhais a vida em fragmentos? Peço-vos não responder ou procurar resposta. Disso se encarregará o orador, o mais detalhadamente possível. O que tendes de fazer nesta manhã, se posso sugerí-lo, é só ficar escutando durante quarenta ou quarenta e cinco minutos, se tendes o interêsse, a seriedade, a intenção, a vitalidade, a energia que isso requer. Escutai; depois, se o desejardes, tereis a bondade de fazer perguntas e examinaremos mais um pouco a matéria. Mas, permiti-me sugerir que escuteis sem esfôrço, e com agrado. Esta é uma linda manhã: as montanhas muito claras, o prado todo rutilante, cada árvore, cada ser vivo cheio de vida e beleza.

Para se ver tudo isso, não deve haver ponto de vista especializado, fragmentário. Por que razão olhamos a vida aos fragmentos? Porque fracionamos a vida, a vasta corrente da existência, em seções, em séries classificadas de fragmentos? Porque dividimos o mundo físico em nacionalidades, em dogmas, em mundos diferentes — mundo político, religioso, social, econômico? Nossas relações estão divididas. O marido, a mulher, o filho, a família, o grupo, a comunidade, as nações — todos funcionam separadamente. Porque temos divisões como amor e ciume, Deus e demônio, bom e mau? Tudo é fracionário, e nossa própria mente e coração estão divididos, fragmentados; por causa dessa fragmentação nunca vemos o todo, embora tentemos, de tôdas as maneiras, juntar êsses fragmentos num todo. Mas não podemos integrá-los. Não se pode integrar o prêto e o branco, o ódio e o amor, ou a bondade e o ciúme. Visto não ser possível essa integração, necessitamos de uma maneira inteiramente nova de abeirar-nos do problema. Para se compreender ou observar a vida como um todo não fragmentado, não deve haver nenhum centro, nenhum EU, como observador, como experimentador. O observador, o nacionalista, o homem que crê ou que não crê, o comunista — cada um dêsses tem o seu centro, de grau e profundidade diferentes, inteligente ou não, embotado e estúpido ou altamente intelectual, muito ilustrado ou muito ignorante. Enquanto existir tal centro, haverá fragmentação: vida e morte, amor e ódio, etc. Peço-vos escutar, sem perguntar como vos libertareis

do centro. Não podeis livrar-vos dêle. Como podeis livrar-vos do todo da vida? Não o podeis! Quanto mais vos esforçardes para vos libertar do centro, tanto mais forte êle se tornará.

Vemos ocorrer essa fragmentação e sabemos também, pela observação, pelo claro pensar, porque a fazemos. Somos condicionados desde a infância para pensarmos de uma certa maneira. O matemático, o cientista, se devotaram a certas especialidades, e tudo mais lhes é secundário. Dividiram, fragmentaram a vida. A vida é contradição enquanto não percebemos, por nós mesmos, o seu todo, a totalidade dos entes humanos, a totalidade do mundo, assim como vemos estas montanhas, êstes rios e vales. Enquanto a mente estiver fragmentada, fracionada, especializada, enquanto algum homem disser: "Esta é a direção que tenho de seguir", ou "Êste é o caminho de meu preenchimento, de meu "vir a ser", o caminho que seguirei" — haverá aflições e mais sofrimento. Cada um de nós tem êsse centro, de onde olha, julga, avalia e faz tremendos esforços. A vida está fragmentada e essa fragmentação, causada pelo centro, é o tempo. Se olhamos o todo da existência, sem êsse centro, o tempo desaparece. Um milagre!

O tempo é uma das coisas mais complexas que temos de compreender. É relativamente fácil compreendê-lo intelectualmente, mas, para perceber o seu significado, compreender a natureza do tempo, a importância do tempo, não só temos de compreender o tempo cronológico, marcado pelo relógio que trazemos no bolso ou no pulso, mas temos também de compreender e de observar o fator psicológico que cria o tempo como ontem, hoje e amanhã. O tempo é um movimento, uma totalidade, e se o fracionamos em ontem, hoje e amanhã, ficamos-lhe escravizados. Criamos então teorias: gradualismo, ou o "imediato", o "agora". Pela teoria gradualista, os entes humanos se tornarão gradualmente mais benevolentes, mais bondosos, mais isto e mais aquilo. Percebemos a total futilidade da esperança de uma vida futura, sendo o futuro amanhã, de contarmos com um ganho que se verificará daqui a alguns meses, anos ou séculos. Isso, mais uma vez, é fragmentação do tempo. Nessa rêde estamos presos e, por conseguinte, não compreendemos o extraordinário movimento do tempo não fragmentado. Na realidade, só existe o tempo marcado pelo relógio, e nenhum outro. Aquêle trem passa por aqui preci-

samente a esta hora, todos os dias, e se desejais tomá-lo deveis estar na estação na hora da sua partida. De contrário, o perdereis. O tempo cronológico tem de ser observado rigorosamente. A observância do tempo marcado pelo relógio não é uma fragmentação como a daquele outro tempo.

O tempo não cronológico é invenção da memória, da experiência, ou do centro, que diz: "Eu *serei*". Existe a questão da morte, questão que preferimos adiar, evitar, afastar de nós. O pensamento é a causa da fragmentação do tempo, o qual, salvo o tempo cronológico, não tem existência real. Não compreendemos aquêle extraordinário movimento do tempo em que não há fragmentação, porque estamos sempre pensando no que fomos, no que somos, no que seremos. Isso é fragmentação do tempo psicológico, e a tal respeito nada podeis fazer, senão escutar. Não podeis dizer: "Livrar-me-ei do tempo, para viver no presente, porque só o presente é importante". Que significa realmente "o presente"? Êle é apenas um resultado do passado; mas existe um presente *real* quando não há fragmentação do tempo. Espero que possais ver a beleza disso.

O tempo tem para nós desmedida importância — não o tempo cronológico, a hora de ir para o escritório, de tomar o trem, o ônibus, de ir a um encontro marcado. Tudo isso são trivialidades, que temos de observar. Mas, o que tem importância é o tempo psicológico, que dividimos em ontem, hoje e amanhã. Estamos sempre vivendo no passado. "Agora" é o passado, porque êsse "agora" é a continuação da memória, o reconhecimento do que *foi* e não pode ser alterado, e o que está acontecendo no momento presente. Ou vivemos engolfados nas recordações da juventude, na lembrança de coisas passadas, ou vivemos na imagem do amanhã. Levamos uma vida de gradual declínio, gradual definhamento. Com a aproximação da senilidade, as células cerebrais se vão tornando mais e mais fracas e perdem, por fim, tôda a energia, vitalidade e fôrça. Esta é que é a grande tristeza. Ao envelhecermos a memória desaparece e tornamo-nos caducos, meros repetidores do passado. [1] É assim que estamos vivendo; embora muito ativos,

---

(1) Talvez o A. esteja aludindo à faculdade de fazer *novos* registros, porque, se a memória desaparecesse não haveria possibilidade de "repetir o passado". (N. do T.)

somos senis. No presente, no momento da ação, estamos sempre vivendo no passado, com sua influência, suas pressões e tensões, sua vitalidade. Todo o saber que, com enorme esfôrço, adquirimos e armazenamos através do tempo, é do passado. O saber nunca é do presente. Com êsse saber do passado atuamos, e a essa ação é que chamamos "o presente". Tal ação está sempre a causar declínio.

Estamos atuando "dentro" da imagem, do símbolo, da idéia do passado; tal é a fragmentação da vida. Inventamos filosofias, teorias do presente; "vivamos só no presente e tiremos dêle todo o proveito possível. Nada mais importa". Êsse "viver no presente" é desespêro, porque o tempo que foi dividido em passado, presente, e futuro só produz desespêro. Conhecendo o desespêro, dizemos: "Não importa; tratemos de viver no "agora", no presente, porque tudo mais é sem significação. Tôda ação, tôda vida, tôda existência, tôda relação, tudo enfim resulta necessàriamente na divisão do tempo e, por conseguinte, no desespêro, no declínio, na aflição". Tendes a bondade de *escutar*, porque a êsse respeito não podemos *fazer* coisa nenhuma. Tal é a beleza daquilo que ocorrerá se ficarmos apenas escutando. Isso não significa que se tenha de aceitar o que se diz; não há nada que aceitar nem que rejeitar. É estúpido dizer-se: "Estou vivendo no presente". Isso não significa nada. Igualmente estúpido é dizer: "Nego o passado". Podemos negar o passado, mas somos o resultado dêle. Todo o nosso funcionamento vem do passado. Nossas crenças, nossos dogmas, nossos símbolos, a norma que nos esforçamos para seguir, qualquer que ela seja, tudo é resultado do passado, o qual é o tempo. Dividimos o tempo em passado, presente e futuro. Isso naturalmente gera mêdo, mêdo da vida que está fora do tempo, e mêdo do movimento do tempo não fracionado em ontem, hoje e amanhã. Êsse movimento do tempo só pode ser percebido totalmente, quando não há fragmentação, quando não há nenhum centro, *de onde* olhamos a vida.

A beleza não é "do tempo"; o que tem relação com o tempo é sua expressão fragmentária, conforme a percebemos no tempo. A beleza, como o amor, não pode ser dividida em ontem, hoje e amanhã. Se a dividimos, apresentam-se todos os problemas inerentes àquela relação que chamamos "amor" —

ciúme, inveja, domínio, sentido de posse. Quando a beleza não é resultado da fragmentação do tempo, então a pintura, a música, e tôdas as modernas falácias e artifícios perdem tôda a significação. Tudo o que é expressão do tempo, do período, do moderno estado de revolta, nega a beleza. A beleza não pode ser traduzida em têrmos de tempo. Ela só pode ser compreendida, *vivida*, conhecida, no silêncio total. Não podemos ver a beleza da montanha e do claro céu azul quando a mente está a tagarelar intermінàvelmente, quando ocupada com problemas. Só se pode ver aquela beleza no silêncio total, e êsse silêncio não se alcança por meio do tempo, pelo dizermos: "Amanhã estarei em silêncio; praticarei os necessários métodos", e outras infantilidades que tais. O silêncio só se manifesta em sua totalidade, profundeza e beleza, tão logo cessa a fragmentação do tempo.

A mente silenciosa é uma mente livre do tempo, e em virtude dêsse silêncio ela pode agir. Ela é silenciosa, porque "sem tempo". Está sempre no presente, sempre no "agora". Como não é possível atuar positivamente por meio da vontade para quebrar a sujeição ao tempo, nada se pode fazer. É necessário compreender realmente que nada se pode fazer. Isso não significa que a pessoa tenha de se tornar preguiçosa, negligente, de levar uma vida estúpida e sem significação. Vê-se a totalidade da vida, a extraordinária complexidade da existência, e percebe-se que nada se pode fazer. Que podemos fazer a respeito daquele barulho? [1] Podemos resistir-lhe ou podemos ficar a escutá-lo, a "acompanhá-lo".

Se percebemos que, nem positivamente nem de outra maneira podemos fazer alguma coisa a respeito da vida fragmentária que levamos, essa vida de contradição a que estão condenados os entes humanos; se percebemos êsse fato realmente, e não intelectual, racional ou verbalmente; se compreendemos totalmente que não temos possibilidade de fazer coisa alguma a respeito de nossa vida, com seus sofrimentos, prazeres, alegrias, aflições, ambições, competição, sua busca de poder e de posição e todos os fragmentos em que está dividida a nossa existência,

---

(1) O A. alude a um barulho que se está ouvindo na sala de conferências. (N. do T.)

então o tempo como ontem, com tôdas as suas lembranças, experiências e conhecimentos termina totalmente. Dessa terminação do tempo nasce a beleza — que não é as coisas que vemos, nem a montanha, nem o quadro, nem o regato (tudo isso são fragmentos) — porém a beleza que nasce sem ter sido buscada, nem premeditada. Só surge essa beleza quando o tempo não existe, ou quando o tempo não está fracionado. Dessa beleza vem o silêncio. A mente que não está em silêncio e o coração que não está tranqüilo vivem no conflito e na aflição. O que quer que façamos, ela trará sempre aflições, para nós e para outros. A beleza surge, com ela nos encontramos insabida e misteriosamente, quando estamos a escutar sem esfôrço, tranqüilamente, sem estarmos sendo hipnotizados por quem nos fala. Êsse encontro poderá durar só um segundo, um minuto, poderá durar um dia, um século, mas não importa. Quando queremos apoderar-nos dela, quando dizemos: "Tenho de retê-la tôda a vida", já estamos fragmentados; recomeça a contradição, a irritação, o ciúme, etc. Para se ver a totalidade da existência, o tempo como passado, presente e futuro deve terminar.

Podemos agora palestrar, investigar, não como alcançar essa extraordinária beleza, porém como ver, como observar o quanto está fragmentada, fracionada a nossa vida? Se percebemos os fragmentos e percebemos que nada podemos fazer, que não há possibilidade de integrá-los, visto que tôda ação é fragmentária enquanto existe um centro, e êsse centro é o resultado da fragmentação do tempo — se pudermos observar êsse fato, abrir-nos a êle, então será possível encontrarmos algo não criado pelo tempo — tempo como ontem, hoje e amanhã. O tempo se detém, então. O tempo constituído de fragmentos termina. Se pudermos nesta manhã ver realmente as nossas vidas e como as fracionamos e fragmentamos, talvez então suceda alguma coisa — não nascida do inconsciente, porque êste não existe. Só há consciência, que dividimos em consciente e inconsciente. É dessa divisão que nascem tôdas as fragmentações e as respectivas aflições.

INTERROGANTE: Vêdes tôdas as coisas como Beleza?

KRISHNAMURTI: Que quererá dizer o interrogante? Pode-se achar belo o assassínio de uma pessoa, a guerra, um incêndio, o sofrimento, a lama da estrada, o esqualor da

pobreza? Por que fazeis esta pergunta? É por que desejais ver tudo como beleza — as provocações e disputas entre marido e mulher, a cólera, o ciúme? Quereis ver tudo isso como beleza, para terdes uma imagem para cultuar, uma espécie de extravagância mística? Senhor, deveis ver as coisas como são, os fatos como fatos, e não ter opiniões a respeito dos fatos. Deveis ver realmente, sem dissimulação, a fealdade, a brutalidade, as coisas horrorosas que estão sucedendo no mundo. Tôdas as igrejas com seus dogmas, cruzes e signos são irreais. São símbolos, e o símbolo nunca é o real. Quando reconheço que o símbolo não é real, perde êle então tôda a significação. Respondi a vossa pergunta, senhor?

INTERROGANTE: Sim, com restrições.

KRISHNAMURTI: Restrição de quê? Senhor, compreendestes o que eu disse? A mente que já não pensa em têrmos de ontem, hoje ou amanhã, a mente que não está fragmentada, fracionada, saberá o que é a beleza. Então não se pergunta: "Pensais que a vida é tôda de beleza?". Primeiro descobri por vós mesmo porque vossa mente está fragmentada, porque vossa vida se acha especializada, como marido, etc. Enquanto investigais isso, fazei perguntas. Mas começai, primeiramente, a investigar, para então fazerdes perguntas verdadeiramente importantes.

INTERROGANTE: O que perturba a maioria de nós é o fato de serem as palavras tão superficiais. As palavras que empregamos não têm significação. Se falamos a respeito de certas coisas, usamos de certas expressões; as palavras brotam espontâneamente.

KRISHNAMURTI: É exato isso? "Minha espôsa" ou "Meu marido" são palavras, mas têm enorme significação, não achais? Há gente disposta a matar por causa das palavras "meu Deus" ou "eu sou comunista". Uma idéia é apenas palavra racionalizada, palavra organizada, e por ela estamos prontos a matar e a embrutecer-nos, destruir-nos. Não digais, senhor, que as palavras têm muito pouca significação. Se compreendemos que a palavra, o símbolo, a expressão não é o fato, assim como a palavra "árvore" não é a árvore, então já não estamos enredados nas palavras. Nosso pensar, nossas mentes estão cheias de palavras, condicionadas por palavras como "Sou inglês, sou

francês". As palavras têm para nós extraordinária importância. Podemos chamá-la "superficial", mas uma palavra, uma expressão, um símbolo tem muita significação. Mas, quando sabemos que a palavra, o símbolo, a expressão não tem significação *real,* que só o fato a tem, então as palavras e expressões de que usamos não nos cativam a mente. Senhor, fêz-se uma tentativa de investigar a questão da propaganda. Criou-se uma comissão que logo começou a trabalhar. Sabeis quem sustou essa tentativa? A igreja, os militares, os homens de negócios!

INTERROGANTE: Numa pequena aldeia vive uma serpente venenosa. Uma mãe está em prantos porque essa serpente lhe mordeu o filhinho e êle morreu. Posso matar a serpente, ou deixá-la em paz. Que devo fazer? [1]

KRISHNAMURTI: Que fazeis num caso dêstes? Ficais esperando uma oportunidade de vir aqui, para saber o que deveis fazer? Ou fazeis alguma coisa imediatamente, no local? Vós agis! Se sois insensível, indiferente, nada fazeis; mas, se o fato vos comove, fazeis, com efeito, alguma coisa, imediatamente. Senhor, tôdas as nossas ações se baseiam na idéia de que devemos prestar bons serviços, ser bons, de que isto é justo e aquilo é injusto. Tôda ação está condicionada por uma idéia, por nossa pátria, nossa civilização, e pela alimentação que tomamos. Tudo isso condiciona as nossas ações, porque elas se baseiam em idéias. Quando percebermos que a ação que se ajusta a uma idéia não é ação, rejeitaremos tôdas as idéias e saberemos o que é ação. É interessante observar como temos fracionado a ação: virtuosa, imoral, justa, verdadeira, nobre, ignóbil, ação nacional, ação conforme com a igreja. Se compreendemos o nenhum valor de tais ações, então agimos. Não perguntamos como agir, o que fazer; agimos, e êsse ato é, naquele momento, a mais bela das ações.

26 de julho de 1966

---

(1) Diz a escritora americana Pearl Buck, que viveu vários anos na India, que lá não se matam as serpentes, que são a causa de milhares de mortes, todos os anos. (N. do T.)

SAANEN — IX

TODOS NÓS gostaríamos de saber se é possível tornarmo-nos totalmente novos, rejuvenescer, não no corpo, porém na mente e no coração. É-nos possível renascer — não, recomeçar a vida como rapazes ou raparigas, porém ver a vida, com tôdas as suas complexidades, suas dores e sofrimentos, suas ansiedades e temores, como se pela primeira vez a estivéssemos vendo e, assim fazendo, transformá-la, em vez de continuarmos a transportar esta pesada carga, de ano em ano, até a morte? Temos alguma possibilidade de renovar a mente e o coração, de modo que possamos olhar a vida de maneira inteiramente nova? Desejo nesta manhã considerar êste problema e tentar descobrir se nos é possível fazer alguma coisa nesse sentido, para têrmos uma mente nova, lúcida, livre de tôda confusão, não contaminada pela aflição, pelos problemas e todos os tormentos a que estamos sujeitos; têrmos um coração que desconheça o ciúme, coração cheio de afeição e de amor; por conseguinte, renascermos totalmente, cada dia.

Existe algum método, alguma ação decisiva — positiva ou negativa — capaz de criar êsse nôvo estado? A maioria de nós deve estar fazendo esta pergunta, se não deliberadamente, pelo menos vagamente ou, se temos peculiares inclinações sentimentais, misticamente. Ao fazermos a nós mesmos tal pergunta, falta-nos a energia, a fôrça e a vitalidade necessárias para passarmos além e descobrirmos, por nós mesmos, aquêle estado; ou fazemos a pergunta superficialmente, indiferentemente, por mera curiosidade. É bem evidente a necessidade de uma mudança exterior, de uma reforma econômica e social, a fim de que possa promover-se a unidade humana, quer o indivíduo seja moreno, prêto, branco, quer seja russo, comunista, socialista, etc. É

necessário que todos cooperemos, a fim de nos livrarmos do horrível estado de coisas ora vigente, livrar-nos de tôdas as diferenças existentes — raciais, comunitárias, políticas, nacionais. Temos também de libertar-nos dessa invenção absurda e muito ativa, chamada "religião" — essa enorme corporação controlada pelos sacerdotes e a hierarquia, tal como qualquer emprêsa mercantil. Ela está separando os homens em protestantes, católicos, hinduístas, budistas, muçulmanos, etc. Cabe a todo homem inteligente, clarividente, rejeitá-la de todo, não se deixar influenciar pelos seus absurdos. O que a todos deve interessar é a extinção da pobreza, não num certo canto do mundo — na América ou na chamada "Europa Unida" ou "Mercado Comum" — porém a extinção da enorme pobreza existente em tôda parte e principalmente na Ásia, com a degradação e tudo o mais que a miséria acarreta. Afiançam os cientistas que é possível extinguir a pobreza; e isso *deve* ser feito, para se pôr fim às guerras, a esta constante insegurança física. É isso o que deseja todo homem equilibrado, racional. Não nos referimos ao homem que deseja prestar "bons serviços", nem ao reformador, porquanto nem um nem outro é capaz de promover uma revolução física total. Contudo, esta revolução tem de ser feita.

Deixando de parte a urgente *necessidade* dessa alteração que tem de ser realizada por todo homem inteligente e consciente das terríveis crises e tribulações que estão assolando o mundo, que tem de ser efetuada por cada um de nós, esta matéria envolve uma questão muito mais profunda. A mente e o coração vêm sendo condicionados há séculos, acham-se aprisionados na estrutura psicológica da sociedade, cercados de inumeráveis influências que o homem se vê forçado a aceitar. Ora, é possível o renascimento dessa mente e dêsse coração, não num futuro distante, nem numa vida futura conforme se crê em todo o Oriente — e a mesma crença existe também, em forma diferente, no mundo ocidental — porém agora, neste momento presente? Não podemos deixar-nos limitar pelo tempo, porquanto a renovação que se faz necessária não depende do tempo em absoluto. É desta questão que vamos tratar.

Aquela pergunta só pode ser feita ao percebermos o absurdo da vida que em geral levamos, a vida da classe média, da burguesia, do comunista, a vida de perene repetição de um padrão. Estamos sempre a copiar, a imitar, a dar continuidade

a um passado que não pode criar uma nova percepção, uma nova vitalidade, uma nova existência. Ao fazermos a pergunta, não só deve ser bem clara a nossa intenção, mas também temos de perceber claramente que ninguém pode dar-nos a resposta. Nenhuma autoridade pode dizer-nos se a mente, que é o resultado do tempo, ou o cérebro, que tem sido educado, civilizado e aprimorado e contudo conserva sua essência animal, é capaz de *viver* naquele estado -- *vivê-lo,* e não realizá-lo durante um só minuto ou dar-lhe continuidade.

No momento em que indagamos se é possível a continuidade daquele estado, já não estamos vivendo. O homem que está vivendo a pleno, na claridade, não se preocupa com o amanhã. Não há preocupação de espécie alguma, porquanto êle está *vivendo,* e não lhe interessa nenhuma continuidade futura. Qualquer espécie de continuidade, excepto a de conhecimentos técnicos, é totalmente destrutiva do nôvo. O que tem continuidade é o hábito, a memória, a repetição de um padrão de prazer e de dor, de desejo. A repetição de qualquer hábito, de qualquer padrão, não pode criar um estado mental totalmente nôvo, decidido, vivo e livre de tôdas as cargas do passado. Esta é a primeira coisa que se deve perceber, quando se deseja investigar a questão de se a mente pode renovar-se, ser nova e fresca todos os dias, não contaminada. Qualquer continuidade, exceto a de conhecimentos e capacidades, é totalmente prejudicial, um empecilho à mente nova, ao renascimento. O que tem continuidade é a atividade egocêntrica a que está entregue a maioria de nós — ambição, avidez, inveja, busca do prazer, fuga à dor, imitação, o desejo de *seguir,* e tudo o mais que o centro faz. Êste centro é o resultado dessa continuidade, e não se pode dizer: "Porei fim à continuidade pela ação da vontade, pela determinação, pelo desejo"; mas quando vemos, percebemos, compreendemos tudo o que está implicado nessa continuidade, então, por si mesma, ela termina. Só podemos perceber isso, não intelectual nem emocionalmente, porém *realmente,* como um fato, quando investigamos a questão do nascimento de uma mente nova, de um coração nôvo, da inocência, porque morrer é a cessação dessa continuidade.

A morte, para a maioria de nós, é a terminação de algo que conhecemos, que experimentamos ou adquirimos, e nós tememos a terminação definitiva dessa coisa trazida do passado.

Não tememos tanto a morte física, pois sabemos que o corpo está a sofrer alterações todos os anos, alterações que a mente não pode controlar. Fìsicamente, declinamos por causa de doenças e acidentes e das várias maneiras errôneas de nosso viver. Tememos, não o desconhecido existente além da morte, porém, antes, a perda do que possuímos, a impossibilidade de conservar o conhecido. Não podemos dizer: "Porei fim, decididamente, ao passado, a fim de ter um renascimento, uma mente nova, um coração juvenil". Isso não *conseguiremos* pela prática deliberada de um dado sistema. A mesma prática de um sistema é, em si, continuidade do passado e, por conseguinte, não produz nada de nôvo.

Se escutamos não só o que diz o orador porém a tudo o que se nos revela, a tudo o que se passa neste mundo de agonias, de prazeres, de guerras, então, o próprio ato de escutar constitui o maior dos milagres, o mais grandioso mistério. Se pudermos escutar, sem traduzir o que estamos escutando, sem interpretá-lo, condená-lo, julgá-lo, sem permitir essas interferências do pensamento, que é atividade egocêntrica; se pudermos *escutar* realmente, veremos então, por nós mesmos, que embora certas coisas possam ser feitas, como, por exemplo, alterar a situação política, promover a unidade econômica, extinguir a pobreza — e tudo isso pode e *deve* ser feito — a respeito da "outra coisa" nada se pode fazer. A análise, a dissecação, o exame de nós mesmos, de todos os nossos estados, só pode levar-nos a mais confusão, sofrimento, luta; mas se escutarmos, assim como se escuta o barulho daquela corrente, se escutarmos tranqüilamente, sem nenhuma idéia de adquirir, de reter ou de rejeitar, veremos então que êsse próprio ato de escutar porá fim à atividade egocêntrica.

Não vos estou pedindo que façais *alguma coisa,* porém que apenas escuteis. Não estou expondo idéias, teorias, fantasias, nem nada de místico ou "conceptual". Estou apenas a apontar-vos o que realmente *é*. Se escutardes com um coração aberto e uma mente que não esteja vinculada a coisa alguma, porém só escutando, então êsse próprio escutar se tornará ação, e é esta a *única* ação, a única operação que acabará com a chamada "continuidade", êsse "processo" de repetição e imitação, de exigências e buscas. Vereis, por vós mesmo, muito claramente, que o que tem continuidade não pode, em tempo algum,

compreender o que é nôvo. Só com o "morrer para alguma coisa", pode acontecer algo de nôvo. O morrer para nós mesmos, êsse "nós mesmos" que constitui o próprio centro da continuidade, o morrer para o conhecimento, o ser livre do conhecido, essa é a renovação da mente, que faz tudo nôvo. Vê-se então a montanha, o rio, a árvore, a mulher, o homem, a criança, a humanidade, como algo totalmente diferente, totalmente nôvo.

É isso o que a maioria de nós está a perguntar, a exigir, porque, quanto mais intelectual a pessoa, quanto mais vigilante, quanto mais informada a respeito do mundo, da história que se repete todos os dias — tanto mais apta está a indagar se o homem pode renascer, a fim de viver uma vida diferente, ter uma diferente maneira de agir, uma diferente percepção da existência. É isso o que andamos buscando, todos os dias. Estamo-nos tornando cada dia mais velhos; os próprios jovens estão envelhecendo e, se cada um de nós se tornar cônscio dêsse fato, então a única pergunta que merece ser feita é esta: "É possível renascermos, de modo que nossa mente e coração possam renovar-se, renovar-se todos os dias, ser sempre jovens e vigorosos?" Isso exige abundante energia, não a energia gerada pelo conflito, pela violência, pela intenção, pelo esfôrço. Tudo isso tem sua energia própria, mas estamos vendo por nós mesmos que, para renovarmo-nos, renascer todos os dias, morrer todos os dias para todo o conhecido, de modo que sempre exista o nôvo; estamos vendo que para *viver* nesse estado, e *não* retê-lo, necessita-se de uma extraordinária energia, que não seja a energia gerada pelo conflito.

Temos de investigar o que é essa energia. Se temos saúde, robustez, vitalidade, possuímos uma grande abundância de energia física, da qual nos servimos para a agressão, a violência, em nosso esfôrço para chegarmos a alguma parte ou realizarmos algo. Há abundante energia gerada pelo conflito, e a maioria de nossas relações é conflito. Necessitamos de energia para exercer nosso emprêgo todos os dias; necessitamos de energia para aprender, executar, agir. A energia que é produzida, juntada, gerada pela mente, na busca de prazer, de ganho e fama, nunca criará uma mente nova, um coração jovem. Temos de investigar o que é essa energia que todos os dias ocasionará a morte de tudo o que a mente concebeu, viu, observou e

conservou. Necessitamos de energia para morrer para uma coisa que adquirimos, que guardamos, para tudo o que temos conhecido, lembrado, acumulado. A morte da mente que tem experiências todos os dias, a morte do cérebro que reage a cada movimento da vida, a morte do animal que subsiste em todos nós — requer energia. Esta não é um produto intelectual. O intelecto não pode, em tempo algum, criar a necessária energia. Êle cria energia para a ação, para se fazer alguma coisa, seguir uma idéia, conceber uma fórmula e pô-la em ação, mas não é dessa energia que estamos falando. Estamo-nos referindo a uma energia, uma vitalidade, uma fôrça que se torna necessária para morrermos todos os dias, a fim de que a mente e o coração se renovem.

Vamos investigar juntos o que é essa energia. Não compete ao orador dizer-vos o que ela é. Vamos participar juntos na investigação, participar naquela enorme energia que *devemos* possuir. Estamos a perguntar-nos o que é essa fôrça que mantém a mente jovem. Não sei como respondeis a essa pergunta; não sei qual é a vossa resposta, se a tendes. Muito importa a cada um de nós verificar se estamos esperando que alguém nos dê a resposta. Não há ninguém que possa dá-la, nem vossos deuses, nem vossos sacerdotes, nem certamente, o comunista — isso não o interessa. Como é que *vós* respondeis à pergunta relativa ao morrer todos os dias para tudo que é conhecido, experimentado? No próprio ato de morrer surge o nôvo.

Todo problema complexo precisa ser considerado de maneira simples. Um problema humano, principalmente, tem de ser resolvido de maneira muito simples. A palavra "simples" é uma palavra "carregada". Há vários conceitos relativos à simplicidade. Se fôstes criado no Oriente, lá simplicidade é tomar apenas uma refeição por dia e andar de tanga, e isso muito evidentemente não é simplicidade. Aqui, a palavra tem significação diferente. Nós a estamos empregado no sentido de não sermos complicados, de não estarmos sendo influenciados por idéias, por conceitos. É dificílimo ser simples. Para descobrir aquela energia que está sempre a renovar-se sem *motivo* algum, temos de tornar-nos extraordinàriamente simples. Que é aquela energia? Podemos dar a resposta numa só palavra, mas é uma palavra que se tornou tão "carregada", tão onerada por séculos

de repetição, que perdeu a sua real beleza. Essa palavra é: *amor. Escutai-a* — não àquela coisa fragmentária *que se chama* amor. Só conhecemos o amor como amor sexual, físico; amor assediado pelo ciúme, pelo mêdo; amor divino, amor humano. Empregamos também essa palavra quando temos relações muito íntimas com outra pessoa, relações de sexo ou de simples contacto físico. Empregamo-la, quando entre dois entes humanos existe uma relação livre de conflito, de domínio, de apêgo. Dela fazemos uso momentâneamente quando nos vem aquêle extraordinário sentimento, o qual entretanto desaparece no momento seguinte. O pensamento interfere e daí resulta o desejo de continuidade, de repetição do prazer. Todo o mecanismo entra em funcionamento.

Estamo-nos referindo a uma palavra, porém a palavra ou o símbolo nunca é o fato. Queremos aludir a um estado em que não há fragmentação, em que não há a idéia de "outro", em que o observador desapareceu completamente e, por conseguinte, a coisa observada já não existe. Êsse estado temos de compreender muito profundamente, porque, de contrário, aquela palavra tem muito pouca significação, exceto a significação vulgar, burguêsa. Aquêle amor que não é a palavra, aquela energia faz renascer a mente e o coração, de modo que êles permanecem sempre novos. Só aquela energia conserva a mente nova, fora do tempo. Tôda experiência, impressão ou conhecimento adquirido morre logo após o nascer. Vem, é experimentado e termina, tudo num só movimento. Não se pode adquirir aquela coisa existente além da palavra. Ela não pode ser praticada. A palavra "prática" é uma coisa terrível. Fazer uma certa coisa dia após dia, com fins de aquisição, é uma ação horrorosa, burguêsa.

Já notastes a extraordinária mudança que ocorre, sem nenhum esfôrço, quando vos achais muito tranqüilo em vosso quarto, num ônibus, ou a sós numa floresta? A mente está tão repleta de riquezas, que não pensa, não olha, não observa. Ela é então uma coisa *total* porque não é observador nem coisa observada. Só êsse estado representa o amor — não aquela coisa comum de que estivemos falando. Só êsse amor pode terminar a continuidade. A vida tem então significação, porque cessou a continuidade.

INTERROGANTE: Não é necessária a continuidade dos hábitos físicos normais, para podermos "escutar" as outras vidas que nos cercam?

KRISHNAMURTI: A continuidade pode "escutar" alguma coisa? Dissemos que a continuidade física é necessária; não podemos ir "jogar-nos no lago" para livrar-nos dela. Mas, para que serve escutar outra pessoa? Que é que há atrás desta pergunta? Escutastes um católico e dêsse escutar obtivestes alguma coisa. Escutastes um budista e daí adquiristes também alguma coisa. Escutastes os comunistas e aumentastes a coleção. Essa coleção foi reunida, escutando-se várias vidas. Colecionastes o que escutastes, e essa coleção tem uma continuidade. Mas nós dissemos que êsse colecionar deve terminar inteiramente. O que se coleciona forma um museu, mas um museu não pode criar um quadro. O quadro é criado por um homem a quem já não interessa o museu, nem a galeria, nem o dono da galeria. Só lhe interessa o sentimento que o impele a pintar. Se êle possui uma certa capacidade, pinta; mas o pintar, a expressão é uma coisa tão sem valor! Só tem valor para o colecionador, que com ela ganha dinheiro. Se o pintor ou o músico está interessado no dinheiro e em juntar dinheiro, deixa de ser pintor ou músico.

INTERROGANTE: Sinto que minha vida diária é sem importância e que eu deveria estar fazendo alguma coisa.

KRISHNAMURTI: Se estais comendo, continuai a comer. Se ides dar um passeio, passeai. Não digais: "Eu devia estar fazendo outra coisa". Quando lêdes, prestai tôda a atenção a isso, não importa se estais lendo uma novela policial, uma revista, a Bíblia, ou o que quer que seja. A atenção completa é ação completa, e então não se diz: "Eu devia estar fazendo outra coisa. Só quando não estamos atentos, sentimos vontade de dizer: "Ora, eu devia estar fazendo coisa melhor". Se estamos completamente atentos quando comemos, essa atenção é ação. O importante não é o que estamos fazendo, porém, sim, se somos capazes de dar-lhe tôda a nossa atenção. Por essa palavra não entendo uma coisa que se aprende por meio da concentração, numa escola ou nos negócios, porém à capacidade de *prestar atenção* com o corpo, os nervos, os olhos, os ouvidos, a mente, o coração — completamente. Se assim fizermos, ocorrerá uma crise extraordinária em nossa vida. Alguma coisa estará então a exigir tôda a nossa energia e

vitalidade, tôda a nossa atenção. A vida está a exigir essa atenção todos os minutos, mas de tal maneira fomos educados para a desatenção, que estamos sempre a procurar um meio de fugir da atenção para a desatenção. Dizemos: "Como posso prestar atenção? Sou indolente". Pois *sêde* indolente, mas dai tôda a atenção à indolência; ficai totalmente atento ao estado de desatenção. Tomai conhecimento de que estais completamente desatento. Então, quando sabeis que estais totalmente atento à desatenção — estais atento.

28 de julho de 1966

SAANEN — X

NAS NOVE palestras precedentes, consideramos mais ou menos extensamente os vários problemas que há tantos séculos vêm oprimindo os entes humanos. Nunca fomos capazes de terminar nem as guerras nem os sofrimentos por que temos de passar, física e psicològicamente, nem de resolver os inúmeros e complexos problemas que todos os dias se nos defrontam. Vivemos superficialmente, esperando que êsses problemas, de alguma maneira, algum dia, serão resolvidos. Mas, por infelicidade, os problemas não podem ser resolvidos se não os enfrentamos, se não sabemos entrar em contacto com êles, ver o que êles realmente são. Como entes humanos, vimos sendo educados, há muitos e muitos séculos, para evitar todos os problemas, dêles fugir ou defender-nos; entretanto, infelizmente, embora tentemos a fuga, embora levantemos defesas contra êles, os problemas continuam existentes. Com muita habilidade construímos uma verdadeira rêde de vias de fuga. Parecemos incapazes de olhar diretamente qualquer coisa. Nossa mente tem opiniões que nos impedem de ver as coisas como são, de enfrentar o que *é*. Nunca estão vazios a nossa mente e o nosso coração, para observar, olhar.

Ou temos problemas que não podemos resolver, ou estamos vinculados a vários movimentos — políticos, sociais, religiosos, etc. — ou, ainda, temos nossos problemas pessoais, neuróticos, com tôdas as respectivas complexidades. A mente que está comprometida, tem de estar sempre confusa; e nós *estamos* confusos, ainda que não o reconheçamos diretamente, perante nós mesmos. Estamos confusos em matéria de política, de religião, acêrca do que devemos fazer, do que devemos pensar, sôbre o que é pensar correto e pensar incorreto, o que é

comportamento correto. Vemo-nos totalmente confusos e, quanto mais inteligentes somos, mais incapazes nos mostramos de reconhecer para nós mesmos, que estamos confusos — *totalmente,* e não em parte. Pensamos estar parcialmente confusos, que há momentos livres de confusão. Os momentos que passamos livres de confusão, têm sua ação própria, e há outra espécie de ação quando estamos confusos. A ação nascida do estado de não confusão está sempre em conflito com a ação nascida da confusão. Uma reage contra a outra e nunca percebemos que, dentro em nós mesmos, nos achamos realmente na mais completa confusão. Se reconhecemos isso, podemos então tratar de descobrir a maneira de nos libertarmos da confusão, mas nunca a descobriremos se temos fórmulas, ideologias, compromissos, imposições psicológicas. Em geral passamos pela vida, confusos, infelizes, sem prestarmos contas a nós mesmos, num estado de cansaço, até morrermos. É nossa sina. Temos construído todo um conjunto de vias de fuga. Temos inventado constantemente armadilhas, nas quais vamos cair. Uma das armadilhas mais perigosas é a idéia de que devemos *buscar* e *achar.* Não sabemos realmente o que estamos buscando. Dizemos que é a Verdade, o amor, Deus — muitas e muitas coisas que cada um, conforme seu temperamento, está a buscar. Nunca indagamos porque é que buscamos, o que é que andamos buscando, e se existe essa coisa que estamos a buscar por meio de indagações e de perguntas.

Se não buscamos, veremos que a coisa mais importante da vida não é, em absoluto, a busca, porque, então, estaremos em presença da vida, frente a frente com o que realmente temos de fazer. É dificílimo à maioria de nós desistir de achar, de buscar alguma coisa. Quase todos os que se acham presentes, aqui, vieram em busca de alguma coisa. Em geral, buscamos porque nos vemos totalmente confusos. A mente lúcida, a mente que está cheia de vitalidade e energia, que vê a vida como nova, em cada instante, essa mente nunca está a buscar. A idéia do "buscai e achareis" é, para mim, totalmente absurda. Como pode uma mente limitada, egocêntrica, confusa, encontrar alguma coisa fora de suas próprias projeções? O homem sensato, o homem que está desperto, nunca busca. Quando uma pessoa não está a buscar *nada,* não está abrindo a porta à experiência. Está começando a dissipar sua confusão. A maioria de nós

deseja mais experiências novas, maior variedade de experiências, mais sensações, mais visões, mais luz, mas a mente que está a exigir *mais* está evitando o que realmente *é*. Visto que temos cultivado êsses refúgios, é inevitável e perfeitamente natural corrermos para êles. Mas, se a pessoa é séria, se suas intenções são sérias, não intelectual e verbalmente, porém de fato, então seu principal interêsse é dissipar tôda a confusão e todos os meios de fuga. Não busca, não pede ou provoca mais e mais experiências.

Por que buscamos *mais;* por que buscamos algo de nôvo? Porque nossa mente é limitada, superficial, vazia, estúpida, tediosa, e de tudo isso queremos fugir a todo preço. Tal é nosso principal interêsse. Temos nossos deuses, ou dizemos que estamos a buscar numa nova direção, ou que tôdas as religiões conduzem à mesma "qualquer coisa". Estamos colecionando o que adquirimos de diferentes guias, de supostas entidades espirituais. Tudo isso denota uma mentalidade muito estreita e limitada. Nela não há espaço, porém confusão cada vez maior, e não menor. Dizemos: "É êste o caminho certo e vou seguí-lo". Só os neuróticos, os "incertos", dizem isso hoje em dia. Tôdas as organizações mercantis chamadas "religiões" faliram totalmente: já nada significam. Se não estamos mais a buscar e já não temos fé nenhuma nessas organizações infantis, estamos então em presença do que realmente *é*, em presença de nós mesmos. Se não formos capazes de dissolver êsse centro, êsse canto insignificante do vasto campo da vida, ficaremos eternamente a batalhar com a vida.

Depois de têrmos abandonado tôdas as organizações psicológicas, religiosas, espirituais, o chamado "caminho da Verdade", apresenta-se o problema de dissolver essa entidade insignificante, êsse cantinho que temos cultivado e zelado e com êle batalhado contra o vasto movimento da vida. Como dissolvê-lo, de modo que não subsista essa coisinha insignificante e estúpida chamada EU e MEU? Há possibilidade de dissolvê-lo? Não estamos considerando se se deve exercer um emprêgo, se se deve fazer isto ou aquilo, ter mais dinheiro ou menos dinheiro, mais roupa ou menos roupa, etc. etc. Tudo isso ficará mui claramente respondido, sem contradição, nem confusão, uma vez esclarecido o estado psicológico, uma vez dissolvido aquêle cantinho insignificante desta vasta e completa existência, o qual

é o indivíduo, é a família, o EU e o MEU, que reconhece, que se identifica com uma dada nacionalidade ou grupo, uma dada idéia; uma vez tenha se extinguido êsse pequeno canto, com tôda sua beleza e glória, e tôda a sua precisão.

Aquêle centro só pode ser compreendido e dissolvido quando não há nenhuma possibilidade de fuga, quando somos capazes de olhar-nos com tôda a clareza, sem condenação, justificação ou negação. Para podermos olhar muito claramente, necessitamos de espaço. Para olharmos uma árvore com tôda a clareza, olharmos nossas espôsas, nossos maridos, nosso próximo, ou olharmos claramente as estrêlas à noite, ou as montanhas, precisa haver espaço; mas o que chamamos "espaço" é aquêle espaço que criamos, que conhecemos: o espaço entre o observador e a coisa observada. Há não só espaço-tempo, mas há também espaço-distância; êsse o espaço que mantemos em tôda a nossa existência, em tôdas as nossas atividades. O observador está sempre a manter distância entre si e a coisa observada. Nesse pequeno espaço, experimentamos, julgamos, avaliamos, condenamos, buscamos.

Por favor, não vos limiteis a ouvir palavras. Se é isso que estais fazendo, se intelectualmente estais a dizer: "Isso é óbvio", não estais enfrentando realmente os fatos. O intelecto é uma coisa sumamente enganosa. O intelecto é-nos absolutamente necessário, para raciocinarmos equilibrada, racional, sãmente, mas a vida não é só intelecto, assim como não é só emoção e sentimento. Se estais escutando o que o orador está dizendo, não só vereis o fato real, a realidade do espaço, mas também, se fordes mais longe, vereis que enquanto existir aquêle espaço [1] haverá sempre conflito. Êsse espaço é contraditório, e onde há contradição há necessàriamente conflito. Tal como o homem que está vazio, só, insuficiente, para quem a vida não tem significação, "projeta" um futuro no qual irá preencher-se — por meio da literatura, da pintura, da música, de alguma espécie de experiência ou de relação. O preenchimento é o objeto, e aquêle que se preenche é o observador. Entre o observador e o objeto observado há sempre espaço e, por conseguinte, há sempre aquêle estado de conflito.

---

(1) I.e., o espaço entre "observador" e "coisa observada". (N. do T.).

Se se percebe isso, não intelectualmente porém realmente, que se pode fazer? O espaço é necessário. Se não há espaço, não há liberdade, psicològicamente falando. A liberdade não é uma reação contra a sociedade, não é uma pessoa tornar-se *beatnik, beatle* ou criar uma longa cabeleira. A liberdade é muito diferente disso, e só pode realizar-se quando há um espaço imenso, não aquêle espaço que conhecemos, existente entre o observador e a coisa observada. Êsse é um espaço muito insignificante, e quando só êsse espaço existe, não há contacto. Só quando há contacto, quando não há espaço entre o observador e a coisa observada, só então podemos estar numa relação total — com uma árvore, por exemplo. Não estamos identificados com a árvore, a flor, a mulher, o homem, etc., mas quando há completa ausência do espaço representado pelo observador e a coisa observada, há então um espaço *imenso*. Neste espaço não há conflito; nêle há liberdade.

A liberdade não é uma reação. Não podeis dizer: "Estou livre". No momento em que o dizeis, já não sois livre, porque estais cônscio de vós mesmo como livre *de* alguma coisa e vos achais, portanto, na mesma situação do observador que observa uma árvore. Criastes um espaço, e nesse espaço gera-se conflito. A compreensão dêsse fato não requer concordância ou discordância intelectual, ou dizer-se "No compreendo", porém, sim, requer o entrar diretamente em contacto com *o que é*. Significa perceber que tôdas as vossas ações, cada momento da ação está em relação com o observador e a coisa observada, e que nesse espaço se encontra o prazer, a dor e o sofrimento, o desejo de preenchimento, de fama. Nesse espaço não há contacto com *coisa alguma*. O contacto, o estado de relação tem significado completamente diferente quando o observador já não está separado da coisa observada. Aí existe aquêle espaço extraordinário, existe liberdade.

Compreender êsse espaço é meditação. Compreendê-lo profundamente, sentí-lo, fazer parte dêle, vivê-lo e deixá-lo atuar como parte de nós mesmos, existir nesse espaço, é coisa muito diferente. Começamos a compreender quando e como devemos agir e o que devemos fazer. Só conhecemos o espaço em função de um objeto. Há o espaço criado por êste pavilhão; o espaço que existe dentro dêle e o espaço que existe fora dêle; há espaço entre nós e a montanha. O espaço que conhecemos é

aquêle existente entre o observador e a estrêla que êle vê de noite — a distância, o número de milhas, o tempo que levará uma viagem até lá. Aceitamos êsse espaço, nêle vivemos e nêle temos tôdas as nossas relações, mas nunca perguntamos a nós mesmos se existe uma diferente dimensão do espaço. Não nos referimos ao espaço dos astronautas, dos que andam num estado de imponderabilidade. Não é êste, em absoluto, o espaço de que estamos falando, porquanto está ainda em relação com o tempo, com o observador e a coisa observada. Referimo-nos a um espaço em que não há objeto, coisa observada. Muito importa investigá-lo, não através de palavras, símbolos. A palavra e o símbolo não constituem a realidade. A palavra "espaço" não é o espaço real. Temos de descobrir êsse espaço extraordinário, e sentí-lo.

A meditação é importante, não o como meditar, não a prática da meditação, não a maneira de manter certas visões, essas infantilidades que infelizmente foram exportadas do Oriente para o Ocidente. Necessitais de muito ceticismo — e espero o tenhais em abundância — ao ouvirdes o que se diz, aqui ou noutro lugar, porque então sereis capaz de investigar por vós mesmo. Seria infantilidade virdes a estas reuniões com o propósito de experimentar algum estado nôvo, fantástico, místico. Isto se consegue muito fàcilmente por meio de uma droga. Se tendes a séria intenção de investigar por vós mesmo, não de buscar porém de ver algo totalmente nôvo — numa flor, numa fôlha, que antes nunca notastes embora tenhais percorrido centenas e milhares de vêzes o caminho onde ela cresce — descobrireis algo que será um renascimento, algo não relacionado com o passado; vossa mente se tornará nova, fresca, inocente. A meditação é importante, porque só a mente que é capaz de meditar, capaz de olhar, de ouvir, de escutar, de observar, de perceber tôdas as suas reações, suas sutilezas e jamais condena, nem justifica, nem busca a fama, porém observa simplesmente — só essa mente é importante. Ninguém pode responder por vós à vossa pergunta. Se fazeis a pergunta correta, nela própria está contida a resposta, mas se a fazeis a outra pessoa e aceitais o que essa pessoa diz, vos tornais um indivíduo sem discernimento. Viveis então da fé e da esperança, atraindo o desespêro, a ansiedade e o mêdo. Mas se estiverdes sempre vigilante, quando andais, vos moveis, atuais, descobrireis por

vós mesmo o inteiro significado da existência. Êste só pode ser descoberto naquele estado de observação, de escuta. Quando a mente é vulnerável e o cérebro já não funciona com a avidez, a inveja, a ambição, a agressividade do animal, então é ela capaz de escutar *totalmente* e, por conseguinte, de descobrir, por si própria.

O que descobris não é o que *desejais* descobrir. Através de séculos, de milênios, desde antes de existir Suméria, Egito, Índia, antes de existir Grécia e Roma, os entes humanos sempre andaram buscando êsse estado extraordinário. O homem lhe tem dado diferentes nomes, conforme sua fantasia, sua civilização: Deus, Criação, Brama. O homem sempre o buscou sequiosamente, compreendendo que a vida, por si só, é muito breve. A *sua* vida, não a vida — o seu cantinho particular, tão insignificante e a que êle tem tanto apêgo, é de tão curta duração! Sabendo que existe a morte, espera êle encontrar algo muito além do tempo, do espaço e do conhecimento. Essa coisa só existe para a mente e o coração que estão livres do conhecido e onde há, por conseguinte, aquêle espaço imenso. Só naquele espaço pode encontrar-se a paz e a liberdade, e só nesse estado pode o homem perceber e escutar uma dimensão, a qual de outra maneira jamais encontrará, não importa o que faça. Só a alcançará naturalmente, no escuro, sem o "desejar". Êle pode achá-la e, se a achar, tanto basta. Ela poderá durar a vida inteira ou um segundo, mas êsse segundo faz parte do espaço imenso, atemporal.

O que importa perceber, não intelectual ou verbalmente, porém realmente, é que estamos completamente confusos; êsse é um fato óbvio. Basta ler qualquer jornal ou revista, ir a qualquer igreja, ouvir qualquer discurso político, para se ver o terrível estado de confusão em que o homem se encontra. Se percebermos que nunca haverá possibilidade de furtar-nos a êsse fato real, começaremos a descobrir de que maneira olhamos êste outro fato: o que somos realmente, e não o que pensamos deveríamos ser. Isso também é fuga. Descobriremos então por nós mesmos que estamos olhando êsse fato como observador e coisa observada, criando espaço e para êsse espaço atraindo conflito e contradição infinitos. Ao perceber tudo isso, acha-se a nossa mente no estado de meditação. A mente individual é a mente "localizada", a mente de Gstaad, da Suíça, a mente

inglêsa, a mente russa, etc., mas a mente humana não é a mente individual. A mente individual tem seu lugar próprio: cada um precisa ter emprêgo, ter dinheiro no banco, ter sua família; mas a mente individual jamais se tornará a mente humana. A mente humana é uma entidade imensa que vive há dez milênios e mais, e é esta atormentada mente humana que será capaz de compreender uma dimensão totalmente nova, incontaminada pelo conhecido.

INTERROGANTE: Eu gostaria de compreender o significado de um espaço em que não existem o observador e o objeto observado.

KRISHNAMURTI: Só um espaço conhecemos: o espaço constituído pelo observador e o objeto observado. Olho êste microfone na qualidade de observador, e há o objeto que observo — o microfone. Há espaço entre o observador e o objeto observado. Êsse espaço é distância-distância, que é tempo. Há o observador e a distância entre êle e uma estrêla, entre êle e uma montanha. Para transpormos essa distância necessitamos de tempo. Quanto mais rápido viajarmos, tanto mais rápido transporemos êsse espaço, mas trata-se sempre do observador, a mover-se em direção à coisa observada.

Perguntais qual é o outro espaço, diferente dêste. Não posso dizê-lo. Só posso dizer-vos que, enquanto existir o espaço constituído pelo observador e o objeto observado, o outro não existirá. Disse também o orador que há uma maneira de dissolver o observador que está sempre a criar o espaço constituído pelo observador e o objeto observado. Êsse espaço, por mais que o dilatemos, existirá sempre. Lá no alto passa um avião. Vós, como observador, como ouvinte, estais escutando aquêle barulho. Vós, o ouvinte, aqui, e o som lá. Há um vão. Êsse vão é um intervalo de tempo, o qual se vai dilatando mais e mais, expandindo-se no Universo. Há sempre o observador e há sempre o objeto observado: vós-vossa espôsa; vós-vossa casa; vós-o rio; vós-vossa pátria; vós-o govêrno; eu, como comunista, muçulmano, o que quer que eu seja — e o não comunista, o ateísta, o bárbaro. Enquanto existir êsse espaço, enquanto houver contradição, haverá necessàriamente conflito. Para libertar a mente do observador, não podeis de modo nenhum fugir. Não fujais; não busqueis. Enfrentai o fato — o que sois; não o traduzis em têrmos do que pensais ser ou

deveríeis ser. Quando enfrentais o fato — o que realmente sois — sem fugir, sem lhe dar nome, sem a palavra, o fato se torna completamente diferente. Se assim procederdes com tôda reação, com cada movimento do pensamento, estareis libertado do observador; haverá então uma dimensão do espaço totalmente diferente.

INTERROGANTE: Como experimentar essa diferente dimensão do espaço?

KRISHNAMURTI: Vós estais de pé, aí, e eu sentado aqui; só isso. Só conheceis o espaço entre vós, aí de pé, e mim; entre vós e a montanha; vós e vossa espôsa; vós e uma árvore; vós e vossa pátria. Quando só conheceis êsse espaço, nunca estais em contacto com coisa alguma. Estais no isolamento. Quando não há espaço entre vós, como observador, e eu, como objeto observado, tôda a vida se torna contacto. E é só.

INTERROGANTE: Credes que vem a liberdade, quando a pessoa está amadurecida?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, eu não creio em nada. *(risos)* Não riais, por favor; o que estou dizendo é muito sério. Por que devemos crer em alguma coisa, inclusive discos voadores? Por que devemos crer que há Deus ou que não há Deus? Ou há, ou não há. Por que crer? Se se percebe isso, adquire-se uma mente extraordinária. A liberdade vem na hora marcada? Ela vem a todo aquêle que sente verdadeiro interêsse em investigá-la. Não há tempo, para se alcançar a madureza; não precisamos de envelhecer ou de atuar virtuosamente, para a alcançarmos. A madureza não vem com a idade, o crescimento do corpo. Vem, quando a pessoa compreendeu que não há nenhuma possibilidade de fuga. Quando vemos a vida tal qual é, quando nos vemos tais como somos — daí podemos partir.

31 de julho de 1966